UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

EVERTON DE LIMA SILVA

VOCÊ É MUITO NOVA PRA BRINCAR DE MORRER...

UMA ETNOGRAFIA COM JOVENS E ADOLESCENTES QUE PRATICAM A AUTOMUTILAÇÃO

JOÃO PESSOA – PB
2017

EVERTON DE LIMA SILVA

VOCÊ É MUITO NOVA PRA BRINCAR DE MORRER...
UMA ETNOGRAFIA COM JOVENS E ADOLESCENTES QUE PRATICAM AUTOMUTILAÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, como etapa para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Professora Dra. Mónica Franch.

JOÃO PESSOA – PB
2017

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586v Silva, Everton de Lima.
Você é muito nova pra brincar de morrer...ou uma etnografia com jovens e adolescentes que praticam a automutilação / Everton de Lima Silva. - João Pessoa, 2017.
133 f. : il.

Orientação: Mônica Lourdes Franch Gutierrez.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Antropologia - Jovens. 2. Automutilação. 3. Socialidade. 4. Redes sociais - WhatsApp. I. Gutierrez, Mônica Lourdes Franch. II. Título.

UFPB/BC CDU 572.029-053.6(043)

Elaborado por WALQUELINE DA SILVA ARAUJO - CRB-15/514

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PPGA
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

EVERTON DE LIMA SILVA

"Você é muito nova pra brincar de morrer ou Uma etnografia com jovens e adolescentes que praticam a automutilação"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: aprovado

Em: 31 de agosto de 2017.

Banca examinadora

Profa. Dra. Mônica Lourdes Franch Gutierrez
(orientador)
PPGA/UFPB

Profa. Dra. Ednalva Maciel Neves
(examinador interno)
PPGA/UFPB

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi
(examinador externo)
PPGS/UFPE

Ao meu pai e à minha mãe, com grande afeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus com eterna gratidão, sem o qual este trabalho não existiria, nem teria razão de ser.

Ao meu pai, generoso, sonhador, cumpriu o seu papel com valentia. A gratidão vai junto com a saudade. À minha mãe que sempre esteve ao meu lado. A Elvisson, Mariana, e a Pedro Henrique que nasceu na época que fiz a seleção do mestrado e hoje já pergunta se o titio está trabalhando no computador. A minha família que me deu as bases para ser quem eu sou.

A Thiago e Elizabeth André, pela amizade, por sempre serem solícitos em contribuir com minhas pesquisas. Pelos dias de escrita que estive com vocês, seja na casa, seja no laboratório de Termodinâmica da UFRN!

A Robson e Suelem, pela amizade e, pelas vezes que precisei estar na casa de vocês para enviar os trabalhos.

A Roberto Martiniano da Silva Júnior, pela amizade e por toda ajuda.

À Luana Santos Cunha pela amizade e pelas conversas de sempre.

A todos os colegas da minha turma de mestrado. Certamente tenho muita alegria de ter sido vosso colega.

À Mónica Franch, muita gratidão por ser a melhor orientadora que já conheci, pela orientação séria, pelo incentivo, pelas conversas e pela compreensão. Ao CNPQ/ Capes pela bolsa de mestrado, indispensável incentivo para o progresso das ciências no país. Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, lugar onde espero ter aprendido e crescido durante o mestrado.

Às professoras Ednalva Maciel e Márcia Longhi pelas contribuições que deram na qualificação desta dissertação. Aos professores Ednalva Maciel Artur Perrusi que aceitaram o convite para fazer parte da banca de defesa do mestrado.

Aos amigos e irmãos que oraram, torceram e se mostraram interessados na pesquisa.

A todos informantes: Rayara Nantes, Larissa Amarante, Fernanda Nathany, Isabelle e todos, que fizeram parte dos grupos do WhatsApp e do Facebook. Muito grato. Espero que este trabalho seja aprovado por vocês e contribua para

despertar outras pessoas para se sensibilizarem e compreenderem, ou melhor, se porem na pele de quem se corta.

RESUMO

Esta dissertação discorre sobre o fenômeno conhecido como automutilação. Trata-se de uma prática usualmente ligada a pessoas jovens, majoritariamente adolescentes, e do sexo feminino, que têm como uma de suas características o fato de as pessoas ocultarem seus sinais. Silenciada no cotidiano presencial, a automutilação, entretanto, é visível e presente nas redes sociais, especialmente no Whatsapp. A pesquisa aqui apresentada acompanhou este fenômeno, a partir da inserção do seu pesquisador em diversos grupos de Whatsapp e, em menor medida, do Facebook. A automutilação tem um aspecto de anti-estrutura, de anomia. A conduta de se cortar é representada até em música como uma “saída de emergência”. Um automutilador pode passar semanas sem se cortar e, por algum motivo voltar a se ferir numa sequência superior à anterior ou ainda pode ser coagido a deixar de se cortar, pode fazer terapia, substituir a automutilação por alguma outra conduta, entre outras atitudes. Tentar fazer um quadro estático sobre automutilação não parece uma atitude aconselhável, visto que quem se corta está frequentemente flertando com a instabilidade, fuga, desespero, apelo ao prazer, etc. O que se pode esperar de um grupo de Whatsapp para pessoas que praticam automutilação? Há um grupo de pessoas que estão fugindo de uma série de socialidades outras que não as comportam. Afirmei que as pessoas com as quais convivi estão fugindo de várias socialidades, muito embora eles se refiram e vejam “a sociedade” como uma vilã. Nos grupos de Whatsapp para pessoas que se cortam eu vejo um espaço de refúgio, onde o que garante a aceitação é a condição de igualdade frente a automutilação. Nesses espaços as pessoas se apresentam e se representam de uma forma diferente daquela quando estão fora do grupo. Nesses grupos os automutiladores estão inventando sua socialidade por meio de sua agência, uma agência que ensaio chamar de difusa ou negativa pelo próprio fato de, nas suas representações, os automutiladores geralmente associarem sua prática ao suicídio, ao sofrimento, entre outras aflições.

Palavras-chave: Automutilação; socialidade; redes sociais; adolescência.

ABSTRACT

This dissertation discusses the phenomenon known as self-mutilation. It is a practice usually linked to young people, mostly teenagers, and female, who have as one of their characteristics the fact that people hide their signs. Silenced in face-to-face everyday, self-mutilation, however, is visible and present in social networks, especially in WhatsApp. The research presented here followed this phenomenon, from the insertion of its researcher in several groups of WhatsApp and, to a lesser extent, of Facebook. Self-mutilation has an anti-structure, anomie aspect. The conduct of being cut is even represented in music as an "emergency exit". A self-mutilator can spend weeks without cutting himself and for some reason injure himself in a higher sequence than he or she may be coerced to stop cutting himself, can do therapy, substitute self-mutilation for some other conduct, among other attitudes. Trying to make a static picture about self-mutilation does not seem advisable, since one who cuts himself is often flirting with instability, flight, despair, appeal to pleasure, etc. What can you expect from a WhatsApp group for people who practice self-mutilation? There are a group of people who are fleeing from a host of other socialities that do not behave. I have said that the people with whom I live are fleeing from various socialities, even though they refer to and see "society" as a villain. In WhatsApp groups for people who cut themselves I see a place of refuge, where what guarantees acceptance is the condition of equality against self-mutilation. In these spaces people present themselves and represent themselves differently than when they are outside the group. In these groups, self-infiltrators are inventing their sociality through their agency, an agency that they call diffuse or negative by the very fact that, in their representations, self-perpetrators often associate their practice with suicide, suffering, and other afflictions.

Keywords: Self-mutilation; socialities; social networks; adolescence.

LISTA DE SIGLAS E EXPRESSÕES UTILIZADAS NOS GRUPOS DE WHATSAPP E FACEBOOK PARA PESSOAS QUE SE CORTAM

Adm- Administrador (a) (es) dos grupos

AM- Automutilação

Cmg- Comigo

Ctg- Contigo

Eh- É

Flw- Falou!

Hj- Hoje

Mds- Meu Deus!

MT- Muito

N ou nn- Não

Ngm- Ninguém

Obg ou obgd- Obrigado

Pfv- Por favor

Pq- Porque (serve para perguntas e respostas)

Pv ou Pvd- Privado

S ou ss- Sim

Tbm ou tb- Também

Td- Tudo ou todo

Tmp- Tempo

Vc- Você

Vdd- Verdade

Vlw- Valeu**!**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem de perfil de grupo do WhatsApp para automutiladores. 21
Figura 2 – Imagem compartilhada em grupo do WhatsApp para automutiladores 59
Figura 3 – Imagem de perfil de grupo do WhatsApp para automutiladores. 61
Figura 4 – Imagem de perfil de grupo do WhatsApp para automutiladores. 64
Figura 5 – Imagem postada em grupo do WhatsApp..... 96
Figura 6 – Retirada de https://m.facebook.com/FJUOficial.com/FJUOficial/?tsid 99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ 12
1.2 DO QUE ESTOU FALANDO? 14
1.3 DE COMO CHEGUEI AONDE ESTOU 16
1.4 SOBRE O RITO DA PESQUISA 18
2 ATO I – PELE: DE QUE CORPO ESTAMOS FALANDO 21
2.1 O QUE É AUTOMUTILAÇÃO? 21
2.2 O AUTOMUTILADOR E O SEU CORPO 27
2.3 CORPO COMO PORTAL DA LIBERDADE 34
2.4 CARNE E PEDRA 36
2.5 “O MANTO DA ESCURIDÃO” 38
3 ATO II – CORTES: ENSAIO DE UMA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE ENTRE AUTOMUTILADORES 43
3.1 EM DEFESA DO MEU CAMPO 43
3.2 REDES SOCIAIS COMO BASTIDORES DA AUTOMUTILAÇÃO 46
3.3 A ANTROPOLOGIA DO CIBERESPAÇO 48
3.4 ADMIRÁVEL MUNDO NOVO 51
3.5 RETRATO DA PESQUISA 57
3.6 QUE NOME DAR? 60
3.7 QUERIDAS LÂMINAS 62
3.8 WHATSAPP X FACEBOOK 65
3.9 INTERAÇÃO NO WHATSAPP 65
3.10 AUTOMUTILAÇÃO, INVISÍVEL PARA QUEM? 68
3.11 MOMENTOS CRÍTICOS 71
3.12 ME CHAMA NO PRIVADO 76
3.13 SILENCIAMENTO E/ OU FIM DOS GRUPOS 77
3.14 FACEBOOK 84
3.15 MEA CULPA 85
3.16 DUAS PÁGINAS, DUAS FACES E UMA ADM 86
3.17 AUTOAJUDA OU TEMA LIVRE 87
3.18 PERSONA NON GRATA 90

4 ATO III – CENA: AUTOMUTILAÇÃO E INVENÇÃO DA CULTURA 93
4.1 MANDA MÚSICAS DEPRESSIVAS 94
4.2 DA TELA AO TEMPO – OS EFEITOS DO SERIADO OS TREZE PORQUÊS 98
4.3 A BALEIA ASSASSINA 104
4.4 FILMES 106
4.5 PAINFUL SECRETS 107
4.6 BORDERLINE 108
4.7 QUAL A ESTÉTICA DA AUTOMUTILAÇÃO? 111
4.8 AUTOMUTILAÇÃO COMO RESISTÊNCIA OU DENÚNCIA NA PELE. 113
4.9 AUTOMUTILAÇÃO E INVENÇÃO 116
5 CONCLUSÃO 118
5.1 THATCHER, STRATHERN, AS CRIANÇAS E A AUTOMUTILAÇÃO... 118
5.2 NEM TANTO AO CÉU, NEM TANTO AO MAR 119
5.3 CHIFRE NA CABEÇA DE CAVALO? 121
5.4 A PRÁTICA 123
5.5 HÁ AGÊNCIA E INTENCIONALIDADE NA PRÁTICA DA AUTOMUTILAÇÃO? 124
5.6 MAN AGAINST HIMSELF? 127
BIBLIOGRAFIA 129

1 INTRODUÇÃO

1.1 LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ[1]

O trabalho que ora apresento dá sequência a meus estudos a respeito de pessoas que se cortam. Esta temática já foi por mim abordada na monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais na UFPB (LIMA, 2014). Naquele momento, eu estava dando aulas em duas escolas, uma da rede pública de ensino e a outra da rede privada. Precisava terminar minha graduação, mas ainda não tinha um tema de pesquisa. O momento decisivo para mim foi quando uma aluna do primeiro ano do ensino médio veio falar comigo no horário do intervalo. Eu me encontrava descontraído, próximo à escadaria da escola quando ela, um tanto tímida, perguntou se poderia fazer uma sugestão de atividade para eu propor para sua turma. Perguntei então qual era a ideia e ela me falou para eu passar uma atividade de pesquisa sobre bullying e automutilação. Quis saber então o que levava alguém a se automutilar e a garota disse: “por causa da sociedade’. E continuei: e o que é que a sociedade faz? A garota concluiu: ‘Ela faz bullying com as pessoas’”. (Extraído do diário de campo)

Apesar do impacto da sugestão da aluna e do fato de ela me dizer que se cortava, eu não acatei a proposta dela nem fiz coisa alguma a respeito do que ela havia me dito. Meses depois, entretanto, em leituras que fazia no intuito de encontrar alguma temática que eu pudesse tornar meu projeto de pesquisa, me deparei com um artigo sobre a atualidade do pensamento de Erving Goffman. Nesta leitura voltei a me deparar com a noção de estigma, e por sua vez me lembrei da aluna que me dissera que se cortava. A princípio, a associação que fiz entre automutilação e a noção de estigma fora a mais básica possível: para mim estava lidando com um caso (que logo mais se tornariam vários) de uma pessoa que levava em seu corpo uma marca que ao mesmo tempo são causa e consequência de discriminação alheia. No caso que estudo, as marcas são corporais, mas a noção de estigma vai para além

[1] A frase deriva do outro título que se pode dar ao livro “O Hobbit” de J.R.R. Tolkien (no original, “The Hobbit, or There and Back Again”). Ao dizer “Lá e de volta outra vez” estou tentando indicar que a pesquisa que descrevo ao longo deste trabalho representa, para mim, um retorno a um tema que já pesquisei em outra oportunidade.

disso, fala também de marcas na biografia ou que de alguma forma não são perceptíveis visualmente por se tratarem de distúrbios mentais ou de alguma outra ordem que ao mesmo tempo são causa e consequência de discriminação alheia. No decorrer da pesquisa, descobri que outros conceitos de Goffman (1980, 1985) são úteis para o meu trabalho. Como exemplo cito as ideias goffmanianas de "encobrimento", "manipulação do controle expressivo", "bastidores", "representação do eu", entre outras que irei discutindo ao longo desta dissertação.

Voltei à garota e trouxe-lhe à memória a conversa que havíamos tido há alguns meses e ela reafirmou tudo que me dissera anteriormente. Aprofundei a conversa e soube de mais detalhes sobre a relação daquela aluna com a automutilação. De posse destas informações iniciais travei conversa e consegui o apoio e orientação da professora Mónica Franch na pesquisa que desenvolvi nas duas escolas onde trabalhava. Para minha surpresa, a automutilação era (e é) um fenômeno mais corriqueiro do que podia imaginar. Gradativamente fui conhecendo as histórias de alguns alunos relativas à automutilação que lhes era presente ou passada.

Como o tema automutilação era muito novo para mim (e creio que em certo sentido ainda é), tentei reunir toda informação que naquele momento estivesse ao meu alcance para entender esse fenômeno. Assim, na monografia apresentei algumas representações que se fazem do tema, seja na psicologia e psiquiatria (campos que já têm estudado sobre automutilação há um tempo considerável), na música, no cinema etc. Dois aspectos interessantes contemplados naquele trabalho foram: apresentar a automutilação como uma prática social (para além do olhar das ciências psi) e como uma espécie de rito de impasse, o que fiz baseando-me em Machado Pais (2009) e em Le Breton (2010).

Além disso, eu apenas pontuei sobre as páginas da internet: do Facebook, Tumblr e blogs que versam sobre automutilação. Na pesquisa, inclusive, fiz o acompanhamento de blogs e mantive contato com uma blogueira no momento de escrita da monografia. Não foi possível incluir na monografia as observações das páginas da internet sobre automutilação por alguns motivos. O foco da pesquisa eram os meus alunos que se cortavam, portanto eu estava pesquisando com pessoas do/no mesmo ambiente onde eu trabalhava e isso me leva a outra questão: a carga horária que eu tinha era de 35 horas/aulas semanais, o que só me possibilitava

pesquisar nas brechas, ou mais precisamente, nos intervalos das escolas onde trabalhei e nas aulas vagas. Desnecessário é dizer que não dispunha de tempo para pesquisar sobre automutilação para além dos meus contatos com os alunos de então.

No mestrado, segundo momento de pesquisa, eu estive de volta com o tema da automutilação, contudo, não mais para tratar com aqueles que hoje são meus ex-alunos (pois, uma vez ingresso no mestrado foi necessário que eu saísse das escolas). O enfoque foi para os atores que praticam a automutilação e que têm em grupos de redes sociais tais quais o Facebook[2] e o WhatsApp[3] como dois de seus principais palcos de maior atuação.

1.2 DO QUE ESTOU FALANDO?

Automutilação, também conhecida como autolesão, autodano, entre outros termos, é uma palavra usada para se referir a práticas tais como esmurrar-se, arrancar os cabelos, queimar-se, furar-se, cortar-se e etc. Das práticas que acabei de elencar, ressalto que este estudo privilegia o ato de se cortar. De agora em diante todas as vezes que me referir à automutilação estarei me referindo única e exclusivamente sobre a prática que alguns indivíduos têm de se cortar, bem como às representações associadas a ela.

A automutilação pode ser vista por variados prismas que formam a mesma figura, podendo ser entendida como uma “conduta de risco”[4]. As condutas de risco são maneiras ambivalentes de lançar um apelo às pessoas mais próximas, àquelas com quem contamos. Elas são uma forma última de produzir sentidos e valores, testemunhando a resistência ativa dos jovens e de suas tentativas de estar no mundo. As provas que os jovens se infligem espontaneamente no grupo, mesmo se perigosas e dolorosas, correspondem a esta necessidade interior de se transformar e renascer para outra versão de si próprio, melhorada, após uma aproximação, real ou simbólica,

[2] Rede social onde as pessoas postam algo sobre si ou sobre o que pensam, seja escrevendo ou por meio de imagens e vídeos. Além disso, esta rede permite a formação de grupos fechados e abertos e também tem a opção do chat para quem queira conversas particulares. O Facebook é a mais popular rede social com mais de um bilhão de usuários

[3] Sendo este último um aplicativo de comunicação de mensagens de texto, compartilhamento de vídeos e imagens.

[4] Neves e Jeolás (2012).

com a morte (LE BRETON, 2012), uma espécie de “fato social” (CASADÓ, 2011), uma patologia ou característica de um transtorno como indicam alguns profissionais da psicologia e psiquiatria. Dependendo da perspectiva[5] que se adote, a primeira e a terceira opção que acabo de assinalar podem se tornar num mesmo discurso, a partir do momento que se patologiza toda espécie de comportamento que pareça desviante da norma.

Além dos prismas que acabo de citar, há outros recortes ou enfoques por meio dos quais se pode analisar o fenômeno da automutilação, a saber: interessa àqueles que se debruçam nos estudos sobre o corpo (já que se trata de uma prática que se inscreve literalmente na pele dos indivíduos); tem um viés de gênero que é marcante pelo fato de que a maioria absoluta das pessoas que se cortam são garotas. Por vezes, os títulos de páginas do Facebook, Tumblr e grupos do WhatsApp podem ter uma conotação voltada para o universo feminino. Os vídeos de depoimentos sobre automutilação no Youtube são feitos majoritariamente por garotas e as canções voltadas para essa temática se dirigem às garotas. Também há o fator geração: é inegável que a maioria das pessoas que se cortam são jovens e adolescentes, sobretudo adolescentes. A maior parte das pessoas que se cortam afirma que começaram com essa prática por volta dos doze ou treze anos de idade, período que marca o fim da infância e início da adolescência. Não é à toa que um dos filmes mais comentados por pessoas que se cortam se chame “Aos Treze”[6].

Fora o que dizem os detentores do saber médico ou acadêmico de outras áreas, há o discurso que as pessoas que se cortam fazem acerca da automutilação, conceituando-a como uma espécie de válvula de escape, “saída de emergência” ou ainda de outras formas. Apesar dos conceitos que alguns pesquisadores têm atribuído à automutilação (conceitos estes que respeito e os apresentarei mais adiante), neste trabalho, o objetivo é privilegiar a versão que o nativo apresenta e sua capacidade de inventividade, seguindo a inspiração de Wagner (2010), segundo o qual a antropologia é um processo de fabricação e invenção de culturas. Isso quer dizer que tanto o antropólogo quanto o nativo fazem cultura. Para além disso, a noção de socialidade será importante quanto aos nativos da pesquisa.

---

[5] No segundo ato, quando falo sobre as representações feitas sobre a automutilação falo melhor sobre isso.

[6] Aos Treze. Direção: Catherine Hardwicke. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2003. Título Original: Thirteen.

1.3 DE COMO CHEGUEI AONDE ESTOU

Desde o momento que fiz o projeto de pesquisa que foi avaliado pela comissão da seleção de mestrado na qual fui aprovado, já estava certo de que pesquisaria sobre automutilação na internet. Mas imaginava que meu trabalho seria o de acompanhar blogs e páginas do Facebook que tivessem como assunto principal a automutilação. Nisto consistia meu projeto: pesquisar sobre automutilação na internet. Como se sabe, a grande maioria das pessoas que se cortam não andam por aí expondo suas cicatrizes ou falando abertamente sobre esta sua prática pela razão de que isto poderia fazer com que ficassem estigmatizadas. Por outro lado, a internet permite a criação de fóruns para interação a partir de grupos nas redes sociais ou até mesmo a criação de blogs onde a identidade da pessoa fica preservada pela criação de um perfil com um outro nome e com uma outra foto que não a da pessoa.

Ainda no período em que fiz minha pesquisa para monografia, pude curtir algumas páginas de comunidades no Facebook e acompanhar dois blogs sobre automutilação (para dizer a verdade, um desses blogs é sobre TPB- Transtorno de Personalidade Borderline, e como este "transtorno" tem como uma de suas características o fato de que seus "portadores" podem apresentar casos de automutilação, então resolvi acompanhar esse blog também). Apenas em um desses eu consegui conversar com a administradora e conhecer a história dela e a partir disso me aproximar mais das condutas e aspectos da vida de um automutilador.

Passado o período da monografia e já na condição de aluno de mestrado, voltei às páginas que havia curtido no ano anterior e o que vi? As páginas estavam desatualizadas e os blogs também. Conversei com a blogueira com quem já havia interagido anteriormente e ela me disse que estava em outra fase da vida dela: entre idas e vindas na sua fé (ela é evangélica), ela voltara à igreja e estava se relacionando com um rapaz com o qual com um pouco mais de tempo se casaria. Ela já evitava falar sobre automutilação. Isso, aparentemente já é parte de seu passado[6].

[6] Entretanto, aproveitando este momento de escrita para voltar à página do Facebook que a referida blogueira mantém como blog, acabo de notar que na descrição do blog ela mantém a frase "não importa quantas marcas você tenha nunca é tarde para recomeçar". Para mim fica claro que, ainda que ela não se corte mais, essa prática passada ainda ocupa um lugar de relevância na sua memória.

Após perceber que as páginas do Facebook e blogs com os quais eu contava para fazer a minha pesquisa estavam desatualizados fui informado por um amigo de uma matéria de jornal sobre a existência de grupos do Facebook feitos por e para automutiladores. Foi então que, no próprio buscador desta rede social, eu procurei por grupos relacionados a meu assunto de pesquisa. Encontrei alguns e enviei o pedido para que me adicionassem. No meu afã de ser logo adicionado e também para evitar que meu pedido de aceite fosse recusado pelas moderadoras dos grupos (pois o que poderia pesar contra mim é o fato de eu ser um homem adulto querendo ser adicionado em grupos compostos em sua grande maioria por garotas adolescentes), enviei para elas mensagens me apresentando e falando do meu intuito em entrar naqueles grupos. Cheguei inclusive a enviar cópias em formato PDF da minha monografia, para provar que meu objetivo de acessar aqueles grupos era tão somente para a minha pesquisa.

Finalmente fui adicionado em alguns grupos para a minha alegria, que logo se converteria em desespero, isto é, o meu desespero aumentou quando percebi que os grupos estavam tão parados quanto as páginas que havia visto na monografia. Nos grupos do Facebook praticamente não havia postagens recentes, a impressão era que os grupos também estavam desatualizados. Não me pareceram interessantes. Procurei falar com uma moderadora de página e ela me disse que seria interessante que eu entrasse em grupos do WhatsApp. Voltando a olhar aqueles grupos do Facebook que não me pareciam em nada interessantes, percebi que as mensagens postadas mais recorrentes propagandeavam a criação de grupos no WhatsApp e o chamado para que quem quisesse fazer parte disponibilizasse seu número de telefone.

Foi aí que ocorreu uma reviravolta inesperada na minha trajetória de pesquisa. Não estava previsto no meu projeto inicial de pesquisa de mestrado que além de páginas e blogs na internet, eu também faria pesquisa em grupos do WhatsApp. No momento que fui indicado e adicionado em grupos desta rede social fui tomado da emoção de estar pesquisando algo, que para mim era novo, e este novo me era imposto pelo campo. Penso que algo assim sucedeu com Evans-Pritchard quando ele estava entre os Nuer a fim de estudar organização política entre aquele povo. Entretanto, aos Nuer não lhes interessava minimamente as questões do projeto inicial

de Evans-Pritchard (1978), voltado para organização político-social: o que aquele povo mais costumava a falar era sobre vacas. Ciente de que nada mais lhe restava a fazer, o sábio antropólogo inglês se rendeu à temática que o campo lhe impunha, não havia outra alternativa senão *cherchez la vache*.

Ingresso em grupos do WhatsApp fiquei fascinado daquilo que se me afigurava como um "admirável mundo novo". A dinâmica e a sensação de proximidade que este aplicativo permite nos grupos me surpreendia. Não era que fosse novidade para mim a interação por meio do WhatsApp, o que me motivava era ver os automutiladores[7], isto é, as pessoas que se cortam, nos grupos interagindo desinibidamente sobre seus cortes e assuntos relacionados a isso, ou não, postando fotos, vídeos e áudios. As informações se multiplicavam de forma assustadora. Logo no início da pesquisa havia grupos que tinham mais de quatrocentas notificações por dia!

Passei meses focado apenas nas interações ocorridas nos grupos do WhatsApp, para só depois de um certo (e longo) tempo voltar a atenção também para os grupos do Facebook e perceber que eles não são tão desinteressantes como me pareceram outrora. Questões referentes à ética dos grupos (regras de interação que podem ser colocadas pelos seus administradores) e as lições que podem ser extraídas das conversas e atritos que ocorrem nestes grupos são de grande importância para este trabalho.

1.4 SOBRE O RITO DA PESQUISA

O objetivo geral deste trabalho é o de, por meio de uma etnografia, compreender como as pessoas que se cortam estabelecem meios de interação com vistas a compartilhar de suas experiências que falam de sofrimento, dor, depressão, prazer e transtornos nas redes sociais, com destaque para grupos do Facebook e WhatsApp (o que não exclui eventuais menções de outras redes sociais tais quais Youtube, Tumblr, Wattpad, etc.). Contando com todo o vasto repertório de redes

[7] Convém dizer que foram raríssimas as vezes em que a palavra "automutiladores" apareceu no meu campo como uma expressão nativa. Numa destas ocasiões a palavra fora usada como título de grupo de WhatsApp. Eles falam em "pessoas que se cortam", e há algumas palavras como "anjos", "suicidas" e ainda outras que são utilizadas pelos nativos, e que discutirei ao longo da dissertação.

sociais, músicas, filmes e campanhas, as pessoas que se cortam criam seu próprio mundo seja por estarem ou se sentirem deslocados do mundo normal, seja porque a possibilidade de criar seu próprio mundo com pessoas que compartilham de suas mesmas práticas as torne mais fortes (como as vezes uns dizem para os outros o jargão da cantora e ícone adolescente Demi Lovato: Stay Strong).

De modo específico, primeiramente analiso que apresentações e usos sociais do corpo são feitos pelos indivíduos que se cortam e que integram os grupos de WhatsApp e Facebook dos quais participei na condição de pesquisador. Em segundo lugar, discuto as representações feitas sobre a automutilação na música, cinema e literatura, para depois buscar compreender os grupos voltados para praticantes da automutilação como “bastidores” da vida social geral onde eles atuam de uma forma onde podem falar com uma certa liberdade sobre o fato de se cortarem. Em terceiro lugar, busco entender motivações referidas pelos praticantes a tomarem a automutilação como modo de estar-no-mundo num contexto relacional. Finalmente, discuto sobre que tipo de interação social é esta desenvolvida pelos sujeitos da pesquisa que desenvolvi.

Quanto à estrutura do trabalho (que como perceberá o leitor, anda lado a lado com os objetivos da pesquisa), ele está dividido em atos, como na lógica de uma peça de teatro. A razão disso tem inspiração em Goffman, mas também na leitura que fiz de Hamlet, na época da qualificação. Cada ato, um capítulo: onde, no primeiro capítulo, “Pele”, tento responder à pergunta: de que corpo estou falando? Neste capítulo, o objetivo é fazer uma revisão bibliográfica quanto ao que se tem produzido acerca da antropologia e sociologia do corpo. Em outras palavras, pretendo responder à pergunta: por que um estudo sobre automutilação importa para a sociologia e a antropologia do corpo? Vale dizer que neste capítulo as noções de gênero e geração estão presentes, já que a maior parte das pessoas que praticam a automutilação serem garotas adolescentes.

No segundo ato, intitulado “Cortes, Ensaio de uma observação participante entre automutiladores”, pretendo fazer a descrição propriamente dita da pesquisa de campo, isso quer dizer como a pesquisa começou, as principais dificuldades e aprendizagens. É neste momento que aproveito para justificar a possibilidade de usar as redes sociais como campo de pesquisa. Também discuto as dificuldades e dúvidas

que esse tipo de estudo levanta e situo o modo como este se torna o melhor caminho para investigar certas práticas, como ora o cutting.

No terceiro ato, “Cena, Automutilação e Invenção de Cultura”, falo dessas representações na literatura, música, cinema e televisão. Algumas dessas representações são muito utilizadas pelas pessoas que se cortam, como se denominar borderline, ou assistir a filmes e ouvir músicas como “moça, sai da sacada, você é muito nova pra brincar de morrer”.

Na conclusão me interrogo acerca de que tipo de interação é essa que meus interlocutores de pesquisa estão empreendendo. Em outras palavras: os grupos de Facebook e WhatsApp que pesquisei formam grupos sociais? É na conclusão que discuto sobre isso recorrendo a uma leitura onde pretendo articular Goffman aos autores envolvidos nos debates acerca da obsolescência do conceito de sociedade, pensando especificamente na prática e no ambiente que eu abordei.

Para encerrar esta parte do trabalho, não poderia deixar de dizer que o título do trabalho é uma alusão à letra da música “Amianto” do grupo SuperCombo. Esta música foi bastante utilizada durante um certo tempo nos grupos que participo e participei, de modo que me pareceu representativo dos sujeitos de minha pesquisa usar esta fala tão comum para alguns deles.

2 ATO I – PELE: DE QUE CORPO ESTAMOS FALANDO?

Figura 1- Imagem de perfil de grupo do WhatsApp para automutiladores.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.2 O QUE É AUTOMUTILAÇÃO?

> A: Pessoal, ajudem-me, hoje pela primeira vez eu me fiz mal... Eu dei umas fortes bofetadas na minha cara.... Estou me tornando uma autodestrutiva também?
> M: Mas não é automutilação. Automutilação não é a dor destes 4 segundos por causa de um tapa, a automutilação é quando choras e ninguém te ouve, e não entendem que esse sorriso que você leva é apenas uma máscara.
> Tu não és uma autodestrutiva.
> (trecho de conversa retirada do Facebook)

Nada melhor do que começar por conceituar a conduta que é comum entre todos aqueles que são os meus interlocutores da pesquisa. Que tipo de prática é essa? Para as pessoas que se cortam, de acordo com o trecho de conversa acima, a automutilação não se resume ao ato de alguém ferir a própria pele. Pelo que se pode entender, a conversa acima é entre duas pessoas, sendo a que perguntou alguém que não se corta. Ela se agrediu por meio de tapas e pensou se isso não seria uma forma de automutilação. Mas o que mais chama a atenção é a resposta em destaque. Primeiro ela passa a autoridade de alguém que está legitimado a dizer o que é automutilação e o que não é devido a ser uma pessoa que se corta. Para esta pessoa a automutilação é mais do que se agredir, é sofrer a incompreensão, e por isso mesmo ter que representar um estado de ânimo diferente do real.

> Ao introduzir o tema, é importante esclarecer que uma primeira fonte de discordâncias na literatura científica é o uso dos termos autolesão ou automutilação. Para alguns autores, a autolesão é tida como um ferimento de menor gravidade e a automutilação, muito mais rara, seria um ferimento mais grave e geralmente associado a surtos psicóticos (Allen, 1995; Gratz, 2001). Outros utilizam "automutilação" para falar de ferimentos realizados pelo indivíduo em si mesmo, independente da gravidade (Lang, Barbosa & Caselli, 2009). (ARCOVERDE, 2013, ps. 13-14)

Arcoverde (2013), que fez a sua dissertação sobre "Autolesão e Produção de identidades" a partir da observação de comunidades no Orkut , antes de tudo, se questiona sobre qual o melhor termo para se dar à prática. Para tal, recorre aos termos ingleses "self harm" e "self injury", que são distintos de "self mutilation", sendo os primeiros ferimentos menos graves que o último. A conclusão é a seguinte:

> Dessa forma, neste trabalho, a palavra "autolesão" será privilegiada, seguindo a tradição dos países que publicam em inglês, mas principalmente por se entender que ela se aproxima mais do fenômeno em questão. Isso não significa a rotulação ou a inclusão desses sujeitos em categorias fechadas, visto que há permeabilidade entre as fronteiras das identidades e compreende-se que é difícil estabelecer um limite do que seria autolesão, automutilação ou outra forma de prática corporal autoinduzida (ARCOVERDE, 2013, ps. 14-15)

Por mais ressalvas que Arcoverde faça após justificar o uso do termo autolesão (e eu compreendo que, quanto ao que o termo mais correto, de fato, autolesão é um ferimento menos grave do que uma automutilação), ela não diz quais são os termos que as pessoas que foram seus informantes usam para se designar enquanto praticantes do ato de infligir ferimentos em si próprios. Para um trabalho como o dela, que tem o objetivo de falar sobre autolesão e identidades a partir da observação de comunidades do Orkut, seria interessante utilizar os termos que os seus nativos usam e, quanto aos termos que uma determinada literatura fala, estes devem ser apresentados como nomenclaturas diversas por mais referenciados que sejam.

Em certo momento da pesquisa também me preocupei acerca de que nome daria a prática das pessoas que se cortam.

Contudo, percebi que as expressões "automutilação" e "se cortar" estavam sendo utilizados a todo tempo pelos meus informantes que às vezes se chamam de "anjos" ou "suicidas". Eles ainda podem se referir ao ato de se cortarem como "cutting"

e a si próprios como “cutters”, embora tanto uma quanto outra expressão não foram recorrentes na pesquisa como foram as anteriores.

A maior referência acerca de automutilação na academia ultimamente no país, e que é recorrentemente chamada para dar entrevistas na televisão ou para outros meios de comunicação, é Jacqueline Suzy Giusti, psiquiatra do Hospital das Clínicas de São Paulo. Lá funciona o AMITI (Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso), aquele que, até onde sei é o único ambulatório no Brasil que entre outras especialidades, está habilitado a tratar de casos de automutilação. Diferentemente de Arcoverde, Giusti usa o termo automutilação apesar de destacar a tradução correta do termo em inglês utilizado pelos profissionais da área da psiquiatria nas discussões acerca de que lugar a automutilação deve ter no DSM.

> O grupo da Associação Psiquiátrica Americana (APA) responsável pelo capítulo dos transtornos psiquiátricos da infância e da adolescência, da 5.ª edição do DSM, propôs que a automutilação deve ser classificada como um transtorno à parte, quando o DSM V for publicado em 2013 (102). O grupo sugeriu o termo em inglês *“non-suicidal self-injury”* (“autolesão não suicida”) para definir a automutilação. Para o português ainda não há tradução e usaremos o termo “automutilação” para esta tese. (GIUSTI, 2013, p. 23)

Ainda na introdução ela diz textualmente que “no Brasil, não existem estudos sobre a automutilação” (GIUSTI, 2013). Independente do nome que se dê a prática, é importante notar que, ao passo que a antropologia quer valorizar o discurso nativo (e por isso, a antropologia tem menos dificuldade de chamar tal prática como o nativo a chama), a psiquiatria e a psicologia se preocupam necessariamente em diagnosticar o transtorno e tratá-lo. Enquanto, a psiquiatria, portanto, medicaliza e individualiza, a antropologia coletiviza e relativiza. Por isso, para mim, enquanto estudante de antropologia, é tão importante saber como as pessoas compreendem as práticas e comportamentos que me interessam. Franch (2017), relembra que, desde o início da antropologia houve quem se importasse da relação entre a disciplina com a psicologia.

> Considerado como um dos pais fundadores da antropologia, Marcel Mauss (2003) escreveu explicitamente sobre as relações entre ambas as disciplinas, defendendo certa complementaridade em que a antropologia, entretanto, teria papel prioritário, pois existiria uma precedência do social perante o individual. Deste lado do Atlântico, a escola Cultura e Personalidade foi além em seus diálogos, relacionando características de

> culturas concretas com tipos de personalidade, como uma forma de superar o etnocentrismo próprio de uma psicologia que tinha como único modelo as sociedades europeia e norte-americana. Foi deste modo que Margaret Mead (2001) contestou as teorias a respeito da fase adolescente como sendo uma etapa intrinsecamente problemática, perspectiva dominante nos meios profissionais e na opinião pública dos Estados Unidos dos anos 1920. (FRANCH, 2017)

Uma vez resolvida a questão do termo que usa durante toda a sua tese, Giusti conceitua o que entende por automutilação.

> A automutilação é definida atualmente como qualquer comportamento intencional envolvendo agressão direta ao próprio corpo sem intenção consciente de suicídio e não socialmente aceita dentro de sua própria cultura e nem para exibição. A definição exclui tatuagens e o “cutting” que tem objetivos estéticos. A automutilação costuma ser repetitiva, podendo ocorrer mais de 50 atos independentes num mesmo indivíduo, mas as lesões são geralmente superficiais e sem repercussões sistêmicas. A automutilação pode ser pensada por algumas horas, minutos ou menos antes de executar cada incidente, dependendo da situação e oportunidade. Não há associação de abuso de álcool ou drogas durante os incidentes de automutilação. (GIUSTI, 2013, p. 5)

No entendimento de Giusti a automutilação é intencional (ninguém se corta contra a própria vontade), não visa o suicídio, não é uma prática aceita socialmente, nem muito menos admissível que seja feita para que os outros vejam. Pode ser feita de diversas formas, mas quase sempre são leves. A automutilação, segundo a mesma autora, pode ser pensada, premeditada. Semelhante ao que diz Le Breton quanto a entender que na automutilação há uma consciência residual.

> Cuando el ataque al cuerpo se produce em essas circunstancias, sin verdadeiro motivo, no está desprovisto de una consciencia residual. El sujeto no se lastima en cualquier lugar ni de cualquier forma. Hay uma (antropo) lógica del acto, una coherencia, uma búsqueda de alivio y no de destrucción personal. La profundidad de las cortaduras y el lugar de su ejecución nunca son aleatórios. No se hacen en la cara o en los órganos sexuales (salvo excepciones). La vista ejerce un efecto de control del acto. Pero sobre todo materializa el sufrimiento en la forma de la incisión y la sangre. El choque de la mirada aumenta el choque de las sensaciones y vuelve más eficaz el alivio experimentado. (LE BRETON, 2012, p. 102).

A automutilação é feita, portanto, para Le Breton, com um propósito. Mas, ainda que seja feito de forma controlada o indivíduo que se corta, não tem total domínio de todas as consequências do ato de se cortar. A consciência aí seria residual. Isto pode ficar claro ao se perceber que as pessoas que se cortam não

fazem isso em qualquer lugar, nem em qualquer parte do corpo, e é feito com vistas a materializar um sofrimento. Mas, resta uma pergunta: se na automutilação a consciência é residual, qual a parte inconsciente? Talvez no fato de que o problema do sofrimento só seja resolvido provisoriamente, como o próprio autor escreve um parágrafo antes deste acima. O recurso ao corpo é um ato paradoxal, pois anula o sofrimento, mas por apenas um momento, ajuda a esquecer, mas atentando contra si mesmo.

> El alivio es provisorio y conviene reproducir el acto para rechazar de nuevo el desamparo y poder resistir. La insuficiencia de una relación sólida y confiada con el mundo hace que uno se vuelva contra sí mismo en uma espécie de cirugía brutal pero significativa, para encontrar, en lo más próximo a uno mismo, las referencias faltantes. En los momentos de crisis se imponen entonces esos momentos fulgurantes de recurso al cuerpo. (LE BRETON, 2012 p.102).

Para este mesmo autor, a automutilação tem a ver com os seus "comportamentos de risco".

> Los comportamentos de riesgo expresan conductas de los jóvenes que no disponen de recursos de sentidos para afrontar a su desasosiego desde el interior, por lo que deben expulsarlo fuera de si mismos. La tendencia a actuar es señalada por todos los expertos em la adolescencia: actuar descarga las tensiones internas y libera la angustia a falta de poder movilizar um pensamento sobre la situación. El actuar se impone a través de um cortocircuito del pensamiento, lo cual no quiere decir que el acto no tenga significación; por supuesto, tiene uma lógica propia, pero impide um pensamiento que es insoportable. Los ataques al cuerpo o los comportamientos de riesgo restablecen provisoriamente una salida de menor costo ante el presentimiento del derrumbe de sí mismo. "Hacen salir" el sufrimiento que bulle em el interior. Detienen la parálisis del pensamiento, incapaz de decir o cambiar las cosas. Le dan al joven la sensación de tener por fins su existencia entre sus manos. El adolescente intenta encontrar seguridad em sí mismo, somete a prueba su existencia, su valor personal. (LE BRETON, p.71, 2012)

A noção de comportamento de risco não é despropositada. Ela é acompanhada da ideia de que, por mais que seja uma atitude extremada, ainda assim, ela visa solucionar, mesmo que provisoriamente um problema que, sem essa válvula de escape, seria insustentável.

O conceito aparentemente mais completo que conheci para responder a pergunta inicial deste trabalho parece estar com Casadó (2011). Ela fez uma

pesquisa multisituada, traçando um riquíssimo trabalho acerca da automutilação que, entre outras vantagens, está para além das reiteradas visões patologizantes da psicologia e psiquiatria.

> Mientras disiento de los autores que aconsejan definir la acción autolesiva corporal como un trastorno bajo una categoría diagnóstica (Favazza, 1998; Klonsky, 2007; Whitlock, 2009 et al.), estoy de acuerdo con autores como Mauss (1979), que sostiene que toda sensación corporal al igual que cualquier movimiento o técnica corporal está afectada por la cultura, con Merleau-Ponty (1975) que considera que el cuerpo provee de una experiencia encarnada que emerge de su naturaleza orgánica y que proporciona una determinada forma de estar-en-el-mundo, y con la idea de que las metáforas sobre el cuerpo comunican, tanto sensaciones físicas como significados sociales, culturales, económicos y políticos (Turner, 1984 y Foucault, 1979), para mí, las acciones autolesivas corporales, en cuanto a metáforas corporales con significados, forman parte de un continuum en relación a la expresión de malestares por parte de nuestras jóvenes. Son expresiones que años atrás eran más somatizadas y que actualmente se expresan carnalmente. (CASADÓ, 2011, p. 14)

Nesta conceituação, vejo pelo menos a discordância da autora com autores das ciências *psi*, um retorno ao legado de Mauss e o seu entendimento sobre o corpo e as suas técnicas, uma menção à filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty e, finalmente, uma síntese, onde a automutilação é compreendida como a encarnação do sofrimento, ou metáforas corporais. A automutilação é boa para pensar sobre a centralidade do corpo como espaço da experiência humana.

Casadó (2011) começa bem o seu trabalho. Ela considera a automutilação como um fato social. E, na nota que faz sobre esse assunto, relembra que Durkheim queria se afastar de toda uma visão sobre os fatos sociais que parecessem com o senso comum[8].

> Utilizamos aquí el concepto *hecho social* trabajado por Durkheim en *las reglas del método sociológico* (1987). Para Durkheim la primera regla en relación a la observación de los hechos sociales es descartar sistemáticamente todas las nociones previas (corolario I para la observación de los hechos sociales). Durkheim señala que "*los hechos sociales son maneras de hacer y de pensar y son reconocibles por la particularidad de que son susceptibles de ejercer sobre las conciencias individuales una influencia coercitiva..."* (1987: 26). En el caso de las autolesiones corporales, las múltiples interpretaciones que se dan a un mismo acto nos llevan a considerarlos un hecho social sobre el cual se hace necesario desvelar las

[8] É por isso mesmo que eu digo que, As *Regras do Método Sociológico* está para a sociologia no seu período inicial, como O *Discurso Sobre o Método* está para a filosofia moderna. E convém lembrar que o próprio Durkheim faz uma relação do seu projeto sociológico com o que Descartes tinha para a filosofia no que se refere a ser a sociologia uma continuidade do projeto racionalista cartesiano. Aliás, a própria Casadó,

> *nociones vulgares* o *prenociones* (Durkheim (1987). El segundo corolario de las *reglas del método* tiene que ver con la identificación, objetivación del problema y en el tercero habla de que cuanto más desprendidos estén –los hechos sociales- de los hechos individuales, mas sencillo será representarlos objetivamente. (CASADÓ, 2011, p. 19)

Nesta compreensão da automutilação como fato social, é notório a necessidade uma explicação: a automutilação é uma espécie de rito privado. As pessoas que se cortam geralmente fazem isso sozinhas. Elas podem até começar a se cortar sem sequer terem ouvido falar em automutilação (a princípio custava acreditar nisso), mas a partir do momento que este ato passa a ser compartilhado entre outros semelhantes, associado às mais diversas representações, aí ele ganha uma face social e, portanto, se torna um fato social. É por não se entender a automutilação como um fato social que muitas pessoas o enxergam como um assunto exclusivo dos psicólogos e psiquiatras.

2.2 O AUTOMUTILADOR E O SEU CORPO

> A relação com o mundo de cada homem é, portanto, uma questão de pele, e de solidez ou não da sua função de contenção. Não estar bem em sua pele implica algumas vezes a reorganização de sua superfície para vestir uma nova pele e nela melhor se encontrar. As marcas corporais são balizas identitárias, formas de inscrever limites na pele, e não apenas enquanto metáfora (Le Breton, 2002). A pele participa intensamente no processo de separação-individuação que caracteriza a passagem do adolescente. (LE BRETON, 2010, p. 26)

A automutilação pode ser entendida como uma técnica do corpo, um habitus ou hexis no sentido empregado por Mauss (2003) posto que é uma espécie de conduta que possui uma dimensão cultural, ainda que em alguns poucos casos informantes me disseram que se cortaram “do nada”, sem anteriormente conhecerem alguém que se automutilasse. Apesar do início espontâneo de tal prática, a sua repetição e a forma como passa a ser vivenciada, segredada, apresentada e compartilhada faz parte de um jogo que é comum à maior parte das pessoas que tem em comum o automutilar-se.

Como toda técnica corporal, a automutilação tem forma, frequência, duração e ritmo. Na maioria das vezes, a frequência com que os automutiladores se cortam, sobretudo aqueles com os quais convivi, pode estar associada com gatilhos que

motivam eles a se cortarem. Mauss também percebera que as técnicas variam de acordo com o sexo, a idade e o rendimento. E a automutilação, quanto à idade, é indiscutivelmente um tipo de prática que tem mais a ver com a idade adolescente do que com qualquer outra (apesar de haverem bons estudos que focam suas atenções para pessoas que praticam a automutilação depois dos 18 anos. Ver GIUSTI, 2013 e GARRETO, 2015). A automutilação está presente nas escolas, nas redes sociais, nas músicas e filmes voltados para o público adolescente.

Mauss, como seu tio Durkheim, estava preocupado em entender como o social incide ou repercute no indivíduo, ou (...) "as maneiras como os homens, de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo" (MAUSS, 2003, p.401). A partir daí ele parte para falar os exemplos de modos de dormir, correr, marchar, nadar etc. Tudo no final das contas são hábitus ou hexis corporais. Em outras palavras, a maneira como o homem usa o seu corpo não é nada natural, mas arbitrária e social. Convém ainda dizer que Mauss enfatiza que nas técnicas corporais:

> "O que sobressai nitidamente delas é que em toda parte nos encontramos diante de montagens fisio psicossociológicas de séries e atos. Esses atos são mais ou menos antigos na vida do indivíduo e na história da sociedade" (MAUSS, 2003, p.420).

Bourdieu (2006), no texto "O camponês e o seu corpo"[9], fala sobre homens de uma comunidade agrícola no Béarn que não conseguem se casar. O sociólogo francês entende que essa dificuldade dos seus conterrâneos para se casar está relacionada com a hexis corporal. Essa hexis, ou habitus corporal deles, é conformada e adaptada aos serviços do campo (com os seus trejeitos peculiares, os quais Bourdieu descreve de modo brilhante), o que não se compactua com as preferências das moças locais, mais inclinadas a gostar de rapazes vindos da cidade (que fazem parte de todo um conjunto de idealizações das moças quanto a um parceiro educado, bem vestido, que sabe dançar e que de alguma forma lhes tire da vida do campo).

[9] Se comparado o texto de Bourdieu ao de Mauss anteriormente apresentado, eu diria que, em "O Camponês e o seu Corpo", ainda que seja mais etnográfico que classificatório (como é "As Técnicas Corporais"), Bourdieu aponta para que a héxis corporal não é apenas trabalho da educação ou da cultura, mas tem além dos elementos que Mauss fala, a questão ambiental, a conformação do corpo do indivíduo a um determinado estilo de vida e geografia, no caso do texto mencionado, a de uma região montanhosa.

Bourdieu chega a falar nesse seu texto melancólico que os solteirões do Béarn sofrem de uma “mutilação social”. Essa mutilação inequivocamente é um outro nome para inadequação dos nativos a um padrão exigido de hexis corporal relacionado à desenvoltura para dançar nos bailes locais. No caso da automutilação, os cortes na pele não precedem a mutilação social da qual boa parte de seus praticantes já é alvo. De modo que o ato de se cortar não é para quem passa pela mutilação social, tão grave como perder os vínculos sociais que dão sentido e direção à vida.

Um estudo que em muito se assemelha ao de Bourdieu sobre o camponês e seu corpo é o de Pais (2009) sobre “A festa dos Rapazes” nas aldeias de Trás-os-Montes no nordeste de Portugal. À semelhança das moças do Béarn, as transmontanas não querem mais casar com seus conterrâneos. É nas festas dos rapazes que eles aproveitam para fazer a sua vendeta através das loas, contos satíricos e picantes dirigidos às moças. Se no seu estudo Bourdieu dá atenção ao corpo do camponês, Pais atenta para o fato de que as garotas querem um partido melhor, já que as mesmas têm uma escolarização superior à dos rapazes locais (algo que se verifica também no Béarn). O que diferencia o trabalho de Pais do de Bourdieu é a noção de “rito de impasse”. O impasse a que o sociólogo português se refere seria o de não conseguir ascender a vida adulta através do casamento. Esse impasse tem o seu momento alto nos vilarejos do Nordeste de Portugal nas festas dos rapazes, onde eles “vão à desforra”. E se formos procurar um equivalente rito de impasse no Béarn esse seria o baile, onde os rapazes locais acabam por ficarem acuados num canto enquanto as moças dançam com rapazes da cidade. Ambos casos denunciam o impasse dos rapazes camponeses (transmontanos ou do Béarn) de acederem a uma nova condição na vida, que passa pela incapacidade de sociedades agrárias de se reproduzirem socialmente.

Me parece oportuno utilizar a noção de rito de impasse para muitos casos de automutilação. Nos ritos de impasse, para Pais, estão presentes os seguintes fatores: anomia, falta de segurança e autoestima. Os ritos de impasse surgem quando os laços de pertença ficam fragilizados. Pais diz que “estamos perante ritos de impasse que acabam por preencher vazios de trocas simbólicas e ritualísticas” (PAIS, 2009). A automutilação pode ser entendida como rito de impasse na medida em que o praticante de tal ato não consegue atender às expectativas sociais quanto a ser

adolescente, em contraposição ao que comumente se fala, no caso dos adolescentes que se cortam, o dilema não é o de se tornar adulto, mas o de suportar a passagem da infância para a adolescência. Os cortes denunciam uma situação de vida muitas vezes emocionalmente insustentável, daí que muitas vezes as pessoas que se cortam se chamam de guerreiros, afinal, levam na pele as marcas de suas lutas. Essas lutas podem ser entendidas como resistir a um mundo que insiste em não lhes compreender. É com as cicatrizes que a luta que as pessoas não reconhecem acaba por se tornar visível. E é com a dor dos cortes que a angústia vivenciada pode ser por um momento suprimida e canalizada para o corpo. É possível fazer uma associação entre isso e o que diz Perrusi (2015) acerca da relação entre a banalização e novas configurações do sofrimento psíquico e o uso de fármacos. No entendimento ou na transformação do sofrimento em dor, se cria a necessidade de uma resposta, no caso de sua pesquisa, por meio dos remédios, na minha por meio da própria automutilação. Ambos visam amenizar ou acabar com o sofrimento que é apresentado como dor – neste caso, uma aflição de origem social, relacional ou até existencial pode ser traduzida num desconforto ou dor física.

Entretanto, há uma outra forma de ver a automutilação como rito de impasse: se no caso de Bourdieu, e sobretudo de Pais, o impasse se refere ao do indivíduo jovem e do sexo masculino de se tornar adulto, os adolescentes, que se cortam estão vivenciando uma nova condição, uma idade que é diferente da infância que acabaram de sair, além de serem, prioritariamente, do sexo feminino. O ponto de chegada para a idade adulta não é o que mais importa (ou pode-se dizer que é também, mas o que quero dizer é, ao invés de pensar nos adolescentes simplesmente como quase adultos, há que se pensar que eles até pouco ainda eram crianças[10]), pois o sofrimento que denunciam tem mais a ver com a nova condição a que chegaram a partir daí infância do que à preocupação pelo futuro – conflitos com a família (em que as garotas estão na condição de filhas) e na escola (com os professores e sobretudo com outros adolescentes), insatisfação com o corpo, que não se adapta aos modelos desejados. É a própria adolescência à qual os indivíduos chegam sem nenhum manual de como devem proceder. Daí que é nessa fase que ocorrem as

[10] Para uma análise de até que ponto as categorias adolescência e juventude mobilizam conteúdos diferentes, entre eles, as transições da infância (adolescência) e à idade adulta (juventude), ver Franch (no prelo).

experimentações e ensaios daquilo que querem para as suas vidas, seja no que se refere a profissão, gosto musical, filosofia de vida e laboratórios de sexualidade. Para melhor falar sobre isso, recorro a Franch (2017).

> Um segundo aspecto que, no meu entender, marca uma diferença nos conteúdos mobilizados a partir das categorias juventude e adolescência diz respeito ao tipo de transição em foco: a adolescência problematiza a transição desde a infância, enquanto a juventude nos leva para a transição à idade adulta, o que apenas em parte está relacionado com a idade cronológica. A transição da infância para a adolescência lança nosso olhar para contextos privados (as relações familiares, principalmente) e para espaços tutelados, onde a dimensão do conflito pode estar contida ou permanecer invisível. Parece-me que a questão da tutela – do Estado e seus aparelhos como a escola e da família – é um elemento importante a se levar em conta nos estudos sobre adolescência tanto na psicologia quanto na antropologia. Não por acaso, boa parte dos fenômenos que são problematizados a partir da categoria adolescência, em antropologia, remetem a espaços tutelados e à relação com o corpo: o bullying, os transtornos alimentares (bulimia e anorexia), a automutilação. Práticas que também são objeto do interesse pelas ciências psi, o que certamente influencia bastante na escolha da categoria "adolescência" para compreendê-las. (FRANCH, 2017)

É na adolescência que são ensaiadas as primeiras experiências de responsabilidades, onde os indivíduos começam a ter de prestar conta para os seus pais acerca de suas atitudes, para onde vão, a hora de chegar em casa, além das demandas pelo aproveitamento escolar e o controle da sexualidade. Isso não quer dizer que a transição da adolescência para a idade adulta seja feita pelos automutiladores e outros adolescentes sem nenhuma espécie de impasse. Mas o problema da visão acerca da noção de rito de impasse de Pais (2009) é que pode dar a entender que o indivíduo adolescente sempre vivera sem nenhum conflito até ter de se deparar com a iminência de que está se tornando um adulto. É desconsiderar o que vem antes da adolescência. Quando a adolescência é vista, como a fase do início de maiores responsabilidades, repercussões no seu relacionamento com os outros (namoros, incompreensões, bullying pela aparência, etc.), então a leitura sobre a automutilação tende a ser mais realista.

É no corpo onde ocorre a canalização do que a princípio era vivido apenas na mente. O fato de ser o corpo a plataforma para se expor os dilemas juvenis pode ser entendido a partir das muitas interdições que são impostas aos adolescentes pelos seus pais (FRANCH, 2017). Com isto, me refiro ao fato de estarem sob a tutela dos

pais que lhes impõem o que fazer, onde podem ir, quando podem sair, entre outros tipos de interdições. E a pergunta que pode ser feita é: e o que automutilação tem a ver com tudo isso? A automutilação é o caminho que muitas adolescentes encontram para atuar de maneira livre e espontânea sem que outros possam intervir e colocar sanções, posto que o corpo é a sua primeira posse, o que mais íntimo há para quem está nesta fase da vida[11]. Nele ou por meio dele o indivíduo faz a sua performance cotidiana. Mas o corpo deixa de ser apenas parte do ator para ser também palco deste no momento em que o protagonismo aparente é do corpo que está em cena, mais do que do indivíduo que vai no corpo. Os exemplos mais evidentes são o de modelos, atletas e no caso deste trabalho, das pessoas que se cortam. Para Le Breton (2010) é na pele[13] que se materializa a relação do indivíduo com o mundo.

Entretanto há riscos presentes no ato de se cortar, como por exemplo de infeccionar a parte do corpo lesionada, seja por não cuidar dos cortes ou por se utilizar lâminas enferrujadas ou sujas, e há também a possibilidade de se atingir alguma veia muito importante do corpo. Esses riscos preocupam a maior parte das pessoas que não tiveram a devida proximidade com o mundo de quem se corta, porque um automutilador se expõe ao risco, na maioria das vezes propositalmente. É o que Le Breton (2012) chama de "risco deliberado"[12]. Ainda sobre os riscos presentes nessa prática convém citar Pais: "De facto, umas vezes os riscos criam oportunidades, outras geram situações de impasse, sujeitas a novas ritualizações" (PAIS, 2009). O impasse se refere a situações na vida dos adolescentes, diferente do caso dos solteiros de Pais ou de Bourdieu (que não são mais adolescentes), as pessoas que se cortam em algum momento abandonam essa prática. Já citei a blogueira que conheci na época da monografia. Ela abandonou a automutilação quando se voltou para a igreja e quando conseguiu um relacionamento. Outro exemplo da pesquisa da monografia foi o do rapaz que deixou de se cortar quando sua mãe lhe deu atenção após uma situação bastante difícil em que ele cortou o pulso na escola. Ainda posso falar de uma garota que criou um grupo no WhatsApp, participa de grupo no Facebook e procura ajudar as pessoas a, como ela deixarem

[11] Essa compreensão se aproxima à compreensão que Brandão e Heilborn (2006) fazem da gravidez na adolescência. Para as autoras, a sexualidade nessa fase da vida é o domínio possível da autonomia.
[13] Para uma discussão antropológica sobre pele, no caso de pessoas com psoríase, ver Vasconcelos (2014).
[12] Para uma leitura introdutória e que discute caminhos pelos quais estudar a noção de risco, ler Neves e Jeolás (2012)

de se cortar. Ou seja, a automutilação não é algo para toda a vida, na maioria dos casos ela tem um começo e um fim[13]. Há casos que acabam em suicídio é bem verdade (como aconteceu com a jovem Amanda Todd[14]), mas a maior parte dos casos está mais relacionado com o exemplo de Demi Lovato[15], que superou a automutilação.

É interessante notar que um dos primeiros elementos a chamar a atenção quando se fala em automutilação é o fator geracional. Entendo que nos estudos sobre automutilação há uma clara convergência de dois marcadores da diferença: gênero e geração[16]. Acerca do gênero, é inegável a predominância de garotas que praticam a automutilação. Uma das garotas com as quais conversei na época da pesquisa de graduação me disse que também cortava a região dos seios. Em minha monografia, alguns casos apresentados falam de uma questão estética, de não se sentirem adequadas de acordo com o padrão que entendem ser o vigente. A automutilação nesses casos pode ser compreendida como uma espécie de rejeição ao corpo que possuem e uma autopunição por não se encontrarem dentro das expectativas estéticas da sociedade. Outras motivações também têm a ver com as formas diferenciais como garotos e garotas experimentam essa fase da vida – as expectativas em torno deles, os controles, os espaços de sociabilidade, os enquadramentos morais que recaem sobre uns e outras e também as formas de resistência possíveis ou preferenciais.

Acerca de como as condutas de risco podem se apresentar na adolescência, Le Breton (2010) destaca que há uma diferença na forma como isso se apresenta entre garotos e garotas. Enquanto para os rapazes essas condutas são usadas de

---

[13] Giusti (2013) chega a dizer que em média as pessoas se cortam podem permanecer nesta prática durante uns dez a quinze anos.

[14] Quem foi Amanda Todd? Foi uma garota canadense, que teve fotos íntimas suas divulgadas na internet, ela sofreu bullying na internet e nas escolas por onde passou (ela precisou ser mudada de escola e de cidade devido aos problemas). A partir desses problemas ela desenvolveu outros como ansiedade, passou a se cortar, tentou algumas vezes o suicídio, até que, algumas semanas após ela postar no Youtube o vídeo My History: Struggling, Bullying, Suicide, Self Harm (neste vídeo ela contava sua história por meio de sucessivos cartões. O rosto dela quase não aparecia, havia uma música de fundo e ela não pronunciou nenhuma palavra) ela cometeu suicídio.

[15] Demi Lovato é uma cantora e atriz norte-americana que começou a fazer sucesso ainda criança. Na adolescência a fama continuou (bem como na fase adulta), mas um momento marcou sua vida: o dia em que, num evento, forma tiradas fotos suas e se percebeu que haviam marcas de cortes. Ela teve que ser internada, e começou a falar sobre sua experiência com a automutilação. Tatuou nos pulsos duas palavras que, unidas formam a frase “Stay Strong” (muito usadas por automutiladores). Desde então se tornou um ícone para muitas pessoas que praticam a automutilação.

[16] Outros marcadores que tentarei abordar: classe e raça (reconhecendo, de pronto, que não consegui até o momento ver como esses recortes podem pesar na pesquisa).

forma a se mostrarem contra o mundo, as moças tendem a internalizar o seu sofrimento, daí serem elas e não os rapazes as que mais recorrem aos cortes. Essa é uma possível resposta, mas, há muitos outros elementos em jogo que precisam ser discutidos e conhecidos. O certo é que a automutilação é um tipo de prática que tem o predomínio feminino. Inclusive nas representações que se fazem sobre o assunto ou mesmo no nome de muitos grupos do Facebook ou do WhatsApp e os muitos perfis no Instagram e Tumblr.

Não é difícil encontrar perfis intitulados “Pequena Suicida” ou “Princesinha dos Cortes”. O desafio é não apenas de constatar essa diferença quantitativa, mas pensar como e em que a automutilação reflete diferenças nas expectativas sociais e nas formas de subjetivação dos indivíduos nessa fase específica da vida.

2.3 CORPO COMO PORTAL DA LIBERDADE

Em seu estudo “Antropologia do Corpo e Modernidade”, Le Breton (2011) propõe uma “genealogia do corpo moderno”, entendendo que a dimensão moderna do corpo sugere “um isolamento do sujeito” em relação aos seus iguais. O autor percebe uma tensão que o homem vivencia no seu corpo: a de que o corpo é signo do indivíduo e ao mesmo tempo entende-se o indivíduo como dissociado deste. Assim, o corpo seria um alter ego que se opõe ao sujeito, mas que é a esse corpo que o indivíduo reduz o seu mundo, daí que na década de 1960 surgiram movimentos que reivindicavam pela liberação do corpo. Essa redução do indivíduo ao corpo em que habita demonstra, segundo Le Breton, uma busca por autonomia. E, de fato, pode-se pensar no fenômeno da automutilação entre adolescentes como uma afirmação, em alguns casos, por autonomia visto que o corpo é o que resta para o adolescente (que via de regra está sob a tutela dos pais) chamar de seu. A intervenção no corpo do adolescente, pelo próprio adolescente, seja para fazer uma tatuagem, piercing ou cortar-se, parece indicar que quem faz alguma dessas intervenções está fazendo algo emancipador e que ninguém pode interferir dado o caráter privado do corpo. Mas isso não exclui as tensões que se criam e que

demandam uma série de estratégias para se administrar o corpo modificado em relação àqueles perante os quais não se quer que suas modificações sejam patentes.

Pretendo, ao estudar a automutilação, fazer uma reflexão que perceba o indivíduo como uma totalidade onde ele é mais que uma estrutura psíquica onde reside o eu, mas que o eu para além de mente é um complexo que inclui o corpo. Isso equivale a pôr em evidência a “dimensão carnal da existência” da qual fala Wacquant (2002), entendendo que “aprendemos pelo corpo”. A proposta de Wacquant é por demais ousada. Ele se coloca na pele do lutador que ele busca entender. Se colocar no papel do nativo que se busca entender não é novidade nas ciências sociais, se não vide o caso de François Dubet (1998), sociólogo francês que se fez por um tempo professor de ensino básico, para sentir na pele se se sustentariam as exaustivas reclamações que os profissionais que ele tinha entrevistado tinham lhe dito. O diferencial de Wacquant se deve por se dispor a se colocar num papel deveras desgastante e com implicações que seriam (e foram) sensoriais ao ponto da dor. Como ele mesmo disse, ele fez uma sociologia do corpo, mas a partir do seu próprio corpo, ao treinar boxe pelo tempo que durou sua pesquisa. Ao método utilizado nessa experiência ele denomina com justiça de “participação observante”. Algumas noções que usa são a de capital corpo e de poupança corporal que dizem respeito ao modo como os boxeadores lidam com seus corpos entendendo o corpo como uma ferramenta de trabalho que não pode de uma só vez ser usada no excesso de sua potência porque reduz sua capacidade de uso ao longo dos anos.

Com relação à automutilação, a aproximação possível quanto à ideia de administrar o capital corpo se refere a se ter o cuidado de não ferir repetidamente uma parte do corpo já ferido, daí o recurso a variar as partes do corpo onde se pretende cortar. Na minha pesquisa nos grupos de whatsApp pude presenciar algumas conversas onde, após pessoas postarem fotos com os pulsos ou outra parte do corpo cortada recentemente, alguém dizia para que se cuidasse dos cortes para que não infeccionassem ou se espantavam pelo fato de os cortes terem sido muito profundos, mais do que é comum entre quem se corta.

2.4 CARNE E PEDRA

Em seu *livro Carne e Pedra*, Sennet (2003) faz uma “história da cidade contada através da experiência corporal do povo”. Para além de falar da cidade como projeto ao qual as pessoas tem de se adaptar, Sennet fala a partir da Grécia antiga como o projeto e a maneira de se pensar a cidade levavam em consideração os corpos que a ocupavam.

Sennet dá destaque à Atenas do período de Péricles, que enfatizava a “harmonia entre a carne e a pedra”. Essa ideia estava permeada da noção de democracia que tinha como ápice os espaços públicos com especial destaque para a ágora, local maior de exercício da democracia. A arquitetura desta cidade valorizava os espaços abertos, como deveria ser uma democracia. Uma noção que foi perdendo seu valor e desenho depois das guerras com Esparta...

Mas, além dos espaços de Atenas reservados à política, ao comércio e às artes, havia o ginásio- uma verdadeira fábrica de corpos que pertenciam a uma coletividade. Assim como os atenienses prezavam pela estética de seus prédios, de igual forma estimavam por seus corpos através de exercícios físicos. Nessa lógica de cultivar as virtudes não se poderia descuidar do corpo, e o corpo trabalhado nos ginásios tinha tanto a serventia de ser usado numa guerra para defender os interesses da cidade bem como o de se exercitar a sexualidade, aspecto que o autor entende estar imbricado com a noção de cidadania grega. Não só o corpo era cultivado pelos atenienses, mas também a voz. Não foi à toa o papel que a retórica teve em Atenas, num determinado momento, tendo por mestres os sofistas. A arte do bem falar era imprescindível naquela sociedade devido ao seu tipo de democracia. Entretanto, esta mesma retórica que tinha por intuito estimular bons debates baseados na razão que levassem ao bem comum, foi substituída pelo “calor das palavras” dos oradores que por vezes conseguiam arrebatar multidões a tomarem decisões das quais logo mais viriam a se arrepender. Foi aí que começou o declínio do sonho de Péricles. Meio que em tom de *mea culpa,* Sennet assim encerra o primeiro capítulo:

> Minha intenção não foi narrar a frustração do ideal ateniense, mas uma história de contradições e estresses vivenciados numa democracia que

> celebrava o corpo humano de uma forma particular. A imagem idealizada do corpo nu fragmentou-se na pedra; a voz exposta tornou-se fator de desagregação no espaço urbano. (SENNET, 2003, p. 59)

Para além do debate bem acalorado que substituiu o racional, há um outro aspecto da sociedade ateniense a ser levado em conta: o da exclusão. Os cidadãos que faziam parte daquela egrégia democracia nunca excederam 20% da população segundo Sennet. Excluídos estavam trabalhadores braçais, escravos e mulheres. O ideal de cidadão ateniense era homem, livre, que dispusesse de tempo e que falasse o grego. Mas, e o que fazer com os corpos que não se enquadravam nesse modelo? Eis o que entende o autor de *Carne e Pedra*:

> Em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente "o corpo", corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma (SENNET, 2003, p. 22).

No segundo capítulo de *Carne e Pedra*, o autor vai voltar sua direção para quem ainda não havia aparecido no texto, as mulheres. Mas, o fato de as mulheres não serem vistas em cena na pólis logo no início do trabalho não foi gratuito. Não é que o autor as houvesse retirado de cena, a elas realmente estava vedado o espaço público. Segundo a lógica vigente na Atenas retratada por Sennet, homens possuiriam corpos “quentes” e mulheres corpos “frios”. Sendo os primeiros valorizados, e vistos desnudos nos ginásios, ou quando vestidos com as togas que eram abertas para facilitar o movimento bem como a exposição do corpo que precisava estar na rua, ao contrário da mulher que, já que possuía um corpo frio, tinha de ficar reclusa em casa e cuidar das coisas que faziam parte desse domínio. E mesmo nos momentos de festa em suas casas as mulheres ficavam confinadas em seus quartos ou, se a casa tivesse dois andares, ela teria de ficar no andar oposto aquele onde se realizava os festejos.

Apesar disso, havia um momento, ou melhor, dois onde as mulheres de Atenas assumiam um protagonismo: era nos rituais da Adonia e Tesmoforia. Esses ritos que começaram quando a cidade ainda tinha muito mais de agrária do que na época de Péricles, ainda sobreviviam, com aspectos que remontavam à ideia de fertilidade da terra.

A Tesmoforia consistia num rito no qual as mulheres saíam de suas casas e se revolviam nos restos de carcaça de porcos que elas haviam sacrificado previamente, também se misturavam com uma planta que eram antiafrodisíacas. Após três dias as mulheres voltavam para casa. O local onde as mulheres passavam esses dias era próximo a Ágora, ainda que às escondidas. Sennet, enxerga nesse rito uma espécie de rito de resistência ou de válvula de escape para as mulheres que viviam sob o domínio de uma sociedade que, ainda que proclamada como berço da democracia, praticava a exclusão.

Entendo que é indiscutível que aí se veja uma quebra momentânea de um paradigma da forma de a mulher se comportar. Mas, como o autor bem mostra, esse protagonismo que elas têm está sob o “manto da escuridão”, todo o rito se processa às escondidas. A aura que Sennet aparenta ver nas mulheres ao voltarem do rito que ele descreve como “uma luz brilhava em seus corpos ‘cobertos de mantos’, ritualmente alterados”, parece que estava só nos seus olhos que, legitimamente, deveria ao escrever essa passagem estar com o propósito de dignificar a mulher ateniense. Para além dessa quebra na rotina, a Tesmoforia vinha a reforçar o status da mulher na medida que o rito mantinha as pulsões sexuais da mulher (para usar uma linguagem que só viria a ser utilizada uns vinte séculos depois da Atenas de Péricles) sob controle. Uma outra maneira de ver o rito diria que elas apenas reproduziam velhos ritos agrícolas que visavam contribuir com a fertilização do solo.

O provável salto e temporário protagonismo da mulher ateniense está mais claramente no rito da Adonia. Nesse ritual as mulheres ficavam no telhado de suas casas, bebendo, dançando e cantando. Sennet afirma que “aparentemente, a Adonia era uma celebração de desejos femininos insatisfeitos” (SENNET, 2003, p. 68). Se a Tesmoforia era realizada às escondidas, a adonia era feita nos telhados, embora fosse à noite, o que colocava um “manto de escuridão” sobre tudo isso que ocorria. Enquanto na tesmoforia a mulher continha seus impulsos, na Adonia ela os expunha, ainda que de forma velada sob a escuridão da noite. Vale salientar que ambos os ritos não eram reconhecidos publicamente, por isso mesmo eram realizados de modo a não serem visíveis. Ainda sobre a Adonia, pode-se dizer que era um “espaço que permitia a fuga momentânea de seus corpos para além da ordem dominante em Atenas” (SENNET, 2003, p. 71). Isso denota, na lógica da cidade de Atenas, que o

espaço possível para fugir da ordem vigente seria o espaço privado, não exatamente o da casa (no caso da Adonia), mas o do telhado da casa na época do rito. Nesse aspecto, o uso que se faria na Tesmoforia da parte próxima à ágora era representativo pelo fato de a mulher ter um momento de atuação perto do espaço onde os homens (cidadãos) sempre atuavam.

Ainda para Sennet, as cidades no decorrer da história têm mostrado dificuldades em lidar com o corpo sofrido, com o corpo que foge ao modelo socialmente construído. Ele demonstra que almeja por um tipo de cidade que contemple e valorize a convivência.

> Escamotear os problemas enfrentados pelos cidadãos de uma cidade multicultural revela um empecilho moral de inspirar sentimentos calorosos e espontâneos ao Outro. A simpatia corresponde ao entendimento de que as aflições exigem um lugar em que possam ser reconhecidas e onde suas origens transcendentes sejam visíveis. (SENNET, 2003, p. 305)

Na mesma direção do pensamento de Sennet, Britto e Jacques (2008) vão analisar a relação da cidade com o corpo (e vice-versa) a partir de seus respectivos campos: Paola Jacques vem da arquitetura e do urbanismo e Fabiana Britto é do campo da dança. Para elas, “a cidade é lida pelo corpo”, mas também há como que uma espécie de escrita, de grafia urbana no corpo. Em suma, corpo e cidade estão em relação. Falam em cartografia, coreografia e corpografia. Entendendo como cartografia o tipo de projeto que toma como referencial a cidade, já para a coreografia o ponto de partida é o corpo. Mas, o que fica entre um e outro referencial? A corpografia.

Trata-se de uma “relação coadaptativa” que não ocorre naturalmente, mas que tem o seu constructo realizado no decorrer do tempo. Há uma temporalidade, um processo nessa “cartografia corporal”. O corpo aprende e se adapta ao espaço no qual vive. Esse processo é para essas autoras “contínuo e involuntário”.

O contrário dessa concepção de corpografia é a de “espetacularização das cidades” que entende as cidades como “desencarnadas”, “fachadas sem corpo”. Esse conceito de espetacularização é uma constatação daquilo que Sennet (2003) chamou de “cerceamento táctil” e/ou “privação sensorial”. Este modo de ver a cidade desincorporada ou “desencarnada” para falar nos próprios termos das autoras tem

como consequência nociva a “esterilização da esfera pública política” tendo como modelo a ágora ateniense.

Esta cidade desincorporada, que é alheia ao corpo sofrido acaba por promover o cerceamento, exclusão ou mais concretamente a reclusão dos indivíduos. O propósito é mostrar que, assim como as mulheres atenienses encontraram nesses ritos corporais uma forma que, ainda que feita sob as sombras, mas era o espaço que encontravam, seja no telhado ou perto da Ágora, de terem seu momento de protagonismo. Como as mulheres de Atenas, as adolescentes que se automutilam, encontram nas redes sociais o seu espaço onde podem protagonizar a sua situação social. São elas que mandam, são elas que fazem as regras e que fazem muitos amigos, mas tudo isso, nos grupos, muito improvavelmente o falariam, e mostrariam suas fotos de cortes na frente de outras pessoas que não as que também se cortam.

2.5 “O MANTO DA ESCURIDÃO”

Na Atenas da antiguidade, na Nova York do final do século XXI ou nas cidades do Brasil cotidiano, a exclusão é um dilema por ser superado. Nossas cidades, por mais atraentes que sejam, deixam um excedente de fora. Assim, pergunto: como ficam aqueles corpos não desejados e/ou sofridos? Para onde vão? Que margem de atuação lhes resta? Sennet faz uma indicação:

> A tela do computador e os bairros isolados da periferia são conseqüências espaciais de problemas até então insolúveis nas ruas, quarteirões, igrejas e auditórios, em casas e pátios, locais de aglomeração — velhas construções de pedra que ainda forçavam as pessoas a se tocarem, mas que se demonstraram inúteis quando se tratou de despertar a atenção prometida pela gravura de Hogarth à carne. (SENNET, 2003, p.20)

O computador, ou melhor, a rede que acedemos por meio deste, a tudo leva. Se as mulheres da Atenas de Péricles tinham a Temosforia e Adonia para atuarem, nós pessoas do século XXI temos a internet. Sim, a rede mundial de computadores é o espaço que consegue incluir todos aqueles que não foram incorporados na cidade.

Mas, não é tão simples assim: se os ritos atenienses descritos por Sennet têm o aspecto de dar protagonismo atuando sob as sombras, de igual forma ocorre na internet. Particularmente com relação ao meu tema de pesquisa, que é automutilação, pode-se notar que elas ganham visibilidade por meio da rede. Mas essa visibilidade é para quem e sob que circunstâncias?

Para tentar responder a essa pergunta, gostaria de aliar algumas observações feitas por Lina Casadó i Marin (2013) às aproximações que venho fazendo nos espaços virtuais que tem por temática a automutilação.

É curioso como o estudo da automutilação sempre surge por acaso. No meu caso surgiu, como já disse no início desta dissertação, por sugestão de uma aluna que se cortava. No caso de Casadó foi por meio de um projeto de que ela participava sobre distúrbios alimentares. O assunto surgiu nas conversas que teve com suas interlocutoras (eram majoritariamente garotas) e daí ela veio a desenvolver a pesquisa voltada para o público que se lesiona.

Casadó constata que fora do espaço virtual não existem grupos “pró self-harm”. Até certo ponto ela se pergunta se o fato de não ter conseguido contato face a face com as pessoas com as quais conversou virtualmente não representaria uma limitação no seu trabalho. Mas ela se resolve ao perceber que não era apenas consigo que os seus interlocutores não se encontravam pessoalmente. Eles também não faziam encontros pessoais. Todos os encontros ocorrem *online*, jamais *off-line*.

A formação de grupos, comunidades, blogs e outros coletivos na internet é comparado com uma espécie de “floresta de Sherwood” para os jovens proscritos pela sociedade. Esse é o espaço onde podem ser o que quiserem. Se Casadó se permitiu comparar o espaço virtual com a floresta de Robin Hood e seus companheiros, eu usaria a figura do gueto, que está mais próxima de nós. Já que esses espaços são a margem que lhes fora designada, as pessoas que praticam a automutilação os usam com o maior esmero possível. Esses espaços visam garantir que seus frequentadores não serão etiquetados por suas condutas (CASADÓ, 2013). Mas, essa garantia não é tão fácil de se manter. Casadó passou três meses realizando aquilo que chamou de “observación flotante”, de modo silencioso nos fóruns de discussão. Não era por más intenções que fazia isso, mas ela acompanhou o momento em que houve uma maior divulgação dos grupos “pró self-harm” na

Espanha, o que se constituiu numa verdadeira “caça às bruxas”. A partir daí os integrantes dos grupos ficaram mais precavidos de pessoas que se infiltrassem para denegri-los. E até mesmo os pesquisadores não eram bem-vindos devido ao clima que se criou.

Uma informante que conheci recentemente, me contou que “isso sempre acontece”, e como moderadora de um grupo no Facebook “precisa estar sempre de olho nisso. As pessoas podem ser muito cruéis”. Relatou dois casos onde pessoas entraram no seu grupo e logo passaram a ofender os integrantes. Essa garota disse-me também que criou o seu grupo e no período de um ano já tinha mais de 2000 pessoas como integrantes. Segundo ela, as pessoas pediam para ser adicionadas, ela não precisou ter a iniciativa de procurar adicionar ninguém. Os motivos para as pessoas adentrarem nesses grupos são, para ela, o anonimato e a possibilidade de uma “conversa com alguém que não vai te julgar”.

Esses relatos que apresento, tanto da minha pesquisa quanto da de Casadó, vêm a corroborar com a ideia de que a exclusão ou o processo de desincorporação pelo qual passam as nossas cidades, que não sabem lidar com os corpos sofridos, relega-os à atuação sob o manto da escuridão, não por detrás da ágora, nem em cima dos tetos durante a noite, mas em qualquer horário, na internet, num grupo que só quem entende o que é ter o corpo marcado por cortes auto infligidos participa. Lá se pode atuar, expor suas dores, frustrações, postar as fotos dos cortes mais recentes, pedir por ajuda, ou não...

A seguir, continuo com a apresentação da pesquisa tal como foi feita. É o capítulo onde o leitor vai conhecer como foi meu período de campo e os principais aprendizados que tive.

3 ATO II – CORTES: Ensaio de uma observação participante entre automutiladores

Uma vez que o (a) leitor (a) passou por reflexões referentes às temáticas do corpo, juventude e redes sociais, parece-me adequado fazer agora o meu relato de pesquisa. Em certo sentido, acredito que esta seja a parte mais densa do trabalho, me refiro à descrição da pesquisa em si, bem como às primeiras conclusões e análises referentes ao campo por mim estudado.

3.1 EM DEFESA DO MEU CAMPO

Há mais ou menos cem anos atrás, para fazer sua obra magistral, Malinowski precisou fazer um deslocamento geográfico gigantesco até ficar à beira de uma praia, só e cercado por suas malas de viagem. Uma imagem verdadeiramente desoladora...

Vez por outra em “Os Argonautas” ele dá mostras do trabalho hercúleo que precisou realizar para fazer sua etnografia. Quem diria que hoje, o antropólogo em sua casa, ligaria seu computador, conectá-lo-ia à rede e com apenas algumas poucas palavras digitadas e alguns cliques depois (coisa que pode durar menos de um minuto) estaria no seu campo de pesquisa? Ou ainda: por meio do Facebook ou usando aplicativos do seu celular de troca de mensagens como o WhatsApp? Isso me leva a questionar: lidar com a chamada cibercultura, ou com a etnografia na internet se configura como uma pesquisa menor que as outras realizadas por antropólogos que vão a um campo presencial? O trabalho de alguns antropólogos como o do professor Theophilos Rifiotis (2016) tem sido na direção de, em fazendo o uso da teoria ator-rede de Bruno Latour, conseguirem lidar com as dificuldades de se pesquisar a cibercultura ao mesmo tempo que se enfrenta as discussões referentes a este tipo de pesquisa no âmbito da etnografia. A etnografia que propõe é uma descrição que segue os diferentes “actantes” (para usar as terminologias de Latour) em ação, em outras palavras, ele quer superar a questão da textualização (que ao meu ver, pode ser entendida como o excesso de falar sobre o nativo ao invés de

descrever o nativo em ação). Essa proposta não quer inovar, mas valorizar o que de melhor há na etnografia: o nativo em sua condição natural.

Parece-me que algumas questões devem ser apresentadas aos que não acreditam na legitimidade dos grupos de redes sociais como o WhatsApp e Facebook como campo de pesquisa: as pessoas que praticam automutilação via de regra escolhem segredar o ato de se cortar para a maior parte das outras, mas isso não quer dizer que eles não queiram falar sobre o assunto, querem, e as pessoas para as quais eles irão contar sobre sua vivência com a automutilação serão outros automutiladores. Onde encontrá-los? Nas redes sociais, sobretudo nos grupos fechados que de uma forma ou de outra asseguram o sigilo dos seus participantes do resto do mundo. Não se pode ignorar as conversas, os vídeos, imagens e músicas que essas pessoas compartilham entre si. Ainda que estejam distanciados pela geografia, eles estão unidos por uma prática. Que tipo de vínculo social eles formam, mais à frente discutirei, mas é um objeto que a antropologia não pode ignorar. Outra coisa: o meu trabalho não é o primeiro (tampouco será o último) a versar sobre automutilação e redes sociais, vide o trabalho, já citado, de Casadó i Marin (2011, 2013), o de Rifiotis (2016) e muitos outros. Há uma espécie de convívio, de troca e compartilhamento de informações que não ocorre com pessoas além das que participam daqueles grupos. Será que o impedimento de alguns em ver os grupos de WhatsApp como possível campo de pesquisa para antropologia não seria a mesma dificuldade de alguns antropólogos de não conseguirem ver formas que não se encaixam nos esquemas já estabelecidos de padrões sociais? Os Daribi de Wagner (2010) tinham um tão complexo sistema de organização social que os colonizadores britânicos chegaram mesmo a tentar intervir e “organizar” a seu estilo, mas sem muito sucesso. Eles tinham que ser estudados de acordo com a lógica de socialidade que eles mesmos criaram para si. Entendo que estou procurando fazer o mesmo com os automutiladores com os quais convivi.

> Muitos indivíduos que outrora buscavam no isolamento a possibilidade narcísica de obtenção de prazer, com o advento da internet puderam desfrutar, ainda que anonimamente, da possibilidade de encontrar alguém semelhante em seu sintoma. Mesmo que narcisicamente, buscando o “igual”, eles obtiveram por meio deste grupo uma marca na sociedade. Uma vez no grupo, sua voz não repercutirá sem eco. Ainda que volte para ele mesmo, voltará com força, retornará como um grito de um grupo, de um clã,

> o qual possibilita a exposição do sintoma velado, bem como a livre associação e coesão de ideias. (DINAMARCO[17], 2011, p. 17)

Quando se quer falar da automutilação, pode-se dizer que este é um tema feito todo de bastidores ou de ciberbastidores, para falar numa linguagem que se aproxima mais da temática e campo onde a pesquisa descrita neste trabalho ocorreu. A citação acima deixa claro que esses ciberbastidores surgem a partir da reunião de pessoas que, fora deles, são isoladas, e que uma vez unidas formariam, segundo Dinamarco, um grupo ou clã que vai dando uma espécie de coerência e um discurso que tende a ter as suas particularidades. Mas tentar conformar esse tipo de relacionamento que ocorre entre os automutiladores nas redes sociais com estes tipos de organização social de que a autora falou talvez não seja a forma mais correta de classificar seu tipo de interação, devido ao fato de que eles (isto é, os automutiladores que participam de grupos nas redes sociais seja de autoajuda ou pró automutilação) têm um tipo de interação muito instável. Nada segura quaisquer pessoas nestes grupos, os grupos se fazem na mesma medida que se desfazem, e até mesmo o grupo em que permaneci há mais tempo na pesquisa (mais de um ano) mudou quase completamente as pessoas. Das que começaram no grupo só sobraram não mais que cinco pessoas. Contudo, isto é menos simples do que aparenta. Se não, perceba: é possível num primeiro momento, separar o mundo da representação, onde o automutilador procura desempenhar um papel onde sua automutilação está guardada e segredada dos olhares indevidos, dos bastidores que pode ser entendido como o mundo onde ele exerce a prática da automutilação? Essa é apenas uma divisão primária. Sendo bem sincero quanto àquilo que se pode identificar como semelhante aos bastidores da automutilação, há:

1- Espaços e/ou situações da/ para a prática da automutilação (bastidores para a prática) - os próprios espaços onde os automutiladores se cortam, via de regra, quando estão sós: banheiro de casa, da escola, o próprio quarto ou outro espaço.

[17] O trabalho desta autora, foi feito numa comunidade do Orkut. Ela participou apenas como observadora, sem conversar com as pessoas (o que a meu ver acaba por se tornar um problema para a pesquisa dela, porque, além disso, além de não interagir com os seus nativos, ela sequer se apresentou como pesquisadora para eles. No trabalho da referida autora, se verificou, um universo de pesquisados que era de maioria masculina, o que não é nada comum quando se refere a automutilação.

2- Espaços e/ou situações de/ para expressão da prática[18] da automutilação (bastidores de expressão) - aqui quero me referir às situações e espaços que propiciam e permitem que o indivíduo automutilador discuta sobre sua prática da automutilação e sobre a forma que lida com ela. A maior parte desses espaços e situações são criados e desenvolvidos pelos próprios automutiladores[21]. Os exemplos destes tipos de bastidores seriam as conversas com amigos sobre a automutilação, os grupos nas redes sociais destinados a quem se corta, campanhas como TWLOHA e Projeto Borboleta[19], entre outras iniciativas similares.

3.2 REDES SOCIAIS COMO BASTIDORES DA AUTOMUTILAÇÃO

Quando comecei a estudar a automutilação, não via grupos de pessoas que se juntavam para se cortar (como hoje ainda não conheço). Isso me fez indagar se o tema era adequado para as ciências sociais. Por razões que já expressei em minha monografia não tenho mais problemas em ver a automutilação como um tema para as ciências sociais como tantos outros. A luta agora é outra. Utilizar e legitimar o WhatsApp como campo de pesquisa demanda um esforço na construção de um aparato que justifique minha pesquisa. Tomando a liberdade de discordar daqueles que dizem que “a melhor defesa é o ataque”, pretendo lançar argumentos lógicos e

[18] Aqui o leitor pode estar pensando: “mas esse bastidor parece mais um palco”. Isso depende necessariamente para quem é feita a representação. Segundo Goffman (1980), até mesmo o bastidor é lugar de representação, mas esta não é feita da mesma forma que no palco porque é dirigida para os semelhantes. Em outras palavras, o indivíduo aqui faz uma representação que, aparentemente não seria tão trabalhada como a que ocorre no palco, já que esta tende a camuflar toda informação sobre o ator que possa criar na plateia alguma espécie de impressão negativa. E eu digo que a representação dos automutiladores nos ciberbastidores é apenas aparentemente menos elaborada que a feita no palco pelo fato de que, este trabalho é a prova da complexidade que a representação nos ciberbastidores tem e, neste caso, é tão (ou talvez até mais) elaborada que aquela feita por eles para as pessoas com as quais convivem, pois, perguntando de modo simples, o que é mais complexo: ocultar os cortes e os seus motivos ou expressar tudo isso em grupos nas redes sociais por meio da escrita, áudios, vídeos e imagens? [21] Acabei de dizer que os bastidores de expressão são em sua maioria criados e desenvolvidos pelos automutiladores. Não conheço todas as exceções, mas há iniciativas exógenas à socialidade dos automutiladores mas que são destinadas a eles: um claro exemplo se refere às terapias de grupo.

[19] TWLOHA e Projeto Borboleta são campanhas de conscientização para a automutilação. Acerca da primeira só conheço registros dela fora do Brasil. Quanto ao Projeto Borboleta, embora tenha começado também fora do país (com o nome de *Butterfly Alive*), mas já é conhecido por um número considerável de automutiladores brasileiros.

que sejam úteis no meu intuito de justificar que a pesquisa numa mídia social como WhatsApp é tão legítima quanto uma realizada numa terra longínqua.

Neste mesmo trabalho, já fiz uma separação dos bastidores entre bastidores para a prática e bastidores de expressão da automutilação. Os grupos de WhatsApp se inserem na segunda categoria. Para um automutilador o seu grupo de WhatsApp sobre automutilação é um bastidor em relação ao resto do mundo. Nele, ele forma uma equipe com os seus semelhantes, conversa com eles sobre a prática que segreda das demais pessoas, mostra seus cortes, envia e recebe imagens e vídeos “suicidas”.

Repetindo: o grupo do WhatsApp para automutiladores se constitui como bastidor para seus integrantes em relação ao resto do mundo. Mas este mesmo grupo pode se constituir em região de fachada na medida que ainda há mais um bastidor: o recurso à conversa em privado. A conversa em privado surge em situações em que um dos membros do grupo ameaça se cortar ou se matar. Mas, faltou dizer que o recurso à conversa privada também é utilizado quando alguém diz que não está bem. Nesse sentido, se o grupo é um bastidor para o automutilador, a conversa privada seria o bastidor do bastidor. É na conversa privada, separada do grupo que o indivíduo que não se sente bem, ou ameaçou se cortar ou se matar vai entregar informações sobre si que provavelmente ele não falaria no grupo. O recurso à conversa em privado parece ser a garantia do segredo a sete chaves.

Os grupos de WhatsApp para automutiladores podem ser entendidos como bastidor porque eles segredam a prática da automutilação do resto do mundo, e porque lá ela pode ser vivenciada entre iguais. Lá também pode ser (e é) discutida a vida fora do grupo e o que se vai fazer com a plateia. Em ocasiões onde algumas pessoas expuseram no grupo que estavam em conflito com os pais ou namorados, as outras integrantes do grupo começam a opinar, o que pode ser tomado como conselho e seguido ou não. Um dos conselhos que vi alguém dizer quando uma garota falava de briga com os pais foi: “vai morar com outros parentes que gostam de você”. Quando se fala em briga de namorados os comentários geralmente são “ele não te merece”, “você tem que deixar ele”, etc. São assuntos e situações que estão guardados entre os membros do grupo, até porque muitas vezes essas pessoas nunca se viram, e provavelmente nunca se verão pessoalmente.

Finalmente, como provar que pesquisas em redes sociais são tão legítimas como a clássica etnografia do ir, ver e ouvir? Primeiro: há observação participante? Há. Afinal, a participação do pesquisador é tão válida quanto a dos nativos do grupo em que ele participa, ele se apresenta quando chega no grupo, dá bom dia, faz perguntas das quais não sabe as respostas e responde aquilo que sabe, visualiza, baixa as imagens, vídeos e áudios que são postados, vai para o privado quando solicitam isso dele, etc.

3.3 A ANTROPOLOGIA DO CIBERESPAÇO

Justificar a pesquisa na internet não é nada fácil. Sobre essas dificuldades, diz Segata:

> Ao invés de qualificarmos as novas tecnologias de como boas ou ruins, destrutivas ou agregativas, buscávamos as pessoas e as suas práticas cotidianas. Mas, para isso se tornar viável, optamos por um recorte muito particular nesse campo, que tornou a *cibercultura*, para nós, *conscientemente*, um projeto especializado que ficou centrado na internet e nos seus dispositivos e que nos serviu como *locus privilegiado* para o desenvolvimento e consolidação de uma especialidade conhecida no Brasil como *antropologia do ciberespaço* (RIFIOTIS, 2010). (SEGATA, 2016, p. 94)

O trabalho dos antropólogos que trabalham nessa nova área é o de tornar claro que, o campo da cibercultura não pode ser ignorado pelos antropólogos em geral. Segata (2016) fala que entre os desafios dessa nova disciplina estava “o desenvolvimento de estratégias de pesquisa para contextos inéditos na disciplina e, ao mesmo tempo, o da disposição em responder às desconfianças dos nossos próprios pares”. O argumento usado para defender a legitimidade dessa nova disciplina da antropologia, por óbvia que pareça é imprescindível.

> Entre muitos dos questionamentos, o ponto crítico naquele momento, era o de convencer nossos pares de que “havia gente” no ciberespaço; que não se tratavam apenas de algoritmos e programações ou o que mais coubesse naquela ideia de dados ou *fluxos de informação* próprios da linguagem e do campo da tecnossocialidade. (SEGATA, 2016, p. 95)

É aqui que volto ao exemplo de Evans-Pritchard. O antropólogo deve ter a flexibilidade de seguir os interesses dos seus nativos e os seus caminhos, se são as vacas o que lhes interessa, *Cherchez la vache*. Quando comecei a pesquisar sobre automutilação, os meus nativos eram alunos de escolas onde eu era professor. Uma vez fora das escolas, tive de encontrar outros automutiladores onde eles estivessem. E o lugar eram as redes sociais. É ali que eles estão, dos mais diversos estados do Brasil (sem esquecer os estrangeiros e os grupos em que participei da Itália, no Facebook e outro de meninas sul-americanas, no WhatsApp), participando por alguns momentos do dia com suas postagens, suas confissões, ajudando e sendo ajudados.

Mas, e quem é ou como classificar esse tipo de nativo que, como dizem os críticos da pesquisa na internet, não tem materialidade?

> Assim, como para contrapor a redução da internet a um novo meio de comunicação e valorizar a ideia de que ela constituía um "espaço de relação social" foi preciso construir "um nativo cibernético"- o cibernauta. Sua principal característica era a de ter a sua vida envolvida com computadores e internet. Ele seria a prova de que ali "havia gente" e isso justificava a reivindicação de uma antropologia naquele espaço. (SEGATA, 2016, p.96)

Ao lutar pela legitimidade do seu campo cibernético, o antropólogo não está contra um tipo de antropologia clássico. O que acontece é que, quando ele cria o seu nativo (ou inventa, no sentido de Wagner, 2010), seu campo e seus instrumentos de pesquisa, o que acontece é um enriquecimento da antropologia e ao mesmo tempo um retorno à reflexão sobre conceitos que, em certo sentido de tão usados já estavam se tornando lugar comum, sendo necessário sempre, nesta ciência, uma espécie de retorno à discussão de seus conceitos mais básicos com vistas à sua atualização.

Para finalizar, gostaria de citar um trecho da etnografia muito competente feita por Bispo (2012) sobre jovens emos. Seus informantes eram basicamente filhos da classe trabalhadora que tinham indumentária emo e o mesmo estilo musical. No princípio da pesquisa, Bispo sentia dificuldades de ver pessoas que se afirmassem como emos. A resposta que recebia das pessoas quando perguntava se elas eram emos era "emo, eu"? Até que, na internet, ele percebeu algo.

> Alguém que diz não ser. Mas é, em algum momento. Alguém que diz que não é. Depois é. Depois não é mais. O amigo o acusa. Ele nega. Posteriormente se diz ser. Por fim, reitera que não é. Havia toda uma inconsistência perpassando o mundo artístico emo. A internet- instável por

> excelência – apareceu, assim, como uma forma de sistematizar melhor esse "inconstante". Vasculhando os inúmeros sítios, comecei a descobrir páginas virtuais onde alguns jovens discutiam sobre letras de emocore, trocavam músicas e, principalmente, conversavam sobre suas relações amorosas. Ali ninguém negava ser emo. Todos se identificavam como tal. "E ponto". Sem grandes complicações. Simples assim, miguxo!, me disse mais ou menos assim um deles quando insistia em saber, pela própria interação virtual, se ele se via como emo. (BISPO, 2012, p. 73)

No caso da pesquisa de Bispo (2012), a internet foi um suporte bastante importante devido às comunidades do Orkut voltadas para emos. Nelas ele observou que os indivíduos eram bem mais desinibidos para se afirmarem como emos do que, quando ele os interrogava pessoalmente. Isso é próprio da internet que propicia que indivíduos que são de alguma forma estigmatizados criem condições de se relacionarem com seus semelhantes de uma forma mais à vontade do que geralmente é quando não estão usando as redes sociais. Qual será o sujeito mais "autêntico"? Aquele que nega que é emo no seu mundo físico ou aquele que se afirma enquanto tal no mundo virtual? Ou será que essa indagação faz mesmo algum sentido para a antropologia.

Como negar a centralidade que a internet tem na vida dos jovens que foram meus interlocutores, e para ser mais sincero, como o homem moderno vive sem recorrer a qualquer recurso que não necessita de conexão com a internet? Sendo assim, é a partir do celular (muito mais do que do computador) que estes jovens acessam suas redes sociais, seja deitados na cama de casa, durante as aulas na escola ou em qualquer outro lugar desde que haja internet.

> Cada um está ali munido de um celular e uma câmera digital. Sempre vão para a escola com os aparelhos eletrônicos, apesar de serem proibidos pela direção de circularem com eles em sala de aula, soturno diz que seu "sonho de consumo" é um celular que o permita conectar com mais facilidade ao *msn*. Assim, poderia bater papo pela rua, sem necessariamente ficar sentado em seu quarto diante da tela do computador. Enquanto não possui dinheiro para comprar um – nem para pagar a conta da navegação pelo telefone portátil – prefere ficar com o seu "baratinho" mesmo. Isso porque ele "morreria" caso ficasse sem celular e, principalmente sem internet. "Dá nervoso ficar sem se comunicar". (BISPO, 2012, p. 148)

Poucas coisas podem ser tão importantes para os jovens de hoje quanto o fato de terem internet e celulares bons o suficiente para tirar fotos e postá-las nas redes sociais, e também receberem as fotos, vídeos e áudios de seus amigos. Imaginar um

destes jovens que foram meus informantes, e se eu disser que muitos outros também, sem celular é quase impossível, mas quando isso acontece são por motivos que fogem do controle das pessoas.

3.4 ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

As reflexões deste trabalho, em sua maioria, são provenientes da pesquisa sobre automutiladores nos grupos de WhatsApp. A razão para isso é que, em primeiro lugar, os meus informantes me levaram ao WhatsApp. Fazer pesquisa neste aplicativo de celular não havia sido sequer cogitado por mim quando fiz o projeto para a seleção de mestrado.

Após ingressar no mestrado, voltei aos blogs e páginas do Facebook que tinha visto na minha monografia. A minha impressão inicial era de que tudo estava desatualizado. Então fui informado da existência dos grupos de Facebook sobre automutilação. Pedi para entrar em alguns e fui aceito. Entretanto tais grupos me pareceram parados, desatualizados também. Em contato com algumas moderadoras de grupos e de uma garota que administrava uma comunidade do Facebook soube que seria bom para mim entrar em alguns grupos do WhatsApp para automutiladores. E diante dos conselhos, segui o caminho para onde pareciam convergir um bom número de automutiladores.

Se for preciso usar uma data que seja marcante para o início desta pesquisa, a data mais apropriada para isso é o dia 12 de agosto de 2015. Neste dia fui adicionado a um grupo de WhatsApp feito por e para pessoas que se cortam. Junto ao nome do grupo no perfil haviam também três imagens do tipo de emojis. O primeiro emoji era o de uma mão fazendo o sinal que costumamos chamar de “dar o dedo”, seguido do de uma faca e o de uma tesoura (✂).

Antes disso eu já fora adicionado a outro grupo intitulado “S.O.S. Automutilação”. Ocorre, entretanto, que neste grupo não aconteciam conversas. Só havia uma pessoa que postava no grupo, e mesmo assim, essa pessoa só postava esporadicamente. Fui adicionado neste grupo por sua moderadora que também administra um grupo no Facebook. Mas ela me avisou de antemão que o grupo

estava parado, ela não estava podendo acompanhar o grupo porque estava muito ocupada. Quando ela me adicionou, confirmei tudo o que ela já me havia dito.

Mas, voltando ao grupo ao qual fui adicionado em 12 de agosto, parece-me que foi muito importante no seu acompanhamento o fato de ter sido adicionado neste grupo logo quando ele foi criado. Penso que quando se chega num grupo criado já há algum tempo, o recém adicionado perde a emoção inicial de um grupo recém-criado, em outras palavras, “pegar o bonde já andando” equivale a perder uma série de informações relevantes para a pesquisa: ver as pessoas se apresentando (fazendo sua fachada para os demais e escrevendo o script que guiará as relações de uns para com os outros) à medida que vão sendo adicionadas e as primeiras conversas acontecendo, pessoas que logo ao serem adicionadas saem do grupo sem sequer se apresentarem ou dizerem qualquer coisa etc.

Entrei neste grupo após ter visto a divulgação que um de seus moderadores fez em um grupo no Facebook. Pus meu número no comentário da postagem e fui adicionado. No momento em que fui adicionado, o grupo era composto por 33 pessoas e terminou o dia com 40 integrantes. Quando vi, na tarde daquele 12 de agosto esse novo grupo surgir no meu WhatsApp, fiquei surpreso e feliz por ver mais um progresso em minha pesquisa. Diferentemente do outro grupo em que fui adicionado, neste havia intensa comunicação. Além das conversas, quase que imediatamente os componentes começaram a fazer o uso de fotos, seja no momento de se apresentarem ou logo após dizerem para o grupo que acabaram de se cortar. No primeiro caso, a foto era do rosto ou de corpo inteiro, no segundo caso a foto era focada apenas na região que sofrera o corte.

Esta é uma descrição abreviada de como foi o dia em que a pesquisa deu seu salto inicial. Ao entrar neste grupo me senti ingresso num “admirável mundo novo”, em outras palavras, essa foi a minha “briga de galos” geertziana. A velha impressão acerca das pessoas que se cortam, como se fossem tímidas quanto a falar de sua prática, caíra por terra. A abertura com que falavam e o tanto de informações que eram geradas pelas conversas que eu estava acompanhando me deixaram surpreso.

Aliado ao entusiasmo de ter visto que a minha pesquisa estava andando, tive de alguma forma a preocupação quanto à forma como eu deveria me portar nos grupos nos quais eu ia sendo adicionado: Deveria eu me apresentar no grupo como

alguém que participava na condição de pesquisador? A reflexão aqui sobre como eu deveria proceder no grupo era de fundamental importância exatamente pelo fato de que, dependendo de minhas escolhas, minha pesquisa teria viabilidade ou não. Informações havia, as pessoas ali falavam sobre automutilação, mas eu não poderia estar nos grupos sem cumprir com os requisitos éticos indispensáveis à minha pesquisa, sobretudo pela especificidade do campo.

Casadó (2013), já mencionada nesta dissertação que também estuda em ciberespaços voltados para pessoas que se automutilam, teve de lidar com questões similares às minhas quando desenvolveu a sua pesquisa em foros na internet para pessoas anoréxicas e bulímicas. Ela fala que estava havendo uma

"caça às bruxas", isto é, pessoas com perfis falsos entravam nestes "foros, blogs e chats" de discussão com o intuito de "atacar e censurar" e inclusive denunciar estas páginas aos órgãos competentes pela defesa de crianças e adolescentes. Devido a questões como essa, a pesquisadora já mencionada, ao observar as páginas Ana e Mia (isto é, para garotas anoréxicas e bulímicas) na internet, passou uns três meses analisando as postagens antes de tomar alguma medida de aproximação maior. Ela chama esse período de "observación flotante". Havia, sem sombra de dúvidas um ambiente de desconfiança por parte dos nativos da pesquisa de Casadó. As páginas por ela analisadas tinham um chat (espaço para conversa) ao qual ela não ousou entrar pelo receio de ser descoberta e sofrer as sanções impostas aos intrusos. Sobre isso ela diz:

> Al respecto de mi preocupación por el acceso, frases del estilo: «Este es un espacio solo para anas y mias. Y si vienes a juzgar ya puedes salir» o «Este será nuestro nuevo punto de encuentro: tuve que hacer una nueva página para todos aquellos necios que molestaban» corroboraban mi idea de que, o entraba con cierto ingenio, o caía en gracia, o imediatamente me expulsaban. (CASADÓ, 2013, p. 117)

Cada campo de pesquisa e cada sujeito de pesquisa demandam certas especificidades no modo como o pesquisador deve se portar. Entendendo que a maior parte dos meus interlocutores eram garotas adolescentes (que não tinham idade inferior a doze anos e chegando, raríssimas vezes ao limite dos vinte e cinco), imaginei que o fato de eu ser homem adulto poderia representar um obstáculo para me aproximar e interagir com os interlocutores da pesquisa. Em outras palavras: eu

era um intruso, estava numa festa para a qual eu não havia sido convidado. O fato de eu ser homem e adulto poderia gerar nas pessoas dos grupos que eu participei (que tinham maioria absoluta de meninas), a suspeita de que eu fosse um pedófilo[20]. Qual a influência que minha presença causou nos modos como meus interlocutores se relacionavam? Aí está uma pergunta que eu não tenho como responder agora, e tenho minhas dúvidas se o tempo me trará essa resposta.

De uma ou de outra forma era-me necessário pensar num modo como me apresentar para essas pessoas. Nos primeiros grupos em que fui adicionado eu apenas observei as conversas. A próxima atitude que tive foi a de procurar, no privado, as moderadoras dos grupos nos quais eu estava, para lhes dizer qual o motivo pelo qual eu estava nos seus grupos. Para a minha surpresa, em todas essas conversas onde eu me apresentava como pesquisador para as adms de grupos a recepção sempre fora positiva. Nas primeiras conversas, eu ainda perguntava às adms se seria necessário que eu me apresentasse também como pesquisador para os grupos. Elas sempre afirmavam que sim. Nos próximos grupos em que eu fui sendo adicionado eu apenas procurava as adms para cumprir uma praxe, para atender à ética da pesquisa. Não mais perguntava às adms se deveria me apresentar como pesquisador ao grupo, apenas as informava que esse era o próximo passo que eu iria seguir. Algumas poucas vezes, em conversa com adms, elas me impuseram alguma regra ou me faziam perguntas para se certificarem se eu seria alguém que poderia permanecer no grupo. Uma adm certa feita perguntou pela minha idade e pediu que eu enviasse uma foto minha.

Resolvido o problema de me apresentar para as adms eu seguia para a apresentação aos grupos. Na minha apresentação eu dizia meu nome, ás vezes a idade, e revelava o fato de pesquisar/ estudar sobre automutilação. Algumas vezes as pessoas pediam para que eu explicasse mais sobre minha pesquisa, também me procuravam no privado para questionar a razão pela qual as pessoas se cortam e para se certificarem de que eu não iria julgar, condenar ou fazer críticas aos integrantes do grupo, outras, diziam que eu poderia e estava ali para ajudá-las.

[20] Em pesquisa com crianças na cidade de Catingueira, Antonio Luis da Silva (2013) expressa as mesmas preocupações com possíveis acusações de pedofilia. No caso dele, optou por fazer pesquisa em espaços públicos. A idade é um elemento a levar sempre em consideração ao pensarmos a relação entre o pesquisador e seu campo, embora frequentemente seja invisível nas analises. (MÜLLER, 2009)

Chegaram até mesmo a me confundir com um psicólogo. Lembro ainda do momento em que fui adicionado em um grupo e a adm disse para o pessoal “gente, estou adicionando um psicólogo ao grupo”. De imediato me apresentei ao grupo e retifiquei a informação da adm para que não ficasse nenhuma dúvida quanto à minha identidade.

Aqui gostaria de aproveitar para fazer algumas breves considerações referentes a como a identidade do pesquisador é assimilada pelos interlocutores da pesquisa. Ou melhor, não é uma questão apenas de como os nativos leem o pesquisador, mas de como nós somos aceitos, um dilema que sempre fará parte da antropologia. Acerca disso, Fleischer (2013) fala do processo de chegada, aceitação e permanência no seu campo (ela acompanhava parteiras numa região marajoara do Pará) que envolveu uma associação que ela não previra: as pessoas a viam como uma profissional da área da saúde. Um dos momentos decisivos do campo foi quando pediram para Soraya prestar uma ajuda num parto que ela acompanhava. Quando as pessoas perceberam que não era aquela a sua habilidade, começaram a ter que procurar um outro lugar social para a pesquisadora, de modo que fosse mais satisfatório para todos. Foi aí, só aí, que caíra o “jaleco invisível” que ela portava sem nem mesmo saber num primeiro momento.

Ainda falando sobre chegada, permanência e aceitação num campo, cito o exemplo de Franch (2016), na comunidade do Vietnã, situada no bairro dos Torrões no Recife. Logo no início de sua pesquisa, ela perambulava pelo Vietnã, sem rumo definido ou sem lugar onde pudesse ser acolhida. Nesta fase inicial as pessoas perguntavam a ela se estava passeando (já era conhecida por algumas pessoas daquela localidade devido a um trabalho que realizara na organização Casa de Passagem, instituição essa que de alguma forma já prestara algum serviço para pessoas desta comunidade, em especial, às garotas), até que com um pouco mais de tempo, uma garota a reconheceu e começou a recebê-la em casa, pronto! A partir daí a estadia no Vietnã já estava assegurada por ter um ponto onde pudesse ser acolhida todas as vezes que tivesse de fazer campo, foi aí que ela ouviu as palavras “você já é de casa”.

Nos dois casos que acabo de citar, as pesquisadoras chegaram ao campo e tiveram de achar o seu lugar social, tiveram de ser classificadas pelos locais dentro

das categorias de funções e atributos que lhe são próprias. Mas, e quando o pesquisador faz do seu local de trabalho ambiente de pesquisa? Esta pergunta define a minha pesquisa de graduação (SILVA, 2014). Eu trabalhava como professor e resolvi usar as escolas onde lecionava como campo de pesquisa. Acredito, apesar das dificuldades, que minha condição de professor não prejudicou minha ação como pesquisador, antes me ajudou, pois a aproximação que tinha com os meus alunos anteriormente já criara a confiança que eu precisava que eles tivessem em mim para que eu pudesse conversar com assuntos mais íntimos.

Participar ou não? Sinceramente fiquei um tanto preocupado quando em alguns grupos uma ou outra pessoa me via como alguém que estava ali para ajudá-las. O meu incômodo era o de que, se esse papel de “ajudador” caísse sobre mim e fosse legitimado pelo grupo, então, eu estaria com meu papel de pesquisador prejudicado e não conseguiria desenvolver minha pesquisa satisfatoriamente. Essa sensação surgiu de forma mais intensa quando uma garota de um dos primeiros grupos me chamou no privado para contar alguns problemas seus. Apesar de tudo, não fugi quando as pessoas dos grupos diziam que eu estava para ajuda-las ou quando me procuravam (e às vezes ainda me procuram) para uma conversa no privado. Entendi que isso era o mínimo que poderia fazer para as pessoas com as quais eu pesquisava sobre automutilação. Era um tipo compensação que eu deveria cumprir ou uma espécie de retorno da pesquisa. Já que os interlocutores nada exigiam de mim para fazer minha pesquisa, então ouvi-los desabafar ou conversar sobre diferentes assuntos era um ofício que pude seguir algumas vezes com muito bom gosto.

No trabalho de Franch (2016), há uma história que serve bastante para esse momento. Como ela estava fazendo sua pesquisa entre jovens e adolescentes, algumas vezes, as garotas se aproveitavam do fato de a pesquisadora ser adulta, para poderem sair para festas um pouco mais distantes de casa. Elas recorriam à pessoa da pesquisadora diante dos pais como garantia de que não estariam sós e estes poderiam ficar tranquilos. Mas a coisa mudou de rumo numa dada ocasião, quando as garotas abusaram do horário e chegaram muito tarde em casa e a pesquisadora fora cobrada por uma das mães. A partir daí Franch entendeu que era necessário estabelecer limites na relação com seus interlocutores. Entretanto, no

caso da minha pesquisa, não há muito como colocar limites quanto a minha relação com os interlocutores. Os grupos, em sua grande maioria são de autoajuda, e, mesmo que eu esteja como pesquisador, não posso me furtar àquilo que faz parte da dinâmica do grupo, ou seja, ajudar, ouvir e até mesmo aconselhar. E, aparentemente é isso que faz da minha pesquisa uma observação participante.

Apresentação e saída de pessoas. Voltando a falar sobre o momento em que eu me apresentava para os grupos convém dizer que, tão logo eu dizia que estava no grupo a fim de fazer pesquisa sobre automutilação, pessoas saíam do grupo. Isso se repetiu praticamente em todos os grupos onde eu me apresentei. Imaginei que eu estava influenciando ou prejudicando o andamento dos grupos, pois, mesmo sem desejar que ninguém saísse, a minha confissão de que sou um pesquisador me pareceu ser um elemento determinante para que algumas pessoas tomassem essa atitude. Para tentar resolver esse aparente problema eu procurava os adms e também falava para todo o grupo que eu não estava ali para inibir ou constranger ninguém. Dizia que estava à disposição do grupo: poderia ficar sem falar, ou falar só quando solicitassem minha fala, mas a resposta unânime era sempre a mesma quando eu perguntava se estava incomodando ou se a minha confissão de que sou pesquisador era a causa da saída de alguma pessoa (ainda que fosse): adms ou integrantes dos grupos afirmavam que sempre há pessoas saindo dos grupos (o que é verdade) e que eu não deveria me preocupar. Isso me tranquilizou, mas pessoas sempre saíram e saem quando eu entro em um grupo e me apresento como pesquisador. Se eu tenho parte nisso ou não é uma questão que não tive, nem tenho como saber.

3.5 RETRATO DA PESQUISA

As pessoas com as quais interagi em grupos do WhatsApp e Facebook são, em sua grande maioria meninas adolescentes (raramente passavam da marca dos 25 anos) que se cortam. Nos grupos das redes sociais já mencionadas em que participo/participei havia/há pessoas dos mais diversos estados do país, do Pará ao

Rio Grande do Sul[21]. Sem dúvida alguma o leitor pode estar se perguntando se acaso eu cheguei a me encontrar com algum dos meus interlocutores de pesquisa. Sobre isso digo apenas duas coisas: a primeira é que de todas as pessoas que conheci nos grupos que participei, raríssimas foram as vezes que tive a oportunidade de ter num mesmo grupo que eu alguém que fosse da Paraíba, mesmo estado que eu moro, para que eu pudesse cogitar em me encontrar com a pessoa e fazer uma entrevista face a face. Quando conhecia nestes grupos pessoas da Paraíba, eu logo tentava fazer amizade a fim de estabelecer contato para além das redes sociais, mas nunca fui bem-sucedido nisso. Se amizade consegui fazer com conterrâneos presentes nos grupos, isso se resumiu às redes sociais. Em segundo lugar, e mais importante para a compreensão do tipo de pesquisa que desenvolvi, a maior parte das pessoas que participam destes grupos nunca se viu pessoalmente e não se preocupam com isso. A interação que ocorre entre eles, bem ou mal, está funcionando independentemente das distâncias e, por que eu, que estou nestes grupos na condição de pesquisador, deveria me preocupar por não conseguir conversar com elas[25] pessoalmente? Se para as pessoas dos grupos que participei e participo, a possibilidade de se encontrarem pessoalmente e interagirem face a face não é algo relevante e nem torna o vínculo que existe entre elas de menor importância, imagino que eu devo pensar o mesmo quanto à validade e importância do trabalho que venho realizando.

A visão que essas pessoas têm da automutilação é diversificada[22]: há quem entenda que a prática de se cortar é um vício, e, portanto, algo mau que precisa ter seu fim; há quem veja a automutilação como algo bom, há os que busquem se tratar e associam a automutilação a um distúrbio (como as pessoas borderlines e as que fazem alguma espécie de tratamento psicológico ou psiquiátrico) e há os que se veem como “suicidas”. Não há uma designação uniforme utilizada pelas pessoas que se cortam para se definirem. Algumas vezes é possível que se chamem de anjos, outras

[21] Houve alguns poucos grupos do WhatsApp (dois?) que possuíam pessoas de outros países. Também consegui entrar em grupos do WhatsApp e do Facebook de outros países: estive em grupos da França, dos Estados Unidos, Itália e com pessoas da América do Sul (Uruguai, Argentina, Colômbia e Chile).

[25] Uso o feminino para me referir aos nativos da pesquisa pelo simples fato de que a grande maioria das pessoas que se cortam serem garotas adolescentes.

[22] Essa questão de como as pessoas que se cortam veem a automutilação, será apresentada futuramente, pois faz parte da sistematização dos dados. Por agora, posso dizer que em minha monografia, os interlocutores associavam a automutilação à autopunição, rejeição do próprio corpo, dificuldade de comunicação, sublimação e demarcação do eu (SILVA, 2014).

falam das coisas referentes a eles como se fossem coisas de suicidas. Na tentativa de entender qual a razão de ver com uma certa frequência as pessoas que se cortam se chamando de anjos, eu perguntei em alguns grupos por que essa denominação. Eis, a seguir, a postagem que fiz, no Facebook, acompanhada das respostas que obtive.

> Oi,
> Muitos de vocês sabem que pesquiso sobre automutilação. Estou escrevendo minha dissertação sobre minha participação em grupos do Facebook e do Whats. Mas, eu percebi uma coisa: já notaram como, nos grupos que participamos, muita gente chama uns aos outros de anjos? Às vezes, até nos grupos a gente coloca nomes como "anjos depressivos" e tal? Minha pergunta é: porque muitas pessoas que se cortam chamam uns aos outros de anjos?
> Comentários
> J. A: Pq suicidas (quem se corta e/ou quer morrer) são anjos colocados por Deus na terra mas querem voltar pra casa que é o céu e o céu é a casa dos anjos entende?
> V. F: Porque são anjos que querem voltar pra casa:).
> G. C.: Oi! Anjos porque normalmente pessoas com depressão, não querem estar vivas. Querem morrer. É difícil segurar essa dor.
> Anjos porque pelo fato de o céu ser o lugar delas, anjos porque queremos voltar para casa. (trecho de conversa realizada no WhatsApp)

Algumas imagens que fazem uma alusão das pessoas que se cortam são compartilhadas nos grupos de WhatsApp e do Facebook.

Figura 2- Imagem compartilhada em grupo do Whatsapp para automutiladores.

Fonte: Arquivo pessoa.

3.6 QUE NOME DAR?

Uma preocupação que eu tive foi a de procurar entender qual termo seria o melhor para me referir às pessoas com as quais pesquiso para me aproximar dos termos e da linguagem nativa. Fato é que não havendo um termo “nativo” que designe satisfatoriamente as pessoas que tem em comum essas práticas (e há quem use o termo “cutter”, pois designa aquele que pratica o cutting), eu faço a opção por chamá-los, algumas vezes de automutiladores e pessoas que se cortam. Espero que nisso não esteja desagradando ou desrespeitando as pessoas com as quais conversei durante a minha pesquisa. De igual modo é de se pensar: e a prática, como nomeá-la? Ao usar a palavra “automutilador”, não estou querendo dizer que todas as pessoas que se cortam tenham tudo em comum, pois o que as tornam meus interlocutores de pesquisa é uma prática apenas, há muitos outros elementos que os distinguem entre si. Muito menos estou tentando retratá-las como se fossem portadoras de uma espécie de transtorno. Não. Meu objetivo não é o de patologizá-las. A expressão “pessoas que se cortam” é a mais utilizada neste trabalho pelo fato de designar o que une as pessoas com as quais interagi na pesquisa. Numa das primeiras conversas que tive com uma garota, adm de grupo do Facebook e do WhatsApp, ela me disse o seguinte,

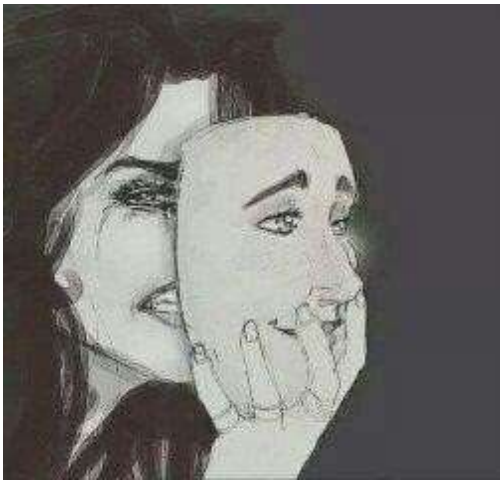
> Olha, a maioria das pessoas que eu conheço e conheço bastante, chamam de automutilação. É o nome mais usual. Cutting está em desuso até em países de língua inglesa que tem por costume chamar de "self harm". (trecho de conversa realizada no chat do Facebook)

Nas conversas das/com as pessoas que acompanhei, eram muito recorrentes questões estéticas, ao falarem de que não se sentiam bem com sua aparência; problemas de relacionamento com familiares (pai, mãe, irmãos) aos quais, em alguns casos se atribui o início da automutilação; fala-se, evidentemente na prática de se cortar, e nos cuidados referentes a isso (como quando alguém posta uma imagem mostrando que acabara de se cortar e uma ou mais pessoas do grupo aconselham a pessoa que se cortou a cuidar dos ferimentos para não infeccionar) ou quando alguém se corta e fala do grau de intensidade com que a navalha, lâmina, faca ou estilete adentrou na pele se queixando de que o corte fora mais profundo do que se

esperava ou que a lâmina já não corta como antes. Ainda há conversas sobre relacionamentos amorosos, às vezes alguém comenta que sofreu bullying, por mais de uma vez se fizeram perguntas sobre se haviam pessoas bissexuais ou homossexuais nos grupos. Algumas respostas eram positivas. A resposta a essas perguntas poderia gerar brincadeiras entre os componentes dos grupos que se insinuavam uns para os outros. A questão sexual, quando usada, geralmente é utilizada de uma maneira cômica. Sobre Bullying, há casos que estão diretamente associados com a prática da automutilação. Num dos casos, uma garota falou que fora de short para a escola e viram-se as marcas dos cortes nas suas pernas, o que despertou a atenção dos seus colegas que não deixaram o fato passar despercebido.

Quanto aos perfis dos grupos do WhatsApp e do Facebook, geralmente a imagem que escolhem pode ter um texto falando diretamente sobre automutilação ou sobre dor, sofrimento, superação. Ou ainda podem remeter a alguma forma de suicídio.

Figura 3- Imagem de perfil de grupo do WhatsApp para automutiladores.



Fonte: Arquivo pessoal.

Acima se pode ver uma imagem de perfil de um dos primeiros grupos dos quais participei no WhatsApp. Nela se verifica uma moça chorando e segurando uma máscara que aparenta alegria. Uma imagem que inequivocamente nos remonta à obra de Goffman (1985) e às muitas noções que ele utiliza a partir da alegoria da vida social como uma peça de teatro: “fachada”, “manutenção do controle expressivo”, entre outras. Há grupos com imagem de perfil que é a foto dos pulsos de Demi Lovato,

cantora ícone adolescente, que foi flagrada por meio de fotos num evento com os pulsos marcados por cortes, com as tatuagens “Stay Strong”. Há imagens de lâminas em alguns perfis. Uma das imagens é a de uma garota fazendo o sinal de silêncio com o dedo indicador sobre a boca e segurando com a mesma mão que pede silêncio, uma lâmina. Algumas imagens de perfil são “suicidas”: a de uma garota pulando na linha do trem, outra de alguém sentado à beira do alto de um prédio, etc.

Esses grupos seja do WhatsApp ou do Facebook podem ter nomes dos mais simples e objetivos como “Automutilação”, “Automutiladores”, “S.O.S. Automutilação” a outros tais quais “The End”, “Help You”, “Somos Todos Suicidas”, “Pequena Suicida”, “Diferentes”, “Cortes na Alma”, “Pedido de Socorro”, “Anjos e seus Cortes”[23], entre outros. Tanto os nomes dos grupos quanto suas imagens de perfil podem ser alterados ao longo do tempo, seja por algum dos adms que resolva fazer esta alteração ou mesmo por qualquer um dos seus integrantes.

3.7 QUERIDAS LÂMINAS

> Cuchilla, amiga mía, mi pincel, hoy hemos hecho suficiente arte em mi piel (retirado de um perfil do Tumblr intitulado “Verguenza de la Familia”, com as hashtags: #cuchilla #arte #pincel #piel #cortes) Porque a lâmina é a caneta, e os meus pulsos é a minha folha, e assim eu escrevo a minha história. (retirado de um perfil pessoal do Tumblr, com as hashtags:#ana #mia #anorexia #bulimia)
>
> Era eu e a lâmina contra um mundo inteiro. (retirado de um perfil do Tumblr intitulado “suicidegirlcrazy”, com as hashtags: #suicidio #cortes #adeus #bye #dor)

Que tipos de instrumentos um automutilador usa para se cortar? Pode ser com uma faca, tesoura, estilete, um pedaço de vidro, com a lâmina retirada de um apontador de lápis, ou outro qualquer objeto que corte. Há várias imagens que são postadas nas mais diversas redes sociais com apontadores de lápis sem lâminas e com uma inscrição dizendo algo como: “muitas pessoas não entendem isso, mas se você entende, sinto muito”. Noutra, uma garota segura nas mãos vários apontadores

[23] A maior parte dos grupos citados ou acabaram ou silenciaram suas conversas. O fato de ter citado eles, ao meu ver, não implica em nenhum problema haja visto que não há (pelo menos até o momento), meios para que alguém entre num desses grupos sem o consentimento dos seus adms.

e acima, na imagem há uma inscrição: “lembra de quando serviam só para apontar lápis? ”

O instrumento mais usado, ou pelo menos, o que mais aparece nas representações que se fazem acerca da automutilação é a lâmina de barbear. Esta lâmina é um tipo de símbolo totêmico para muitos dos que se cortam. Ela está presente em muitas das imagens compartilhadas nas redes sociais pelos automutiladores. Por vezes a imagem da lâmina pode vir acompanhada de uma frase: “Me faz mal, mas me alivia”, “I,m sorry, mom”, “Friends”. As lâminas são chamadas de amigas, de queridas, etc. Ou seja, a elas são atribuídas agência e personalidade. Uma das imagens postadas em um grupo é composta por várias lâminas, em cada uma havia uma inscrição: “Family”, “Friends”, “Failure”, “Sadness” e “Frustration”. Há pessoas que fazem de sua lâmina (ou uma imitação de lâmina que não tem capacidade de cortar) um pingente para o seu colar. Já vi até Youtuber dizer que vendia em sua loja virtual esse tipo de adereço. Uma das imagens que circulam pelas redes sociais é a de uma lâmina num porta-aliança. Tudo isso acaba por contribuir para a ideia de que as lâminas são, para as pessoas que se cortam, objetos que catalisam em si próprias todos os discursos da automutilação: rejeição, culpa, redenção, alívio, etc. Dentre todos os símbolos que são usados pelas pessoas que se cortam, nenhum tem a importância que as lâminas têm. Elas perdem sua função original que é a de raspar os pelos do corpo para fazer cortes no corpo, ou seja, para se tornar “friends”, as que “ferem, mas aliviam”. No mundo da automutilação, onde o sofrimento dificilmente é compreendido e quase sempre expressado por meio dos cortes, as lâminas perdem sua função original e ganham personalidade. Além disso, elas fazem a intermediação entre o indivíduo e a sua pele e, já que não é o indivíduo, mas a lâmina que causou os cortes, logo, ela pode ser também responsabilizada. Parodiando a passagem bíblica, quem se corta, é ao mesmo tempo o pai que sai com o filho para imolá-lo e ao mesmo tempo o próprio filho que caminha para o seu sacrifício, para dali voltar são e salvo (só que no caso dos meus informantes, eles sempre voltam trazendo consigo as marcas que testemunham cada sacrifício). Em outras palavras, o objeto lâmina é tanto instrumento para uma prática como elemento de significação entre os automutiladores.

Figura 4- Imagem de perfil de grupo do WhatsApp para automutiladores.

Fonte: Arquivo pessoal.

Amigas ou inimigas, afiadas ou não, as lâminas estão presentes no estojo que o automutilador leva para a escola, ou no bolso de uma calça, na gaveta do guarda-roupa, nas imagens e vídeos que muitos automutiladores editam e enviam pelas redes sociais. A lâmina representa muito mais que um objeto que corta, resume histórias, frustrações, dor, mas também há pessoas que associam o fato de se cortar a uma sensação de prazer. De uma ou de outra forma, as lâminas são confidentes que testemunham de um ritual impregnado de significados. Como alguns automutiladores em algumas situações deixam entender, ao se cortarem eles estão escrevendo na pele. Neste caso, a lâmina é a caneta com a qual eles registram suas mensagens em seu tecido vivo. Como na imagem acima, as lâminas têm sua importância, mas fazem um papel ambivalente: ao abrirem na pele do automutilador espaço para fazer sair uma dor sentimental que a pessoa que se corta não aguenta ter de carregar, elas desempenham um papel positivo, mas também criam cicatrizes que, mais cedo ou mais tarde poderão ser motivo de discriminação. Com elas o automutilador supera uma dor sentimental, mas ao custo de uma dor física[24].

> El dolor de la herida y de su cicatrización, la tensión que permanece em la piel, la vista de la lesión o de sus marcas desarticulan el sufrimiento. El tope del dolor físico ahuyenta el caos y le da a uno la sensación de poder controlarlo siempre. Esto explica el apego al instrumento en numerosos adolescentes que se lastiman: la hoja de afetar, el *cutter,* el cuchillo, el pedazo de vidrio son objetos de salvación que proveen el alivio. Los ataques al cuerpo intentan restaurarle a la piel uma capacidade de contención por médio del establecimiento regular de un envoltorio de dolor (Le Breton, 1995, 2003), no de uno de sufrimiento, como lo describe D. Anzieu (1985:109). El

[24] Para a fase posterior do trabalho fica a questão de falar sobre a positividade que algumas pessoas que se cortam veem na automutilação.

> sufrimiento es precisamente a lo que se opone el ataque al cuerpo. Se trata de usar el dolor contra el sufrimiento. (LE BRETON, 2012, p. 105)

O apego que alguns automutiladores têm pelo objeto que usam para se cortar se deve à capacidade que suas lâminas têm de contribuir com a ressignificação da existência dessas pessoas ao liberá-las de um sofrimento inominável, abrindo caminho para fazer correr a tensão através dos cortes na pele. Essa ressignificação pode também ser entendida como invenção, para usar os termos de Wagner.

> Quando um símbolo é usado de modo não convencional, como na formação de uma metáfora ou um tropo de alguma outra ordem, um novo referente é introduzido simultaneamente com a nova simbolização. Uma vez que nem significante nem significado pertencem à ordem estabelecida das coisas, o ato de simbolização só pode ser referido a um evento: o ato de invenção no qual forma e inspiração passam a figurar uma à outra. (WAGNER, 2010, p. 85)

3.8 WHATSAPP X FACEBOOK

Foi nos grupos do WhatsApp que me detive por mais tempo na pesquisa. Isso ocorreu fora das minhas expectativas iniciais de pesquisa. Mas estou certo que fui levado aos grupos deste aplicativo para celular por meio de meus informantes no Facebook. Os grupos do WhatsApp aparentam permitir conversa mais direta e imediata. Vídeos, imagens e áudios (de música ou de pessoas do grupo falando) são postados em maior intensidade que nos grupos do Facebook. Além disso, diferentemente nos grupos do WhatsApp é possível acompanhar quem entrou e quem saiu do grupo, o que dá uma ideia de como o grupo anda. Entre os grupos de uma e de outra rede social eu diria que o diferencial principal seria o ritmo. Os grupos do WhatsApp são muito mais dinâmicos do que os do Facebook que participo. Sem esquecer que os grupos do Facebook servem muito como plataforma para administradores de grupos recém-criados no WhatsApp fazerem a propaganda de seus grupos convidando pessoas para serem adicionadas.

3.10 INTERAÇÃO NO WHATSAPP

Para se entrar em um grupo do WhatsApp voltado para pessoas que se cortam os caminhos são estes: o mais usual me parece ser via os grupos do Facebook. É comum ver pessoas postarem nestes grupos a foto do perfil de um grupo do WhatsApp, acompanhada de uma chamada para que os interessados digitem seus números de telefone nos comentários para que sejam adicionados.
A maior parte dos grupos que entrei foi por este caminho.

Uma outra forma de se entrar em grupos do WhatsApp é quando a pessoa já está em algum grupo deste mesmo aplicativo e um outro componente anuncia que está criando um grupo ou que participa de outro grupo e que os interessados em serem adicionados nele precisam apenas disponibilizar o número de seu telefone.

Finalmente, qualquer pessoa pode criar um grupo para automutiladores. Aqui convém falar sobre o papel dos adms (administradores dos grupos). Primeiramente, o adm é quem cria o grupo. A ele cabe adicionar aos grupos aqueles que serão os seus integrantes. O adm pode agir como dono do grupo, sendo apenas ele quem adiciona ou exclui pessoas do grupo, ou pode compartilhar desse papel com outros participantes do grupo ou até pode fazer com que todos participantes do grupo sejam também adms (eu mesmo fui feito adm de alguns grupos). Na maior parte dos grupos que participo e participei posso dizer que há uma horizontalidade no que diz respeito à condução dos grupos. São raros os grupos dirigidos por apenas uma pessoa. Mas quando isso acontece, como no caso de um dos grupos que estou há mais tempo, o adm desempenha um papel como de conselheiro e psicólogo do grupo. Na maior parte das vezes não vi nada nos adms que os diferenciasse muito dos outros componentes dos grupos.

Quanto aos grupos de WhatsApp que pesquisei, diria que há uma dinâmica que se repete de forma quase que uniforme. Me refiro ao modo de entrar nos grupos, a apresentação, após ser adicionado, as postagens mais corriqueiras, as ameaças de suicídio e por fim, a saída das pessoas, silenciamento e, até a dissolução do grupo. Adianto, desde já, que este é um campo muito volátil, marcado pela necessidade deste pesquisador migrar de grupos em grupos dada a efemeridade de duração deles. A legitimidade deste trabalho está, não na duração do pesquisador num mesmo espaço por um longo período de tempo, e sim, em acompanhar os fluxos de

entrada e saída das pessoas, criação e fim de grupos. Mais à frente aprofundarei essa questão.

Quanto aos modos de uma pessoa ser adicionada a um grupo de automutilação, eu já falei. Agora, após ser adicionado, convém que quem chega se apresente. A pessoa pode fazer isso espontaneamente ou pode ser estimulada a isso por um dos administradores do grupo. A seguir, disponho algumas dessas apresentações, sendo a primeira a minha apresentação após chegar no segundo grupo de WhatsApp. Como algumas das pessoas presentes neste grupo também estavam no primeiro, eu não tinha me apresentado, até que uma garota me pediu para fazer isso:

> MJ: Everton, você poderia se apresentar? Eu meio que não te conheço. rsrs
> Eu: Ops! Desculpa!
> MJ: Vc tbm n me conhece. Rsrs
> Eu: Meu nome é Éverton, tenho 29 anos e estudo antropologia. Minha pesquisa é sobre automutilação. Já fiz minha monografia sobre o assunto quando eu fiz a graduação e, agora, no mestrado, estou estudando o assunto novamente no whats e na internet, no geral.
> MJ: hmm, legal Everton. Tenho 15 anos e sou fanática em coisas sobrenaturais. Amor rock e pop. (conversa extraída de grupo do WhatsApp)

Essa apresentação geralmente consiste de dizer nome, idade, gostos e às vezes o novato posta uma foto sua (coisas que fazem parte da praxe de qualquer grupo que eu e o leitor participamos). O diferencial diz respeito a que, em alguns dos grupos que participo ou participei, pode se perceber, vez por outra, um dos componentes do grupo perguntar para um recém-adicionado “qual é a sua história”? Esta pergunta apesar de parecer geral, não é. Ela na verdade interroga sobre qual é o histórico do novato com relação à automutilação[25].

No momento em que ocorrem as apresentações podem começar amizades. Isso se deve quando alguém está se apresentando e ao falar que gosta de determinado de tipo de música, filmes ou livros um outro componente do grupo se identifica e começa a conversar sobre suas afinidades.

[25] Mais à frente me deterei um pouco mais acerca destas histórias contadas por pessoas recém-chegadas aos grupos.

As conversas nos grupos versam sobre os mais diversos temas: relacionamentos amorosos ou com a família, gosto por músicas e filmes, brincadeiras e, finalmente o tema que é a razão de ser do grupo, a automutilação.

Confesso que já houve grupos que precisei sair porque eles “perderam o foco”, ou seja, haviam sido criados para e por pessoas que se automutilam, mas ao passar do tempo, o tema foi esquecido. Assim, houve grupos que a brincadeira ou “zoeira” entre seus membros suprimiu as conversas sobre automutilação. Assim, não me restava outra alternativa senão sair daqueles grupos, onde, no meu entender não havia mais interações que tinham como assunto principal a automutilação. Ainda não consigo entender como ou por que acontece essa fuga de um grupo do seu propósito original. Mas, percebo que é mais comum em grupos que têm muitas pessoas.

Com relação ao uso de emojis nestes grupos convém salientar aqueles que são mais recorrentes. Neste caso devo fazer menção do uso da tesoura (✂), da faca, da régua[26], do revólver[27], do coração partido, a pílula, e a seringa e das carinhas tristes (☹), chorosas e com raiva. É evidente que outros emojis são utilizados, mas que não possuem nenhuma relação com a automutilação, de modo que não me parece relevante abordar sobre outros emojis além dos já mencionados[28].

3.10 AUTOMUTILAÇÃO, INVISÍVEL PARA QUEM?

Deve parecer surpreendente para alguém não iniciado na prática da automutilação e/ou que não conhece alguém que se corta, saber da existência de tantas manifestações e representações feitas relativas a este fenômeno. O fato de automutilação ser desconhecida pela maior parte das pessoas é consequência da habilidade que os indivíduos que se cortam dispõem de, por meio de diversos métodos, dar invisibilidade ao ato que praticam. E antes que se ofereça ocasião para questões relativas à razão pela qual as pessoas que se cortam ocultarem suas

[26] Mesmo que a régua nada tenha a ver com automutilação, mas pelo fato do emoji se parecer com uma lâmina, é neste sentido que ela era usada.

[27] Geralmente o emoji do revólver é acompanhado de uma carinha, sugerindo que a pessoa que postou ele gostaria de se suicidar dessa forma. Mas, também é possível ver pessoas postando o emoji do revólver sozinho. Reproduzo trechos do meu diário de campo onde falo de alguém que usou este emoji: “Agora é a M que disse que vai se cortar. A família dela esqueceu de seu aniversário”. Esta garota postou dois emojis, o de uma carinha e o de um revólver. Após esses emojis ela escreveu: “se tivesse faria”. Ou seja, a garota disse que se tivesse um revólver usaria ele para se suicidar.

[28] Esta é uma breve apresentação que poderá ser aprofundada na fase posterior do trabalho.

lâminas bem como os seus cortes, a resposta a indagações deste tipo é: uma vez que alguém é revelado, flagrado como uma pessoa que inflige a si um tal tipo de agressão, uma das primeiras atitudes é atribuir isso a transtornos psicológicos/psiquiátricos, enfim, a reação de boa parte das pessoas usualmente vê prática da automutilação como uma espécie de patologia, um ato reprovável.

As táticas de invisibilidade são muitas, tais quais o uso de casacos de mangas longas e de pulseiras para quem se corta nos pulsos, e de calças para quem se corta nas pernas. Se por um descuido o automutilador deixar seus cortes à mostra e alguém ver e perguntar o que aquilo significa as respostas podem ser: “foi brincando com o gato” ou “foi acidental”. A invisibilidade é programada no sentido de que os traços daquela prática só são visíveis para um público privilegiado. Via de regra um automutilador deixará que outros automutiladores vejam os seus cortes, além de amigos íntimos. A razão de a automutilação ser visível para esses dois grupos de pessoas é porque no primeiro caso a pessoa que se corta, por vezes, é iniciada nesta prática por uma outra que também se corta e, a partir daí podem tornar-se confidentes. A liberdade de falar e se expor e a garantia de aceitação também são garantidas nos grupos das redes sociais (é possível afirmar que é nas redes sociais onde ocorre a maior rede de solidariedade e de interação entre pessoas que se cortam). Quanto aos amigos íntimos a visibilidade só é possível devido à garantia de segredo e confiança.

Ao falar na invisibilidade que os automutiladores dão aos seus cortes, quero dizer o mesmo que Goffman (1980) chama de encobrimento. O encobrimento é a capacidade de invisibilizar aspectos da biografia e/ou da aparência do indivíduo que o desacreditam e acaba por ser um dispositivo ou mesmo uma espécie de poder: o poder de conseguir administrar as informações sobre si que podem ou não serem acessadas por outros. Assim também, os automutiladores ao utilizarem algum tipo de encobrimento estão se protegendo de olhares, comentários e até mesmo de pessoas que lhes parecem indesejadas e/ou que possam pôr a credibilidade de sua imagem em risco. Ao mesmo tempo que as pessoas que se cortam criam uma série de técnicas com o fim de preservar seus cortes e, portanto, manter a fachada desejada, elas tiram fotos de seus cortes e falam sobre o fato de se cortarem. É, há uma aparente ambiguidade nisto. Mas, as pessoas que se cortam avaliam que há duas

classes de pessoas: aquelas a quem se pode contar seus segredos de automutilação e as outras. Geralmente, a última classe contém pessoas mais velhas e familiares.

Fica claro, portanto, que a automutilação é invisível para aqueles aos quais os automutiladores entendem que é necessário encobrir essa prática (de se cortar). Há pessoas, lugares e situações aos quais os automutiladores revelam suas práticas, seja de modo intencional ou não. Destacarei, entre elas, os casos de Amanda Todd e Demi Lovato, dois casos de desfecho bem diferente, ambos de domínio público, e mencionados nos grupos de automutilação. Estas duas garotas deram uma maior visibilidade a este fenômeno trazendo-o para a esfera pública.

Amanda Todd era uma adolescente canadense que teve imagens íntimas divulgadas na internet e sofrera bullying na escola e na internet. Ela passou a usar drogas, a se automutilar, a tentar o suicídio, transferiu-se de cidade e mudou de escola, mas as coisas não mudaram para melhor. No dia 7 de setembro de 2012 ela resolveu postar um vídeo no Youtube contando a história dela, usando para isso de cartões de papel onde escrevera toda a sua mensagem. No vídeo[29] ela não fala, o foco da câmera fica nos cartões. No mês seguinte a esta postagem a jovem se suicida. Ainda não tenho certeza se foi Amanda Todd a primeira pessoa a postar um vídeo no Youtube com a mensagem transmitida em cartões que vão se alternando, geralmente tendo uma música de fundo, mas o fato é que há muitos vídeos neste mesmo estilo feitos por pessoas que se cortam. Eles contam sua história e pedem ajuda. Embora o elemento mais determinante da história de Amanda Todd fosse o bullying virtual e físico, a automutilação foi um elemento que também esteve presente na jornada que precedeu seu suicídio e ela citou isso. Em outras palavras, há pessoas que se automutilam e procuram expor o fato de se cortarem. Mas também há os casos de pessoas que, por algum descuido, são flagradas, descobertas. Foi o que aconteceu com Demi Lovato.

Apresentadora, cantora e atriz desde a sua infância, Demi Lovato escondia um segredo do grande público: Demi foi fotografada num evento e as câmeras captaram aquilo que pareciam marcas de cortes nos seus pulsos. Após todos os comentários gerados pelas fotos e de algumas negativas, finalmente a assessoria da cantora confirmou que a cantora sofria de alguns transtornos. Ela abandonou a prática de se

[29] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gikbgGOE5II>, Acessado em 09/09/2016.

cortar e foi diagnosticada como bipolar. A partir de então ela fala disso em entrevistas (e até já foi feito um breve documentário falando sobre esse episódio de sua vida) e fez uma tatuagem em cada pulso, que juntos formam a frase “Stay Strong[30]”. Sem dúvida alguma, para uma boa parte das pessoas que se cortam, a figura de Demi Lovato representa uma espécie de totem ou ícone, um modelo de superação, sem esquecer que a cantora teve durante muito tempo o público adolescente como a maior parte de seus fãs.

O momento em que a cantora e atriz foi vista com cortes nos pulsos, foi de quebra na representação que ela fazia de um determinado papel.

> Foi dito que o ator pode confiar em que a plateia aceite pequenos indícios como sinal de algo importante a respeito de sua atuação. Este fato conveniente tem uma implicação inconveniente. (GOFFMAN, 1985, p. 54)

No caso de Demi, o fato de ela ter esquecido por um momento de esconder seus cortes foi crucial para ela, causando uma reviravolta em sua vida.

> Em outras palavras, devemos estar capacitados para compreender que a impressão de realidade que criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos. (GOFFMAN, 1985, p. 58)

O leitor que também conhece Goffman pode estranhar ou sentir a falta de que neste momento se fale acerca dos tipos de segredo que Goffman apresenta. Gostaria de descrevê-los, mas, uma boa leitura deixa claro que os tipos de segredo que Goffman trata no capítulo quatro de *A Representação do Eu na Vida Cotidiana,* versa sobre segredos entre membros de uma equipe. Não seria honesto daí fazer uma leitura e aplicá-la a casos individuais, como o de Demi Lovato.

3.11 MOMENTOS CRÍTICOS

[30] Essa frase é usada vez por outra por algumas das pessoas que se cortam com as quais eu tive contato. Há grupos de WhatsApp que se chamam “Stay Strong”. Também já vi em grupos do WhatsApp pessoas dizerem a mesma frase uma para a outra como uma espécie de incentivo.

Os momentos mais críticos nos grupos que participo e participei são aqueles onde algum de seus integrantes ameaça se cortar ou se matar. A seguir transcrevo uma dessas conversas.

C: Mds, tanta gente (emojis- três carinhas sorrindo)
C: Me perdi.
C: Tô com vontade de me cortar.
B: Pq?
(alguém) saiu
C: Problemas.
C: Eh muito problema pra pouca idade, sabe?
B: Desabafar?
C: Já tentei suicídio 2 vezes.
B: Entendo.
B: Mds.
B: Não faz isso.
(alguém) saiu
C: Bem, T.
B: Estou aqui.
C: Tô na merda de uma escola q sinceramente, eh um pesadelo. Tenho poucos amigos aqui nessa droga de cidade n tem ninguém q posso confiar e contar minhas coisas.
S: Olá meninas, quer conversar, C?
C: Crystal.
C: Quero mt.
C: Olha, tô com uma coisa presa dentro de mim.
C: Tenho um namorado mt bom cmg, mas ele tá estranho cmg. Hoje teve aula na minha escola, e eu tava andando com minhas amigas, e ele nem falou cmg. Foi embora, nem se despediu de mim.
B: Se quiser chamar no pv pode chamar, C.
C: E aí, tava usando um short hoje, e nele dava pra ver um corte q fiz há mt tmp... E tinha um grupo de meninos q tava me zoando por isso.
C: E essa história tá rodando a escola.
C: "Ela eh louca, ela se corta".
R: Sabe.
R: Não dá bola.
R: Eu sei que é ruim.
R: Que parece impossível não ligar.
R: Mas fala com ele.
R: Pede desculpa e se tá tudo bem.
D: boatos. Estou passando por isso também.
R: Tenta fica calma.
C: Aí tipo, essa história foi parar nos ouvidos da diretora. Que agora vai chamar os meus pais pra conversar. E tipo, minha mãe tá grávida.
E aí, meu pai se separou dela. E eu tô sofrendo pra porra com isso.
B: Que horror essa escola.
S: Não se corte, não faz isso, sei que tem julgam e isso é MT ruim e quase impossível ignorar mas vai passar e vai ficar tudo bem, e falar com namorado vê o que aconteceu pq ele tá estranho ctg. (trecho de conversa realizada no WhatsApp)

Creio que vi, desde os primeiros dias em que fui adicionado em grupos do WhatsApp feitos por e para pessoas que se cortam, pessoas dizendo que iam se cortar. Esse fato de as pessoas anunciarem para o grupo que estavam querendo ou que iriam se cortar me chamou a atenção, entretanto, quando comecei a ver pessoas nos grupos ameaçando não apenas que iam se cortar, mas também que iam se matar, então comecei sinceramente a me preocupar e cogitar sair dos grupos nos quais haviam pessoas que ameaçavam se suicidar. Certo é que eu estava diante de uma situação, no mínimo, embaraçosa, para não dizer tensa e, até mesmo, preocupante, já que envolvia o risco de alguém dar cabo da própria vida. A pesquisa que realizei tem como uma de suas características mais marcantes a de tratar com um tema delicado, que é a automutilação. É uma prática que envolve riscos, e eu não conseguiria conviver ou interagir com os interlocutores da pesquisa, sem sentir na minha pele as repercussões daquilo que os sujeitos faziam, em outras palavras, fui impactado pelas ameaças de suicídio. De alguma forma, eu estava, na condição de pesquisador, vivenciando uma experiência semelhante à de Veena Das (DAS, 1999). A referida antropóloga pesquisou casos de família da região do Punjabi, na Índia que de alguma maneira foram atingidas pela violência da “Partição”. Seu foco está no caso de uma mulher, Manjit, que antes de se casar, fora raptada e possivelmente estuprada. Este é um mau inominável, e como assim é, assim deve permanecer, entretanto, apesar deste evento fatídico (uma violência terrível), não ser apresentado na família do esposo de Manjit, ele é direcionado para fatos da vida cotidiana, como a desconfiança do seu marido acerca da paternidade do seu filho mais velho. Em outras palavras, há uma violência que é tabu nomear, mas suas consequências são usadas e pronunciadas nos fatos da vida diária. Uma das virtudes do trabalho de Das está em perceber como captar o eco da violência não pronunciada, mas ocorrida. No meu trabalho de pesquisa sobre automutilação, havia as opções para mim de ficar chocado diante daquilo que parecia forte ou apreender o ato de alguém se cortar ou ameaçar fazer isso como consequência ou eco de outros fatos.

Em alguns dos casos em que as pessoas ameaçavam se matar, elas postavam fotos das mãos com remédios mostrando de que forma iriam tentar dar cabo da vida. O recurso ao uso da foto indica um esforço no sentido de dar veracidade e seriedade àquilo que se está dizendo a fim de que quem veja a postagem entenda que não se

trata de uma brincadeira. Parece-me que “realização dramática”, expressão usada por Goffman, seja o termo mais aproximado para utilizar nestas situações de ameaças de suicídio onde o pretendente ao ato envia uma foto indicando de que modo pretende chegar ao fim prometido. Para que não reste dúvidas acerca do que seja realização dramática, reproduzo parte daquilo que o autor já mencionado revela sobre esse recurso da interação: “Em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros” (GOFFMAN, 1985, p. 36). A realização dramática é um daqueles suportes usados na interação via redes sociais que, em determinados momentos, parece indispensável para que aquele que recebe a mensagem entenda, de fato, com quem é que está falando, ou ainda, para que o receptor da mensagem acredite no potencial de o indivíduo que postou a mensagem de realizar aquilo que se propôs a fazer. Em alguns momentos, o uso de imagens no WhatsApp (como em circunstâncias similares a essa que estou apresentando) visa compensar alguns déficits de uma interação que não é face a face.

Com o decorrer do tempo meus sustos se mostraram despropositados. Até o atual momento da pesquisa, nenhuma das pessoas que ameaçaram nos grupos de WhatsApp que participo ou participei chegou de fato a consumar o suicídio. Nas ameaças que alguns componentes dos grupos fazem de se cortarem ou se matarem há fatores a serem considerados. As ameaças que alguém faça de se cortar ou mesmo de suicidar-se podem mobilizar uma série de atores que farão seus esforços para dissuadir o pretenso automutilador/ suicida de seguir com o seu intento. Uma possível consequência das ameaças de se cortar ou de suicídio quando ocorrem em grupos que já estão há muito sem conversas é o de tornar a fazer com que a comunicação volte a ativa.

Sejam quais forem os motivos que levem alguém a anunciar que está prestes a se cortar ou cometer suicídio, parece-me adequado dizer que há uma eficácia presente nestas ameaças. As ameaças atingem uma finalidade (seja ela propositada ou não). A eficácia das ameaças fica muito evidente por sua capacidade de acionar uma rede de pessoas que se articulam com o objetivo de demover a pessoa que está

prestes de se cortar ou se suicidar de chegar ao cumprimento daquilo a que se propusera a fazer.

Para finalizar esta parte relaciono as ameaças de automutilação ou de suicídio que presenciei nos grupos do WhatsApp sobre automutilação com aquilo que Goffman chama de “desempenho”, entendendo por desempenho “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes” (GOFFMAN, 1985, p. 23). Para exemplificar o que estou dizendo disponibilizo mais um trecho de conversa onde uma moça ameaça se cortar.

> M: Esqueceram meu niver. Minha própria família! Vou me cortar.
> D: Nossa... (emojis de carinhas chorando).
> I: Não faz isso não ‘-‘
> D: feliz aniversário...
> M: (emojis- um de carinha triste e os outros de carinhas chorando). Sou inútil.
> I: (um emoji de carinha chorando)
> M: (um emoji de uma carinha triste e outro de um revólver). Se tivesse faria.
> V: parabéns... Tudo de bom para vc. Que Deus te abençoe e cuide vc todos os dias (emojis de corações).
> V: vc não é inútil, não faz isso.
> M: obgd.
> V: gnt vcs sabem do projeto borboleta? M:
> sim. (emoji de carinha triste)
> V: então faz a borboleta.
> M: já matei várias (emoji de carinha triste).
> V: (dois emojis de carinhas tristes). Faz e coloca o nome da sua melhor amiga.
> M: não tenho. Nunca tive (emoji de carinha triste).
> V: agora tem (emoji de coração). Coloca o nome de seu irmão mais novo ou o da sua mãe.
> M: Sou caçula e minha mãe não se importa comigo.
> V: mas Deus se importa e agora eu também.
> M: obrigado, anjo.
> V: de nada, anjinha.
> M: (emoji de carinha triste)
> A: coloca meu nome, aí caso vc mate ela (a borboleta) vai ficar mais fácil para eu ir embora para sempre.
> M: não quero que você vá embora para sempre.
> A: mas eu quero.
> M: não.
> A: (um emoji de carinha triste e outro de carinha chorando).
> (trecho de conversa realizada no WhatsApp)

Na conversa acima, aparentemente o desempenho foi bem-sucedido, pelo fato de que a atuação dos participantes do diálogo teve uma influência. Na verdade, quando “M” diz que vai se cortar, ela acaba por provocar que pessoas do grupo

interagissem com ela. Isso ocorreu. E mais: os esforços de “V” e “A” surtiram o efeito de impedir “M” de se cortar. Vale dizer que nem toda conversa é assim. Há quem diga que vai se cortar e, apesar dos esforços dos companheiros do grupo em dissuadi-lo de se cortar, o que acontece é que alguns instantes depois já se nota uma imagem postada de uma foto de uma região do corpo que acabara de ser submetida a uma sessão de cortes. Em casos assim acredito que se possa falar em desempenho negativo, pois a influência pretendida por alguns atores da interação não alcançou o fim pretendido[31].

3.12 ME CHAMA NO PRIVADO

Outra das características principais dos grupos de WhatsApp para automutiladores (como ocorre em qualquer outro) é o recurso de chamar ou se dispor para conversar no privado com algum membro do grupo. A conversa no privado, isto é, entre apenas duas pessoas, quando combinada previamente no grupo, pode vir em forma de pedido de alguém que está passando por alguma dificuldade ou pode ser sugerida por um componente do grupo que queria ajudar a pessoa que está em apuros ou que acabou de ameaçar se cortar ou se matar. É muito difícil, na verdade, estabelecer quais conteúdos são reservados para as conversas no privado. Digo isto pelo fato de que, nos grupos, há momentos nos quais as pessoas conversam sobre os assuntos mais diversos e íntimos: sobre os conflitos familiares, vida sexual etc. O que parece indicar qual a pauta das conversas no privado são as escolhas pessoais de alguns participantes dos grupos que não se sentem à vontade de falarem de assuntos que o seu pudor não lhes permite expor para muitas pessoas. As conversas que tive no privado, na maior parte das vezes foram solicitadas pelas pessoas (embora não foram muitas conversas deste tipo que eu tive). Raríssimas vezes estas conversas foram iniciativas de minha parte. Além disso, o teor das conversas que fui solicitado a ter versavam sobre problemas familiares e sobre a automutilação em si. Havia pessoas que me faziam perguntas, tais quais: “por que as pessoas se cortam”?

[31] Pretendo ainda fazer um diálogo entre a automutilação e outros tipos de condutas como a anorexia e a bulimia que, em comum, tem seus maiores praticantes entre garotas adolescentes que almejam um corpo perfeito, ao mesmo tempo que estão rejeitando aquele que agora possuem.

Outras vinham me perguntar como andava a minha pesquisa, outros ainda vinham dizer que estavam passando por problemas, mas não especificavam que tipo de problemas. Era interessante. Ainda que fosse no privado e a pessoa demonstrasse certa confiança em mim, ela não chegava a ir além de contar que não estava bem. Talvez um elemento a ser considerado no caso desta garota que me procurava no privado para contar sua situação, mas que mostrava claramente que tinha um bom controle sobre aquilo que queria que eu soubesse, era o fato de que ela tinha, durante a maior parte do tempo que conversamos, dezenove anos, fim da adolescência e, em muitos casos, período que coincide com o fim da automutilação.

Entendo que quando uma pessoa pergunta se há alguém no grupo disposto a uma conversa no privado ou quando uma pessoa quer ajudar se dispondo a conversar no privado (não importando quem toma a iniciativa do convite, seja do ajudador, seja da pessoa que precisa de ajuda) há nisso um aprendizado. Ou seja, o recurso ao privado, quando parte de uma conversa prévia no grupo, se torna como um dispositivo do próprio grupo. É uma conversa que ocorre fora do grupo, mas que está relacionada com ele. Os grupos do WhatsApp para pessoas que se cortam é um espaço onde se crê que elas podem falar sobre a prática da automutilação de modo franco e sem empecilhos, ainda assim, há questões que os participantes do grupo preferem evitar comentar para todo grupo ouvir. É algo que varia de pessoa para pessoa[32].

3.13 SILENCIAMENTO E/ OU FIM DOS GRUPOS

O tipo de interação que ocorre entre automutiladores nas redes sociais obedece, a meu ver, a um certo ritmo. Ao falar em ritmo me refiro tão somente à intensidade com que ocorrem as postagens/ conversas. O ciclo destes grupos geralmente é de criação e auge, normalização (com altas e baixas na frequência das conversas) e silenciamento ou fim[33]. É um ciclo curto que exige do pesquisador

[32] Posteriormente pretendo falar um pouco mais sobre as conversas em privado, mas, de antemão acredito pelo que tenho visto que não há como se estabelecer causas específicas que provoquem estas conversas. Às vezes, as pessoas decidem ter uma conversa no privado simplesmente por perceberem que apenas elas no grupo estavam online ou afim de conversar.

[33] Futuramente trabalharei aqui de uma maneira mais clara a noção de temporalidade usada por Franch (2016).

atenção para saber quando é hora de diagnosticar o grupo como morto e sair dele, mas a situação inversa se configura também num problema, pois: como conseguir interagir e acompanhar um grupo que diariamente tenha mais de quinhentas postagens feitas?

Assim sendo, um dos momentos de pico de postagens nos grupos é quando ele é criado. Enquanto as pessoas vão sendo adicionadas ao grupo, elas se apresentam e podem contar suas trajetórias e gostos, ao verem as histórias uns dos outros, surge a empatia entre alguns participantes do grupo surgindo as primeiras conversas e assim o grupo segue entre conversas, postagens de imagens, áudios e vídeos. Geralmente após os primeiros momentos ou dias da criação de um grupo, a intensidade de postagens tende a baixar. Os outros momentos onde pode haver uma elevação de postagens é quando um participante do grupo traz uma notícia ou um tema que seja do interesse dos demais (ou pelo menos de boa parte deles) e quando um componente do grupo ameaça se cortar (ou após dizer que se cortou) ou se matar.

Mas o pior pode acontecer: os participantes do grupo podem simplesmente parar de postar, podem perder o interesse pelo grupo. Em situações como essas, alguns adms (administradores dos grupos) podem procurar adicionar mais pessoas a fim de incentivar as pessoas a voltarem a se comunicar. Isso pode funcionar ou não. Se adicionar novos integrantes não funcionar, verificar-se-á que o número de pessoas que optarão por sair do grupo só tenderá a aumentar[34].

Há situações, entretanto, em que as postagens diminuem ou simplesmente as pessoas param de postar e os adms não tomam nenhuma atitude de incentivar as pessoas a falarem, mas também não se percebe um aumento na saída de pessoas do grupo. A isso chamo de silenciamento do grupo. Participei (e participo) de grupos que ficaram meses sem postagem. O primeiro grupo no qual fui adicionado sempre foi silencioso. Apenas um componente postava textos (não eram postagens visando uma conversa) quase que mensalmente. Ainda tentei chamar as pessoas para conversar, mas não obtive sucesso. Seis ou sete meses após ter sido adicionado nesse grupo resolvi sair depois de esclarecer aos seus integrantes a razão de minha saída e de me prontificar de estar à disposição de qualquer dos seus integrantes que eventualmente quisesse conversar comigo. Há vezes que (seja pelo grupo estar

[34] É interessante afirmar que, na maioria dos grupos sempre tem gente saindo e sendo adicionada.

calado ou pelo fato de haver algumas pessoas que não falam no grupo) componentes do grupo sugerem e os adms acatam a ideia de remover do grupo as pessoas que não estão falando. Mas os próprios adms podem decidir e informar que vão remover do grupo aqueles que estão sem falar. A atitude de retirar pessoas que não falam do grupo pode servir como um meio coercitivo de incentivar os que não forem removidos a se manterem sempre ativos. Aproveitando que falei acerca da exclusão de pessoas que não falam nos grupos, devo dizer que pessoas também podem ser excluídas por outros motivos dos grupos. Há dias em que, ao verificar algum dos grupos que participo, está lá a notificação de que um determinado número de participantes foi removido do grupo. Mas, geralmente, os casos mais conhecidos de remoção de pessoas são devidos a descumprimentos de regras do grupo.

Deve ficar claro que via de regra os grupos de WhatsApp não colocam muitas regras e não há, na maioria dos grupos, uma rigidez de exigências quanto ao modo como os integrantes devem se comportar. Entretanto, há certos limites. Lembro de um grupo que participei, na condição de pesquisador, para pessoas que tem TPB (Transtorno de Personalidade Borderline) onde alguns componentes alertaram para que se não fizesse postagem de conteúdo pornográfico. Interessante que algumas pessoas postavam algumas imagens, não delas mesmas, mas que tinham insinuação de nudez e isso não repercutiu negativamente, mas algumas pessoas postaram alguns vídeos onde havia cenas de sexo e uma ou mais pessoas foram punidas com a exclusão do grupo.

Além do silenciamento de um grupo, é possível que o grupo chegue ao seu término. Sim, quando isso ocorre geralmente é por uma decisão de seu (s) adm (s) que podem chegar à conclusão de que não há mais outra saída, exceto acabar com o grupo. Assim, houve ocasiões onde, ao olhar os grupos do WhatsApp que participo, algumas vezes vi (e vejo) a notificação informando que fui removido do grupo.

Há uma situação que me parece merecer um destaque aqui quanto à finalização de um grupo. A primeira vez que fui removido de um grupo foi bastante emblemática para mim. Eu chegara em casa, à noite, depois de ter ido a um evento e fui dar uma olhada quais as novidades do WhatsApp, e qual não foi a minha surpresa quando percebi que, pela primeira vez havia sido excluído de um grupo? Dei uma olhada no grupo e percebi que não fui eu o único a ser removido do grupo,

muitas pessoas haviam sido tiradas, ou para bem falar: o grupo havia sido esvaziado, deixou de existir. Fui então procurar falar com a garota que me adicionara àquele grupo para saber qual a razão de eu ter sido excluído. E ela me confirmara o que eu, em parte, havia entendido ao ler as postagens que antecederam à minha exclusão. A garota em questão havia criado o grupo mas havia saído dele (já havia feito com que outras pessoas fossem adms). Então, o pessoal voltou a adicioná-la ao grupo e isso ocorreu novamente por duas ou três vezes. Finalmente, a garota volta a ser adm e começa a excluir, agora com o apoio dos outros adms, todos os componentes do grupo.

Antes de terminar esta parte falando sobre silenciamento e fim dos grupos acho que seria interessante dizer que, em alguns grupos que foram pouco a pouco perdendo a intensidade das conversas até chegar a ficar em silêncio, chegou a um ponto onde todos os participantes do grupo saíram, me colocaram como adm e só eu fiquei. Isso já aconteceu pelo menos uma vez e percebo que há dois ou três grupos que estão prestes a fazer o mesmo comigo caso eu não saia antes daquilo que parece ser o fim.

Aqui ainda convém dizer de duas coisas que podem acontecer a um grupo: ele pode mudar de propósito ou pode sofrer uma invasão. E a invasão geralmente também leva a uma mudança de propósito. Foram justamente nos grupos que sofreram alteração de propósito que eu decidi sair, pois ao meu ver não atendiam mais aos interesses da pesquisa.

A invasão de que eu gostaria de falar foi realmente um momento forte da pesquisa. Tudo começou, num grupo intitulado SOS (havia uma cruz no início e outra no fim), quando uma menina postou um link de um grupo “Born to Die” (no início do título havia um emoji de um crânio e depois uma cruz, e no final do título havia outra cruz). A imagem de perfil do grupo era a de uma moça sentada numa cadeira com uma arma em sua boca segurada por uma outra pessoa, isso tudo num quarto escuro. Ao ver isso, um rapaz comentou: “é cada m”. Ele tem como nome de perfil um sobrenome de origem germânica. Ele começa a falar suas impressões sobre o que é automutilação e começa a ter como um seu igual um outro rapaz do grupo que também tem um sobrenome estrangeiro (segundo o primeiro o sobrenome é austríaco e o segundo diz que seu sobrenome é russo).

> C: É porque assim (diz o nome do rapaz que começou a conversa), esse povo de hoje em dia é a geração mimimi. Qualquer coisa é motivo pra se matar, aí se corta.
> S: se o cara quiser se matar porque matou mta gente na guerra, ou porque se for pego aí vai ser torturado, aí entendo.
> C: falam que são psicopatas mas não sabem nem segurar uma faca. S: eu tenho psicopatia mesmo. kkkkk Isso explica os meus comportamentos na escola. (Trecho de conversa realizada no WhatsApp)

Agora eles lançam uma teoria que explica o que leva alguém a se automutilar.

> S: Em vez de se matar porque o seu amor não te corresponde (...) Mata ele ou ela que tá te maltratando (aqui usa um palavrão). Não querem tanto "ficar de boa"? Mata o culpado e pronto. Vc fica preso oito anos. Sai da prisão e vai atrás de outra. Difícil? Vcs hj não sabem escolher entre vc msm e o outro. Cara, que incompetência!
> C: kkkkkk
> R: (emoji de cara pensativa)
> S: eu tenho que ser psicólogo, vou ser o melhor. As pessoas vão ser mais felizes. Vou entrar nesse grupo só para mandar as vdd. Nesse que o cara mandou. (trecho de conversa realizada no WhatsApp)

A partir daí começa uma reação dos outros membros do grupo. Uma garota começa a falar.

> L: eu só acho que vocês não sabem o motivo das pessoas estarem chateadas para ficarem julgando.
> S: tudo se resolve assim.
> L: sério? Por que vocês estão nesse grupo, então? Porque n sai fora? S: é igual terrorista.
> S: não é com flor e música de John Lenon que resolve. Resolve com tanques, caças, bombas, infantaria.
> L: mano...
> S: é a mesma coisa. As pessoas têm que ser diretas e irem diretas ao ponto.
> L: ninguém aqui liga pra bosta de guerra.
> C: bosta de guerra? É graças a ela que tu tens esse cellzinho aí. L: a quem devo agradecer? (emoji de carinha sorrindo)
> C: aos nazistas.
> L: umhum. Pode deixar (ironia)
> (...)
> S: quer ser útil? Entra no exército. Lá você vai aprender a lutar contra seus próprios sentimentos. Porque tô vendo que muita gente aqui não tá conseguindo.
> L: nn não to falando de se matar. Tô falando de se matar. É uma coisa totalmente diferente. Se a pessoa quer se matar. Deixa ela. Ela precisa de ajuda e não pra ser julgada. (...)
> MW: aliviar
> C: aliviar? Isso é uma coisa psicológica que vocês botam na cabeça.
> (Trecho de conversa realizada no WhatsApp)

Desde o começo da conversa o leitor perceberá que os rapazes têm um discurso bastante militarizado e preconceituoso quanto à automutilação. Se for para ajudar as pessoas, ao ver deles, tem que ser “direto ao ponto”, é necessário “dizer as vdds”. Na continuação S (o rapaz de sobrenome austríaco que as vezes se identifica como alemão) vai dizer que “automutilação deveria ser crime sem fiança”. E aí ele não fica sem resposta.

> L: eu não acho nada. Porque cada um tem seus problemas, eu tenho os meus e eu defino como resolvo eles se me distraindo ou o que seja. R: crime? Crime se a gente tá se cortando e não estamos machucando ninguém?
> C: se cortando? Aí pega uma veia e começa a chorar.
> S: ao meu ver VC É DO ESTADO, VIVE E MORRE PELO ESTADO E PARTE DO ESTADO. Mas, como não mando ainda aqui... então, não sei se sabe. Mas como não tem quem julgar, se cortar é uma tentativa de homicídio. (emoji de carinha triunfante piscando um dos olhos). Ler o código penal é outro nível. Só não lembro se li o do Brasil ou o da Alemanha. (emoji de carinha pensativa)
> (Trecho de conversa realizada no WhatsApp)

Neste trecho da conversa acho que ficam em destaques os pronomes: “cada um tem *seus* problemas”, “*eu* defino”. Sendo assim, isto é, se os problemas são meus, logo sou eu quem define como esses problemas devem ser resolvidos, seja por meio de uma “distração” ou como for. E essa distração parece que está associada ao próprio ato de se cortar.

“R” (que é um rapaz), entende que a automutilação não pode ser considerada crime porque só afeta a quem pratica e a ninguém mais.

“S” enfatiza que a vida não pertence ao indivíduo, mas ao Estado, e assim, para ele fica resolvida a questão da automutilação. Se as pessoas que se cortam entendem que podem dispor do corpo como bem entenderem, para ele elas estão enganadas, pois os seus corpos, e assim também, a vida, pertence ao Estado, sendo, portanto, crime qualquer espécie de forma de atentar contra essa sua propriedade.

Blitzkieg- E aqui o grupo SOS passa por uma revolução. No dia após a conversa descrita, algumas pessoas entram no grupo por meio dos convites (provavelmente amigos dos contenciosos) e muitas outras passam a ser removidas. A foto do perfil muda. Ao invés de uma foto bastante relacionada ao mundo dos automutiladores, agora seria a imagem de um tanque de guerra. O título do grupo também mudou para “Extensão do império”, e logo foi mudado para “Polônia”, e

finalmente “Extensão do nosso império”. As primeiras mensagens após esse assalto do grupo aos seus criadores e público original foram.

> S: Não mudem (se referindo ao nome do grupo e à foto)
> H: ok.
> S: agora isso aqui pertence a nós. E o assunto aqui é guerra. Segunda Guerra. Nada de se cortar.
> RB: exatamente.
> M: (um emoji de lua escura e outro de balão de pensamento)
> S: agora as regras são outras. Kkkkk. QUEM MANDA NESSA (usa um palavrão) SOU EU E OS ADMS.
> H: isso mesmo. Se reclamar vai pro gás.
> M: é mermo é? (emoji de carinha pensativa)
> RB: é ban na certa
> S: questionou seu líder? Auf Wierdersehen
> S: baniu M do grupo
> S: estão pensando que estamos brincando.
> RB: é.
> (trecho de conversa realizada no WhatsApp)

Todos as pessoas que eram do grupo e que se cortavam não são todas retiradas. Os novos adms dizem que vão ajudar os que se cortam e que ninguém deveria sair do grupo, sair seria sinal de fraqueza.

> H: Vamos ajudar vcs a saírem dessa depre e virarem guerreiros.
> S: vcs agora são soldados. E devem atacar outros grupos. Isso vai fazer vcs se sentirem melhor.
> H: busquem vinganças. Matando outros grupos.
> S: ataque sem dó, sem piedade.
> L: an? Q q aconteceu?
> H: agora vc é uma soldada.
> S: revolução.
> L: ai mds.
> L saiu do grupo
> (trecho de conversa realizada no WhatsApp)

As pessoas que vão saindo, vão sendo novamente integradas ao grupo. Ao mesmo tempo que se diz: “vocês foram integrados”, “vcs foram anexados”. Coloca-se um áudio de uma das marchas da SS. As pessoas continuam a sair, outros que são adicionados já chegam saudando aos demais com um “heil”. Pedem links de outros grupos para invadirem. Entre momentos de normalidade e de retorno dos invasores o grupo de alguma forma acabou.

Fica, portanto, claro que há invasões em alguns grupos, seja no WhatsApp, seja no Facebook. São piratas que não tem outra finalidade senão a de causar o caos com pessoas que tem um tipo de prática ou forma de lidar com seus problemas que eles simplesmente não entendem.

3.14 FACEBOOK

Como já disse, desde o projeto para entrar no mestrado, esperava que ao menos parte de minha pesquisa com/sobre automutiladores se daria no Facebook. E assim foi. Mas eu errei na intensidade: não imaginava que os grupos do WhatsApp tomariam a maior parte da minha atenção. Num primeiro momento, ainda no início do mestrado, eu só tinha acesso e conhecimento das comunidades no Facebook, que nada mais são que páginas onde o (s) adm (s) posta (m). Essas páginas são similares a blogs e alguns deles até se intitulam assim. Acontece que quando eu ainda estava na graduação havia feito apenas uma sondagem superficial e, ao voltar a verificar as comunidades no mestrado, elas me pareceram desatualizadas. Isso me frustrou um pouco. Mas, nem tudo estava perdido: soube da existência de grupos no Facebook, depois de mandar alguns pedidos para ser aceito e de ter falado com algumas adms no privado, finalmente aceito em alguns grupos. Mas acompanho mais de perto a dois grupos: aquele no qual primeiramente fui adicionado e outro grupo que é da Itália. Além das comunidades e grupos, há também os perfis (Anjos Sobreviventes, Angel Caído, Uma Suicida, Angeles Sue Catty, Pekena Suicida, Automutilação Aninha, etc.).

Já mencionei da impressão que tive inicialmente destes grupos: eles me pareceram tão-somente como plataformas para pessoas que criaram grupos no WhatsApp chamar outras para serem adicionadas. Não que eu estivesse tão errado, os grupos do Facebook são também vitrines para chamar pessoas para os grupos do WhatsApp, mas não é só isso: há diálogo, discussões, postagens que são passíveis de uma reflexão. A seguir, pretendo agora falar de como foi minha pesquisa no Facebook.

3.15 MEA CULPA

Durante a maior parte do mestrado, em apresentações feitas em GT's de eventos ou em outras ocasiões onde eu tinha a oportunidade de falar sobre a minha pesquisa, sempre o Facebook fora uma parte desinteressante para se falar, ou talvez quando eu tinha de comunicar sobre esta parte de minha pesquisa era de uma forma um tanto apressada e para descrever esta rede social como uma espécie de trampolim que me elevou aos grupos do WhatsApp. Mas, relendo conversas que eu tive anteriormente no Facebook, vejo que a empolgação que tive ao entrar nos grupos do WhatsApp e as experiências que tive neste mundo novo me fizeram perder o equilíbrio de manter a devida atenção nestas duas redes sociais.

Conforme já comentei no início desta dissertação, minha trajetória de pesquisar sobre automutilação começou na graduação em duas escolas. No mestrado comecei a rever blogs e comunidades que eu já havia acompanhado anteriormente, então entendi que tais páginas estavam desatualizadas. Procurei então, algumas adms de comunidades para conversar e pedir ajuda na minha pesquisa, foi aí que me foram apresentados os grupos do Facebook e do WhatsApp. A conversa que reproduzo agora, sintetiza bastante um dos momentos iniciais de minha pesquisa.

> Eu: seguinte: eu gostaria de, se possível conversar contigo sobre sua história, e preciso de indicações de outras páginas que tratem do tema. Sinceramente ainda me sinto um pouco perdido nessa tarefa de fazer um mapeamento das páginas do Face, de sites, e Tumblrs sobre o assunto. (...)
> N: Vou passar uma coisa legal que vc poderia fazer: É entrar em grupos. Nos grupos eu acredito que vc terá um resultado melhor, porque sempre tem alguém online querendo conversar.
> Então. Tem muitas pages sobre cutting e a maioria não responde mensagens. Só posta fotos e frases. Mas eu tenho muitas e se vc quiser posso te passar pra vc tentar.
> Eu: sabe, tenho pensado nisso também.
> N: As pages geralmente são meio abandonadas.
> Eu: agora, como entrar, já que geralmente os grupos são bastante fechados?
> N: É só mandar uma solicitação. Alguém vai te aceitar e lá vc pode explicar e expor seus objetivos. Como vc parece estar levando isso realmente a sério e se preocupando com o bem-estar de pessoas assim eles vão ajudar.
> Eu: conheces alguns grupos nos quais eu possa bater na porta?
> N: Te coloco como adm da página e vc pode expor seus trabalhos, suas teses teorias. Conheço sim, faço parte de alguns. Vc pode entrar em algum grupo do WhatsApp também. WhatsApp é legal porque é o maior meio de comunicação hoje em dia. Todo mundo tem.
> (Trecho de conversa realizada no chat do Facebook)

A garota identificada por “N” na conversa foi de uma gentileza muito grande. Ela me falou da existência de grupos no Facebook e WhatsApp e me adicionou em grupos da primeira rede social e pediu para adms da segunda rede me adicionarem em seus grupos. Além disso, ela me sugeriu que eu poderia ficar como adm de uma das páginas dela se eu quisesse. Eu me assustei nesse momento e achei que não seria muito positivo ser adm. Hoje já não sei se hesitaria diante de uma oportunidade como essa. Se eu houvesse me tornado adm da página de “N” e mencionasse na página que gostaria de falar com tantos leitores da página quanto se dispusessem a uma boa conversa no chat, será que minha impressão das comunidades não seria hoje outra?

3.16 DUAS PÁGINAS, DUAS FACES E UMA ADM

Na continuação da conversa a qual relatei um trecho acima, que tive com a garota que chamo de “N”, ela me diz que administra duas páginas do Facebook. Até aí nada de anormal. Mas as duas páginas são sobre automutilação, e tem mais: uma é para apoiar aqueles que se cortam a abandonarem essa prática, a outra... bem... não tem o mesmo propósito.

Após me contar o nome dos dois grupos que administra (os quais possuem nomes autoexplicativos quanto à antítese que representam), “N” sorriu e me perguntou se eu achei complicado o fato de ela administrar duas páginas onde cada uma apresenta uma visão distinta sobre a automutilação. E acrescenta: “esse assunto é complicado”. Disponibilizo, a seguir, a parte da conversa em que eu falo com “N” sobre as duas páginas que ela administra.

> Eu: Mas, o que te levou a criar aquelas duas páginas?
> N: A vontade de me expressar, mostrar o que estava sentindo, mostrar o que ninguém via... essas coisas.
> Eu: Na nossa primeira conversa me parece que vc falou que via um paradoxo, segundo entendi nas duas páginas que possue.
> N: Sim. Um é pra ajudar pessoas a parar com a automutilação e a outra é onde demonstro coisas que penso/pensava que me levavam a me cortar. Mas que eu sei, que acaba incentivando o cutting.
> Eu: Pq duas páginas?

> N: Eu criei primeiro... (o que fala de automutilação de maneira mais “solta”), num momento muito, muito complicado da minha vida... depois eu percebi que essa página incentivava a automutilação pelas coisas que eu postava e percebi também que páginas como essa existiam milhares... Mas páginas pra ajudar pessoas que praticam isso não existiam muitas. Aí surgiu a ideia de criar a outra... (que ajuda pessoas a deixarem de se cortar).
> Eu: Mas as duas estão na ativa, certo? Como é pra ti administrar as duas, que ao seu ver são divergentes quanto ao propósito?
> N: Na verdade eu tento sempre usar mais a (a de ajuda). Posto muito raramente no (onde fala abertamente)
> Eu: Mas como é administrar as duas? (espero não estar sendo muito invasivo. Qualquer coisa, pode mudar o rumo da conversa).
> N: É difícil, porque as vezes eu sinto que estivesse tendo "duas caras" sabe. (Trecho de conversa realizada no chat do Facebook).

O fato de “N” ter duas páginas no Facebook, uma de apoio a quem quer deixar de se cortar e a outra que fala da automutilação de um modo mais favorável, serve para dizer como o estudo sobre/com os agentes da automutilação tem suas diversas nuances. O que se percebe neste caso é não apenas uma questão de representação de si, mas também, da prática da automutilação propriamente dita. Entretanto, o que diferencia uma página da outra é o fato de que, enquanto na primeira página criada pela jovem “N” ela falava sobre automutilação como bem entendia, ou para melhor dizer, se expressava sobre as razões que a levavam a se cortar, ao passo que na outra página ela atuava para ajudar pessoas que se cortam a abandonarem a sua prática. Parece que a criação da segunda página tinha a finalidade de minimizar os efeitos negativos e inesperados gerados, na visão dela, por páginas no estilo da primeira que ela mantinha. Numa página “N” é a garota que sofre e expõe sua lide com a automutilação, na outra ela é alguém que quer ajudar outros a saírem dessa prática. “N” me disse que sabia que as páginas semelhantes à primeira que ela criou tinham mais curtidores.

3.17 AUTOAJUDA OU TEMA LIVRE

Seja no Facebook ou no WhatsApp pode-se perceber que os grupos podem se apresentar como de ajuda ou livre. Nos grupos de ajuda é mais corriqueiro notar a presença e divulgação das regras. Um ou mais adms ou quaisquer outros participantes do grupo podem desempenhar o papel da pessoa que aconselha e escuta. Imediatamente eu tentei corrigir o equívoco da adm. Mas, a maior

características em grupos de autoajuda para automutiladores (o termo sou eu que utilizo) é a proibição de divulgação de imagens e/ou vídeos nos quais apareçam gente se cortando, pois isso é entendido nestes grupos como uma forma de incentivo para as pessoas continuarem se cortando, ou seja, tudo o que o grupo não deseja. Pode ser que apareçam, vez por outra, pessoas falando que estão conseguindo superar e abandonar a prática da automutilação.

A: Gente vcs tem wattpad??
Elisabete: Tô tentando colocar um psicólogo no grupo, na verdade outro pois temos um de grande ajuda.
Carla: Eu tenho!
A: Tem psicólogo aqui?
A: Qual é?
Elisabete: Sim, não acham uma ótima idéia?
Víctor: .....
Selena: Claro
Elisabete: Será como uma conversa normal.
Elisabete: Saberá como ajudar e oq falar.
Carla: Não se sintam intimidados.
Elisabete: Víctor, oq foi?
Víctor: Quem é psicólogo?
Elisabete: Everton
Víctor: Eu cresci fazendo tratamentos com psicólogos vc não tem ideia de como eu odeio essa profissão.
Eu: Olá!
Eu: Acho que houve um equívoco na comunicação
Eu: Eu não sou psicólogo. Sou cientista social
Selena: Boiei total, Elisabete.
Elisabete: Aaah, então perfeito.
Eu: Ou seja, sociólogo ou antropólogo, se preferir.
Eu: Faço mestrado em antropologia atualmente e pesquiso sobre automutilação.
Selena: Tendi, Elisabete.
Elisabete: Alguém mais procurou ajuda profissional além de Víctor?
Víctor: Fui... obrigado a ir
Eu: Eu pesquiso sobre o assunto.
Elisabete: Everton, então tecnicamente falando, quem vai ajudar vc sobre a pesquisa somos nós?
Carla: oi
Selena: Oii
Eu: comecei quando eu dava aulas. O pessoal com o qual eu pesquisei eram alunos que se cortavam
Elisabete: Olá
Joana: Olaa
Elisabete: Joana
Eu: Hoje, por causa do mestrado deixei de dar aulas e pesquiso o assunto na net em geral e mais precisamente nos grupos do whats.
Eu: Respondendo à pergunta.
Elisabete: Muito bom Everton
Eu: Elisabete, acho que sim
Eu: Desculpa se eu desapontei.

> Elisabete: Víctor o fato de vc ter sido obrigado a buscar ajuda profissional contribuiu para a decepção com psicólogos?
> Carla: Oi
> Eu: Oi
> Víctor: Sim
> Elisabete: Que é isso, Everton, nada disso. Eu entendi errado, tempo sempre corrido não assimilei bem, desculpa a mim.
> (Trecho de conversa realizada em grupo do WhatsApp)

A adm do grupo no qual ocorreu a conversa acima, entendeu que eu seria um psicólogo pelo fato de que eu disse que pesquisava sobre automutilação. Para ela, naquele momento, bem como para a maior parte das pessoas que praticam automutilação ou não, se há um profissional que tem o monopólio legítimo da automutilação e de tudo que lhe diga respeito é o psicólogo. Isso passa pela ideia de que a automutilação está associada a um transtorno, de que seja um problema geralmente associado a questões psíquicas e que precisa ser tratado por um profissional dessa área (psicólogo ou psiquiatra). Isso é o que costuma dizer o senso comum como resultado do processo de medicalização, mais especificamente de psiquiatrização dos sofrimentos. Quando a automutilação não remete à ideia de problemas psicológicos, ela pode ser associada a problemas espirituais.

Por falar em papel de psicólogo, uma das garotas que participou de grupo do WhatsApp no qual eu estava, criou uma página no Facebook. A página é intitulada como “A Psicóloga” e abaixo desse título vinha o nome da garota em letras pequenas. Vendo que a moça administrava tal página acreditei na possibilidade que ela tivesse a formação que o título da página sugeria. Então procurei a mesma, no privado do WhatsApp, e quis saber um pouco sobre ela ser uma pessoa que é psicóloga que se dispunha a ajudar pessoas por meio de sua página, mas que ao mesmo tempo também se cortava. O detalhe é que a moça em questão não é psicóloga, ela é uma estudante de ensino médio que sonha em se tornar psicóloga. Diante das minhas perguntas que se multiplicavam a moça chegou a parecer um tanto incomodada, chegando a dizer

“você pergunta, hein”?

> Eu: mas não trabalhei muito sobre esse lado virtual. Estou tentando fazer isso agora.
> N: Acredito que vc vai encontrar muito conhecimento no lado virtual. As pessoas se expressam aqui como gostariam de expressar fora daqui, na "realidade". Aqui elas mostram seus medos...

> Eu espero que vc consiga o material e as informações que precisa aqui Se precisar de ajuda... eu tenho duas pages... É meio contraditório, mas tenho essa de SOS e uma que se chama lâminas. Queridas lâminas.. que por sinal tem mais curtidores...
> (Trecho de conversa realizada no chat do Facebook)

3.18 PERSONA NON GRATA

É de se imaginar que em todo lugar haja pessoas que não atendem às expectativas que se espera de um participante de dada interação. Não só isso: há aqueles que se dispõem tão-somente a causar a perturbação, ou a interagir com os participantes do grupo de uma forma que não é a acordada e legitimada pelo cotidiano daquele grupo.

> Eu: Outra coisa que eu gostaria de saber: Me diz, por favor como é quando nas páginas alguém vai pra falar coisas que ofendem, ou quando até entram em grupos, talvez infiltrados e depois se soltam. Isso acontece?
> F: Isso sempre acontece. Eu sou a única adm do meu grupo, então eu tenho que estar sempre de olho nisso. As pessoas podem ser muito cruéis.
> Eu: Tem algum caso que vc se lembre e possa me contar?
> F: Tem sim. Um caso de meninos entrarem e falarem: se corta mesmo, vc merece! É falta de sexo! E coisas assim. Fico muito triste com isso. Eu: Sei. É chato. Mas, poderias contar algum desses casos mais detalhadamente?
> F: Claro. Uma vez uma menina entrou em praticamente todos os posts para ofender seus autores. Postavam fotos de órgãos genitais e dedos decepados. 😔😔

Quem é persona non grata nesses grupos do Facebook? São todos aqueles que causam perturbação por ofender aos participantes dos grupos ou por se comunicarem de uma forma que pareça imprópria para os demais ou ainda que transpareça más intenções. Na conversa acima, a adm de grupo do Facebook me conta dois exemplos, de forma sucinta, de situações em que pessoas quebram as regras do grupo e ofendem os componentes do grupo. Apesar de a adm que teve esta conversa comigo ter dito que isso sempre acontecia, não lembro de ter visto situações semelhantes às descritas pela adm no decorrer de praticamente um ano no grupo. A quebra das regras equivale a uma fuga do script do grupo. E, nos grupos do Facebook, muito mais que nos do WhatsApp, é mais corriqueiro ver esse script colocado como publicação afixada para que todos os participantes do grupo saibam

como se conduzirem. Eis um exemplo de uma publicação fixada em um dos grupos que participo:

> LEIAM!!!!
> Regras do grupo:
> -Não poste fotos/vídeos de cortes
> - Tenha bom senso!
> - Não estimule o suicídio, a automutilação, os transtornos psiquiátricos ou atividades ilegais.
> - Seja Gentil. Gentileza gera gentileza.
> - É proibido insultar, falar mal ou agredir verbalmente qualquer outro membro.
> - Proibido QUALQUER tipo de bullying.
> -Esse é um grupo de apoio. (Passível de expulsão)
> (Extraído de um grupo do Facebook de automutiladores)

Mas as regras são quebradas. No próprio grupo onde as regras acima foram postadas houve um período em que era frequente ver pessoas se queixando de que as regras não estavam sendo obedecidas e cobravam atitudes por parte dos adms para resolver aquilo que viam como problemas. Algumas das reclamações eram sobretudo relacionadas às pessoas que postavam imagens de cortes, o que era expressamente proibido segundo as regras acima expostas.

As outras situações que presenciei eram basicamente de problemas na comunicação gerados de uma postagem mal compreendida ou no debate ao longo dos comentários de uma postagem, como no caso de uma postagem num grupo do Facebook da Itália, onde uma garota pergunta para o grupo por qual razão aquelas pessoas se cortavam. Uma pessoa diz que os termos utilizados na pergunta, apesar de acreditar na boa intenção de quem postou, mas não eram os mais apropriados. Alguém disse que é bom ter um espaço para se abrir e outra pessoa diz que “certas coisas não escrevo em público e nem diz para qualquer um”. No decorrer dos comentários a mesma garota que fez a postagem acrescenta que vê uma incoerência nas pessoas que se cortam: abrir-se não é o mesmo que explicar os motivos pelos quais alguém se corta. A partir daí o debate corre solto entre algumas pessoas, uma das quais vai dizer: (...) “cada corte equivale a insanidade mental. É uma doença”. Neste debate duas pessoas parecem criticar e julgar quem se corta, pelo menos é o que entendem os outros dois ou três componentes do grupo que se sentem ofendidos pelo que a pessoa que fez a postagem, e outro garoto que se identifica como

estudante de psicologia dizem. Pelo que notei são pessoas que não se cortam e querem saber as razões que as pessoas que se cortam têm para chegar a este ato. As formas como eles se pronunciam é rude e agressiva para os demais componentes do grupo que chegam a perguntar: por que vocês estão no grupo? Se você não sabe nada sobre isso, se cale!

4 ATO III – CENA: AUTOMUTILAÇÃO E INVENÇÃO DA CULTURA

> Otro de los aspectos destacables sobre mi experiencia etnográfica ha sido la constante confrontación con consideraciones de tipo ético relacionadas con la pertinencia o no de mostrar determinadas imágenes de autolesiones. De hecho durante estos cuatro últimos años he ido recopilando gran cantidad de ellas. Sobre esto no voy a negar que a lo largo de mi experiencia cada vez más he ido agudizando el miedo a sobrepasar la delicada frontera que situaríamos entre la caracterización de lo observado, la construcción teórica, y el riesgo de caer en la banalización/morbo voyeurista de la exhibición de la autolesión. A mis preocupaciones por no cruzar la línea de la trivialización, Francisco Ferrándiz aportó un halo de luz cuando lo escuché en su ponencia "la etnografía como campo de minas" (Donostia, septiembre de 2008) y sobre la que después pude profundizar leyendo su artículo (Ferrándiz, 2008) precisamente porque planteaba algo que palpaba desde mucho antes de empezar a redactar la tesis. Para Ferrándiz (2008: 102) envolver estas prácticas en contexto denso era básico para "frenar al menos parcialmente el posible efecto espectáculo de estas violencias, rescatándolas de la trivialización y la mercadotecnia". Para mí el dotar de contexto denso cada una de las imágenes, fotografías, dibujos, poesías, collages y testimonios ha sido tenido muy em cuenta precisamente para evitar el posible efecto banalizador o lectura histriónica enclave femenina de la acción. (CASADÓ, 2011, p. 12)

Neste capítulo apresento algumas produções culturais relacionadas à automutilação. Estas representações estão na música, cinema, literatura e nas formas como campanhas, ONGs e instituições religiosas tem tratado o assunto. Elas denunciam que o assunto não é tão incógnito e misterioso como pode parecer para algumas pessoas e servem para construir o contexto da pesquisa e do seu tema, que vai para além dos grupos. Foi assim que procedeu Casadó (2011) em sua pesquisa multi situada. Isso pelo fato de que ela fez observação participante em centros de tratamento psicológicos e fez observação em fóruns de discussão na internet. O que ela queria saber era sobre automutilação não importando onde se situasse, fosse na internet, nas pessoas que participavam dos festejos da semana santa ou nos centros de tratamento.

> A partir de las distintas unidades de observación en las que tiene lugar esta investigación, podemos afirmar que se trata de una etnografía multisituada (véase Marcus, 1995) en el que hemos reseguido distintos contextos en donde aparece la acción autolesiva corporal. Unas veces vista como una práctica normal, otras como una conducta desviada. Lo común a todas estas situaciones o contextos es que nos sirven para, a través de la acción autolesiva, entrar en la particularidad de las narrativas, adentrarnos en microhistorias que condensan universos de significado en donde aquí y ahora, el cuerpo, el género

> y las emociones juegan un papel trascendental. (CASADÓ, 2011, p. 12)

Minha pesquisa tem o propósito de falar sobre a automutilação entre adolescentes. A maioria daqueles com os quais interagi estavam em grupos do Facebook ou WhatsApp, o que não me impediu de fazer observação direta, acompanhar grupos ou perfis de outras redes sociais, participar de “lives” de algumas pessoas dos grupos etc. Quando as pessoas dos grupos que eu participei, sejam elas automutiladoras ou não, pediam músicas ou vídeos, ou espontaneamente mandavam e comentavam sobre o que assistem, leem, fazem e escutam, elas estavam, pouco a pouco, construindo seu próprio mundo de significação. O mais comum mesmo nestes grupos é o envio de imagens, sejam fotos dos cortes recém-feitos, sejam imagens editadas que fazem sobre automutilação, depressão, autoajuda, suicídio ou outro assunto qualquer. Neste trabalho optei por usar apenas as imagens editadas. A razão pela qual evitei colocar fotos de cortes das pessoas é por ética e respeito: se não coloco aqui imagens do rosto dessas pessoas com as quais fiz minha pesquisa por respeito e para não as identificar. Por que eu haveria de colocar imagens de quaisquer partes dos seus corpos com ferimentos? Como se sentiria qualquer um deles ao ver uma dessas imagens? Portanto, as imagens usadas são aquelas que, em sua maioria não fazem menção direta a nenhum dos indivíduos que foram meus informantes. Esse material foi adquirido nos grupos, em buscas que fiz em sites a partir do que as pessoas falavam nos grupos, parte através de observação direta ou de pessoas que, ao saberem de minha pesquisa, me recomendavam[35].

4.1 MANDA MÚSICAS DEPRESSIVAS

> Tenta achar que não é assim tão mau
> Exercita a paciência
> Guarda os pulsos pro final
> Saída de emergência

[35] Algumas vezes, no intuito de ter mais claro qual os elementos que formavam esse mundo da automutilação eu fazia buscas na internet, e as vezes aquilo que eu encontrava já estava nos grupos do qual eu participei, como por exemplo, o Wattpad. Esta rede social é usada por pessoas que querem escrever histórias dos mais diversos gêneros literários. As histórias vão sendo escritas pouco a pouco, e à medida que as pessoas vão postando outras vão lendo e comentando o que acham. Algumas dessas histórias versam sobre automutilação ou assuntos relacionados.

> E um dia desistiu, quis terminar
> Só mais um gole e duas linhas horizontais
> Sem a menor pressa, calculadamente
> Depois do erro, a redenção (Pulsos, Pitty)
>
> Os tristes precisam ouvir o som de sua tristeza. (Suzana Kayssen)

Algumas representações sobre automutilação podem ter um período de maior evidência entre as pessoas que se cortam (e/ ou entre as pessoas que não se cortam) do que outras. Um elemento indispensável das culturas juvenis, deste modo, é a música. Tanto Feixa (1999) quanto Bispo (2012), têm nos seus trabalhos a música como algo importante para os seus informantes. No caso dos Punkies de Feixa, a música serve para se voltar, num determinado momento, contra toda uma estrutura social hostil, de desemprego, etc. Bispo (2012), por sua vez, ao falar dos jovens emos, fala que esse estilo musical é reconhecido por ser sentimental, e por isso mesmo, os rapazes que ouviam esse tipo de música tinham sua masculinidade posta em suspeita. A música serve de trilha sonora dos estados de ânimo. A circulação de músicas entre o grupo – quem tem essa música – mostra que há, ao mesmo tempo, uma modulação das emoções – músicas que permitem refletir e recriar sensações afetivas e ajudam na produção de determinadas emoções.

Por exemplo, a música “Pulsos”, da cantora Pitty, me parecia, na época que fiz minha pesquisa de final de graduação, como icônica do universo das pessoas que se cortam. Quanto à letra desta música eu destacaria que, ela expressa dois aspectos da automutilação: o primeiro seria a do ato de se cortar como uma forma, aparentemente desesperada, de resolver um problema, uma “saída de emergência”.

Devido ao ritmo acelerado da indústria musical, hoje já não sei como as pessoas que se cortam veem essa música. Aliás, quantos deles a conhecem? Antes de “Pulsos”, de Pitty, há uma música do grupo Legião Urbana chamada “Clarisse”.

> E Clarisse está trancada no banheiro
> E faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete
> Deitada num canto, seus tornozelos sangram
> E a dor é menor do que parece
> Quando ela se corta ela se esquece
> Que é impossível ter da vida calma e força
> (Legião Urbana)

Não sou especialista das músicas de Legião Urbana, e a bem da verdade estou longe ser, mas das poucas músicas que conheço do grupo, Clarisse é provavelmente a mais melancólica de todas. A melodia e a própria voz do vocalista são angustiantes e angustiadas. “Clarisse”, a protagonista da história da música é descrita como uma garota que sofre os assédios, as injustiças e a violência do mundo. Os antidepressivos e calmantes fazem parte de sua vida. Ela se corta, e a dor causada pelos cortes não importa, o que importa é que, ao se cortar ela se esquece de tudo que a faz sofrer. Apesar de tudo, ela tem apenas 14 anos.

Em meados de 2016 a música que começou a ser muito mencionada nos grupos foi “Amianto” do grupo SuperCombo. Nas vezes que conecto o meu celular ao computador para transferir arquivos que se acumulam, sobrevindos sobretudo dos grupos do WhatsApp onde pesquiso, quantas vezes não vi (e ainda vejo) mais um arquivo de áudio com a música Amianto?[36] Mas, na época da qualificação (outubro de 2016) esta música certamente estava no auge, pelo menos nos grupos que eu participava. Muitas vezes vi alguém dizendo: “alguém aí tem aquela música, Amianto pra me enviar”? Uma ou duas dessas vezes eu fui a pessoa que atendeu ao pedido.

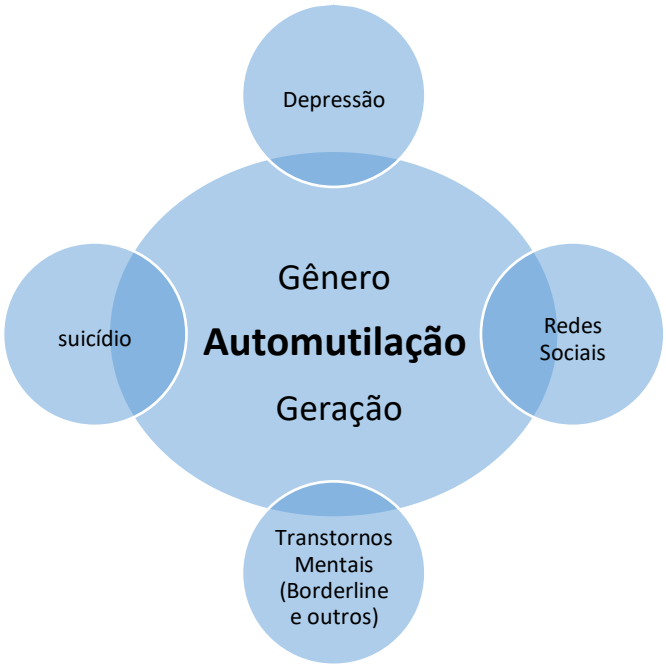
Figura 5- Imagem postada em grupo do WhatsApp

Arquivo pessoal

Neste ato o propósito é falar e refletir sobre as representações feitas acerca do universo da automutilação, bem como de seus assuntos relacionados. Assim, isso

[36] Aqui ou no capítulo da metodologia falar dos arquivos que travavam o celular, e que eu usava o pacote de bônus o que as vezes fazia que demorasse para carregar imagens e sobretudo vídeos.

sugere uma busca por músicas, filmes, vídeos, imagens e livros que de alguma forma fazem referência à automutilação ou que são referidos pelas pessoas que se cortam.



Imagine-se, então, o assunto automutilação como um mundo ou um grande conjunto. Este mundo tem o seu contexto permeado por questões de gênero (pelo fato de a grande maioria das pessoas que se cortam serem moças, mas também pelo fato de que os motivos aduzidos para se cortarem são reveladores dos impasses de gênero) e geração (pois é um fenômeno majoritariamente adolescente e que problematiza a adolescência). Entretanto, este mundo raramente é um corpo solitário no universo da vida, não é isolado, o conjunto automutilação faz intersecções com outros mundos que, de alguma forma podem formar uma espécie de sistema[37]. Os assuntos relacionados à automutilação, direta ou indiretamente são: depressão, suicídio, Redes Sociais, Transtorno de Personalidade Borderline, outros tipos de transtorno (como o de bipolaridade) e outros mundos. Ao se falar sobre automutilação é quase impossível não se tratar desses outros assuntos. É evidente que nem todas as pessoas que se cortam têm alguma coisa a ver com esses outros mundos. E também, há elementos que eu não citei. No gráfico acima, estão excluídas as representações que se faz da automutilação no campo das artes dos quais este ato

[37] Utilizo o termo sistema não como designativo de um conjunto de conceitos, mas simplesmente como sinônimo de grupo de elementos.

é tema. Isso pode ser explicado pelo fato de que, neste quadro, as representações assumiriam um papel de perpassar os diferentes conjuntos como veículo de um ou mais destes temas.

4.2 DA TELA AO TEMPO – OS EFEITOS DO SERIADO OS TREZE PORQUÊS

O livro *Os Treze Porquês* trata da história de uma garota que é recém chegada numa escola após ter se mudado de cidade, nos Estados Unidos. Infelizmente, começam a surgir boatos acerca dela, desde o garoto que lhe deu o primeiro beijo até a amiga que suspeitara que ela tinha ficado com o seu predileto, enfim, as diversas atitudes de seus colegas contribuíram para que ela tomasse a atitude de se matar. Antes disso, porém, a garota grava áudios em fitas K-7 dirigidas a treze pessoas (seis fitas e meia, no total, daí os Treze Porquês) explicando qual a contribuição que cada uma delas teve na sua decisão de se suicidar. O livro, no Brasil, não fez tanto sucesso quanto a série que foi muito divulgada e comentada, chegando, inclusive a se noticiar casos de adolescentes que, assim como a personagem principal do seriado também se mataram e deixaram uma carta relatando o que os motivou a ter tal atitude e quem foram as pessoas que de alguma forma contribuíram com isso. A principal crítica que se faz ao seriado, é que ele trata de um assunto sério de uma forma romanceada. Os defensores da série argumentam que seu propósito é falar sobre bullying e essa seria a sua contribuição. Neste momento eu recordo que a literatura (e, por que não, a mídia) tem o seu poder. Assim sendo, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, foi um livro que na época em que foi lançado coincidiu (ou não) com uma série de suicídios na Europa, motivo pelo qual teve sua venda proibida por um certo período de tempo. Não por acaso, chama-se “efeito Werther” o fenômeno do aumento da incidência de suicídios após a divulgação de um suicídio que impacte a opinião pública. Deste modo, os detratores da série criticaram, sobretudo, as imagens explicitas do suicídio no último capítulo[38].

O que percebi nessa época é que o seriado *os treze porquês* chamou a atenção dos adolescentes, e gerou debates na mídia sobre sua adequação e

[38] Os Treze Porquês, Netflix, Abril, 2017, dirigido Carl Franklin, Gregg Araki Helen Shaver, Jessica YU, et all.

possíveis impactos pelo mercado. Falou-se por exemplo, na volta dos Walkman, aparelho usado nas décadas de 80 e 90 para reproduzir áudios por meio de fitas, uma vez que a protagonista fazia as suas gravações neste tipo de artefato. Uma outra apropriação, que busquei compreender melhor, se deu por meio da FJU- Força Jovem Universal, o departamento da Igreja Universal do Reino de Deus voltado para o seu seguimento juvenil. A FJU, como a maior parte das outras ações da Igreja Universal, é centralizada e segue uma espécie de planejamento que se verifica por todo país.

Figura 6- Retirada de https://m.facebook.com/FJUOficial.com/FJUOficial/?tsid

Da página oficial da FJU no Facebook

Comecei a ver, então, seja nos grupos de WhatsApp, seja no Facebook imagens de uma garota e do rapaz ligeiramente parecidos com os personagens principais do seriado, algumas, inclusive, similares às que se vê na propaganda do seriado. As imagens surgiram como parte do que se intitulou uma campanha de valorização da vida. Percebi também que a JFU estava tratando de assuntos como automutilação e ainda outros nas redes sociais e nas reuniões nas igrejas. Acompanhei as páginas no Facebook da FJU, seja a nacional, seja a estadual e de algumas cidades do Estado, e verifiquei que toda semana eles tratam de um tema novo em suas reuniões. Nas páginas são publicados vídeos e imagens relativas a cada tema, e referentes a como foi a reunião, ou para melhor dizer, a foto que tiram em suas atividades ou pós reunião, já que não se pode tirar fotos no templo. Sabendo de minha pesquisa, um amigo me enviou uma imagem falando de uma reunião em

todas as igrejas Universal, promovida pela FJU sobre automutilação. Não podia perder essa oportunidade e fui na igreja do meu bairro fazer a observação direta.

Era um sábado à tarde, a reunião estava marcada na imagem divulgada para ser as três e meia e eu cheguei bem no horário. Ao chegar na igreja falei com um rapaz que, ao meu parecer seria um obreiro[39], ele não soube me informar bem e chamou o líder de jovens. Este então me disse que naquele momento estava acontecendo a reunião de adolescentes e uma meia hora depois iria começar a reunião da FJU. Andei um pouco para aproveitar o tempo e voltei. Sentei num local que não estivesse tão isolado para não chamar a atenção por isso, mas também não fiquei tão perto para não dizer que era da casa. Não teve jeito. Quando a reunião começou o líder chamou todos a que ficassem perto numas três primeiras fileiras de bancos. Havia não menos que vinte pessoas. A dinâmica foi a seguinte: perguntaram se havia visitantes, e esta foi a vez de eu me apresentar, depois houve cânticos e o testemunho de um rapaz que teve envolvimento com drogas e vivia uma vida violenta, chegou a apresentar marcas de facadas que havia sofrido. Veio então o momento da palavra ou da reflexão, que não passou de quinze minutos. O líder não chegou a abrir a Bíblia nem nenhum outro tipo de livro. Ele falou que o tema decidido para se falar era o da automutilação (aqui ele passou um tempo até conseguir pronunciar a palavra e teve de contar com a ajuda dos jovens para pronunciá-la). Ele admitiu que não sabia do assunto, apenas fez uma correlação entre quem pratica a automutilação e o jovem gadareno, um personagem bíblico que se feria com pedras. Depois disso, o culto prosseguiu sem mais menção ao assunto. Ao termino da celebração, perguntaram se eu havia gostado da reunião e eu, como bom visitante, disse que sim, sendo convidado a comparecer em outras ocasiões. Apesar da boa acolhida[40], confesso que o encontro frustrou minhas expectativas: o tema estava ali, na chamada da FJU, ecoando o debate sobre automutilação, entretanto não foi feita nenhuma discussão aprofundada a esse respeito.

[39] Os obreiros são pessoas que, tanto na Igreja Universal como noutras que tem esse tipo de função, desempenham o papel de auxiliares nos cultos, recepcionando as pessoas, tirando dúvidas básicas. Em outras igrejas evangélicas corresponderia a função de diácono.

[40] Havia, inclusive dois ex-alunos meus. Um deles, que era uma garota chegou a pedir meu número de WhatsApp, e no final daquele mesmo dia me perguntou novamente o que achei da reunião, e se eu iria novamente na sua igreja, e se eu me mutilava.

As imagens com a marca da FJU foram disseminadas seja no grupo do Facebook, seja nos do WhatsApp. Percebi que alguns destes mesmos participantes que enviavam as imagens estavam fazendo grupos para automutiladores, e naturalmente eu fiz parte de alguns. Entretanto estes grupos tendiam a ser diferentes dos outros que eu estava pesquisando, sobre os que falarei mais adiante. A princípio não entendi claramente o que estava acontecendo, então notei as imagens que estavam sendo enviadas com um padrão. Quem mandava geralmente eram participantes da FJU. Pouco a pouco eles começavam junto com as imagens a falarem para as pessoas pararem de se cortar, enfim, dizendo palavras evangelísticas e ao mesmo tempo propagandeando a Força Jovem. Finalmente eles começaram a criar os grupos para automutiladores. Entrei em dois, e tive que sair de ambos. Num destes não deu tempo nem de eu sair, pois fui removido. Expliquei para os adms com que propósito eu estava no grupo, e alguns foram compreensíveis, mas outros mais rudes. A seguir, uma breve descrição de como foi essa relação.

> Ontem eu falei num grupo que mudou o nome para alguma coisa “diário”. Pelo que percebi os adms são todos obreiros, líderes jovens da igreja universal. Então postei no grupo que gostaria de falar com os adms. Três deles responderam que estavam à disposição para conversar. Com dois deles iniciei a conversa, com outro não tive tempo, pois já estava quase na hora de eu sair para um compromisso.
> Um dos adms me disse que a iniciativa do grupo foi de uma garota, não era uma imposição da igreja. Ele logo me perguntou qual era a minha condição no grupo, se eu era dos que precisavam de ajuda ou dos que estavam ali para ajudar. Eu disse que, no caso, estava para ajudar, e também disse que pesquiso sobre o tema.
> Comecei também a conversa com outra adm, esta se mostrou um pouco mais cismada.
> O que há de comum nestes dois moderadores que falei era o fato do perfil deles conter uma foto deles com seu cônjuge, o que acaba por revelar alguma coisa, como o fato de não estarem disponíveis para investidas amorosas de ninguém. Um destes adms, além de na foto de perfil ter a cônjuge, o nome que está no perfil, não era apenas o dele, mas o dele/ o de sua esposa, o que talvez signifique que é um mesmo perfil para o casal.
> Neste mesmo grupo ou noutro eu comecei a querer conversar com o pessoal, disse bom dia e não tive retorno, disse boa tarde, e creio que ainda nada, mas tentando conversar então uma garota começou a me responder, perguntei se ela estava disponível para continuar a conversa no privado e ela disse que eu só precisava chamar. A moça tem 23 anos, é separada e começou a se cortar aos 13. Foi criada pelos avós e sofreu abuso. Ainda quando conversava com ela no grupo, quando eu perguntei quanto tempo ela conseguiu ficar sem se cortar e ela respondeu que nunca havia tentado parar, na verdade ela gostava de se cortar, nas palavras dela, é um tanto masoquista. (Extraído do diário de campo)

Na minha tentativa de permanecer num dos grupos, a adm deixou muito claro que o espaço era apenas para ajuda e não queria que eu estivesse lá a fim de fazer pesquisa. Fui removido. Mas, nos outros grupos que eu participava não deixava de ter pessoas da FJU sejam jovens mais maduros que eram líderes de jovens, sejam jovens que se cortavam, ou que deixaram essa prática e que também faziam parte da FJU.

A FJU, portanto, está trabalhando combatendo, a seu modo, muitos tipos de práticas diretamente associadas ao público jovem, ao mesmo tempo que desenvolve atrações que mantem os jovens (seus ou não) distantes das práticas que combate.

Há, por parte dos integrantes dessa igreja uma visão da automutilação que combina elementos psicológicos, por verem como um problema do indivíduo, e espirituais. No dia que fiz minha visita na Universal para ouvir falar sobre automutilação, a comparação feita foi com a do jovem gadareno. Este personagem não se machucava apenas para se punir, ele o fazia fora de controle, sob influência ou domínio de forças malignas. Eles levam em consideração esses dois elementos. Em algumas conversas de membros da FJU em grupos que participei, por vezes surgiam debates acerca de religião. Os participantes dos grupos que não eram da FJU, ao ver um dos seus membros falarem começavam a se pronunciar contrários à religião, ou ao cristianismo, falando da hipocrisia de pessoas que se dizem cristãs. Algumas, seus próprios parentes, ou citando ocasiões em que foram descriminadas por pessoas cristãs. Num dos grupos começou-se a ter hora para acabar as conversas. Havia um certo controle maior dos adms sobre as demais pessoas e sobre a forma como o grupo deveria ser. Houve sim algumas pessoas que tentaram argumentar, mas, a direção dos adms foi o que prevaleceu. Estes grupos começaram por uma decisão dos dirigentes da FJU, provavelmente nacional, já que notei pessoas de diferentes estados nos grupos. Não sei por qual motivo, mas quando eu tentei conversar com eles (os adms da FJU) não consegui saber ao certo como surgiu essa decisão de os jovens líderes formarem grupos de WhatsApp para automutiladores.

> Ah, desde ontem divulgaram um contato de WhatsApp, da FJU para ajudar quem precisar. E as pessoas da Universal continuam saindo dos grupos, mas não sem antes avisar e dizerem que estão disponíveis para atenderem a quem precisar.
> Resolvi falar com duas dessas pessoas.

> Uma me atendeu. Perguntei por que estavam saindo. A resposta foi: “direção dada para nós, só vamos ficar no face e no pv”.
> No caso do face, o perfil é intitulado SOS Jovem. Eu quis saber então, como foi criada a ideia de eles (obreiros da universal) participarem de grupos do WhatsApp voltado para o público que se corta. A resposta que tive foi: “não posso dizer. Boa noite”. Este perfil do WhatsApp não tem foto. O outro que tentei conversar mais não me respondeu tinha a foto de um casal. (Retirado do diário de campo)

Não apenas a igreja Universal tem se interessado em falar sobre temas como automutilação e suicídio, outros grupos religiosos têm se preocupado com tal assunto, como as Testemunhas de Jeová. Recordo, que na época em que fiz minha monografia, pelo menos duas das pessoas que eu conversei pertenciam a este grupo religioso. Em mais de uma de suas publicações oficiais e no site oficial da instituição, eles já falaram sobre o tema automutilação e ou suicídio. Uma matéria em especial publicada no site me chamou a atenção. Estava na parte dos ensinos bíblicos que são divididos em: Perguntas Bíblicas Respondidas”, “Ajudas Para Estudar a Bíblia”, “Ajuda Para a Família”, “Casais e Pais”, “Adolescentes” e “Crianças”.

Na parte dos estudos para adolescentes há os quadros: “Os jovens perguntam”, “tabelas”, “animações no quadro branco”, “o que outros jovens dizem”, “guias de estudos” e “exercícios bíblicos”. No quadro intitulado “Os Jovens Perguntam”[41] as perguntas são subdivididas nos seguintes assuntos: “sexo, moral e amor”, família”, “amigos”, “escola”, “saúde”, identidade” e “diversão”. As perguntas, que na verdade são estudos, estão tanto escritos quanto em áudios e estes materiais são disponibilizados para serem baixados. A pergunta neste quadro que me chamou a atenção foi “Por que eu me corto”?

O tema “autolesão” (forma como se referem à automutilação neste estudo) é conceituado, fala-se das motivações, como parar, são feitas perguntas para se refletir, há algumas entrevistas e “meus textos favoritos”, que seriam passagens bíblicas que ajudariam a quem estiver se cortando. Acho interessante dizer que, logo no início do estudo, uma passagem bíblica, que fala sobre a proibição de se fazer marcas no corpo é explicada, pelo fato de que, segundo se diz no estudo, o mandamento diz respeito às marcas associadas a “rituais pagãos” e não à prática da automutilação.

---

[41] Disponivel: <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/familia/adolescentes/perguntam/po-que-eu-me-corto/>. Acessado em: 11/04/2017.

Saindo das igrejas e passando para a política, a automutilação também já está se tornando um assunto de preocupação para as autoridades. No senado federal já há um projeto de lei que pune os adultos que incentivarem crianças e adolescentes a se cortarem. É o projeto nº. 664 de 2015 que inclui o artigo 244C na Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990- Estatuto da Criança e do Adolescente. No projeto se fala que há grupos nas redes sociais em que os adms pedem para que as pessoas que quiserem entrar, antes tem que se cortar. Até este momento da pesquisa eu não vi nada desse tipo, exceto o desafio da baleia azul, que não é o mesmo que automutilação (sem esquecer que o projeto de lei é anterior à chegada do desafio da baleia azul no Brasil). Devido a esse jogo, o projeto voltou a ser discutido, mas não foi aprovado como está, porque pode criminalizar adolescentes que se automutilam. E pensando nisso, a relatora do projeto recomendou que fique claro que a pena de que trata a lei se dirige ao adulto que induzir o adolescente ou criança a se automutilar. Nos documentos os termos usados são tanto cutting quanto automutilação. Trago aqui essa informação apenas como parte do contexto atual acerca do tema, mas este projeto precisa ser melhor estudado e debatido pela sociedade como um todo. Há uma enquete sobre o tema na mesma página do senado na internet, e apenas 30 pessoas responderam. Sendo 20 favoráveis e 10 contra.

4.3 A BALEIA ASSASSINA

Nestes últimos dias de escrita deste trabalho popularizou-se por todo o país e pelo mundo uma nova onda. Trata-se de um jogo chamado de Baleia Azul (Blue Whale). O jogo começou na Rússia e consta de 50 desafios desde desenhar com algum objeto cortante a figura de uma baleia no braço até o último que é pular de um prédio. Desde seu começo o jogo tem contado com vítimas fatais. Ocorre que os adms de tais grupos dizem que, uma vez que a pessoa inicie o desafio não pode mais parar, pois eles começaram a rastrear as contas dos participantes e, inclusive começam a ameaçar punir parentes daqueles que quiserem parar com os desafios.

O assunto passou a ser bastante discutido nos meios de comunicação, e nas redes sociais, em especial, nos grupos de WhatsApp das pessoas que se cortam não

foi menos falado. Começaram a proliferar os convites para grupos com o nome de “Baleia Azul” ou “Blue Whale” nos grupos que eu participava, nos convites contava sempre a imagem de uma baleia azulada. Nos grupos que eu já estava havia pessoas interessadas em participar do jogo, como também tinha aquelas que demonstravam medo do que esse jogo poderia causar. Algumas moderadoras, ao detectarem pessoas divulgando links para grupos com o nome baleia azul começaram a remove-las dos grupos.

Pelo que disseram as pessoas dos grupos que eu participei falaram sobre os grupos de Baleia Azul, e por aquilo que foi divulgado na mídia, quando o indivíduo aceita o desafio, então começa de uma forma alienante, ou seja, com a ordem para que a pessoa veja vídeos psicodélicos, daí começam os desafios, diários e sempre postados na alta madrugada. Uma vez que os desafios tenham sido cumpridos, as pessoas têm que mandar para os adms as provas de que cumpriram. E isto é feito por meio de fotos.

Fala-se que o verdadeiro grupo é o do Facebook, mesmo assim foram criadas muitas baleias azuis como grupos de WhatsApp. Mas, não terminou por aí. Se alguns administradores de grupos de automutiladores começaram a se precaver, expulsando qualquer pessoa que divulgasse as baleias azuis, outras pessoas começaram a propagar as outras baleias, e assim, criou-se uma contra ofensiva a baleia azul protagonizada por sua principal rival, a baleia rosa ou Pink Whale (vários grupos foram criados com esse nome), bem como suas congêneres: a baleia vermelha, a baleia verde e, até o tubarão branco. Todas essas baleias tinham o propósito de servirem como alternativa ao mal representado pela baleia azul. Eu participei de um dos grupos da baleia rosa. Havia regras no grupo, e sempre que alguém era adicionado, as regras eram postadas e nas regras haviam informações, como, “de uma hora da madrugada, um dos curadores vai te enviar o desafio”. Estes curadores são adms mais engajados que os outros, pois eles têm que estar sempre prontos para lançarem

“desafios” quando forem procurados por qualquer pessoa. Os desafios, no caso destes grupos, são o de fazer coisas que façam as pessoas se sentiram bem, como dizer para os pais que os ama, etc.

O acréscimo da baleia azul a este mar tumultuado que os adolescentes têm de atravessar, cheio de desafios e tormentas, representou uma fase de movimentação nos grupos e estimulou o surgimento de outros. Esta onda surgiu numa das fases mais tristes da pesquisa, que, por sinal, também é a última.

4.4 FILMES

Outro elemento de produção de cultura relacionado à automutilação é a procura e consumo de filmes que abordam de modo mais ou menos central essa temática. Trata-se de filmes que, de modo geral, abordam questões relativas à adolescência e possuem protagonistas femininas. Possuem, portanto, uma função catártica e, do mesmo modo que as músicas, promovem uma modulação (isto é, uma coletivização) das emoções. Se as músicas fornecem a trilha sonora da automutilação, os filmes oferecem uma narrativa com que se identificar.

Um filme que, desde minha época de graduação era muito referido entre os meus interlocutores foi “Aos Treze” (ele é bem conhecido das pessoas que se cortam). Este filme, à semelhança de Abzurdah (livro que também foi adaptado para cinema, e sobre o qual falarei), fala sobre a história de uma adolescente, Tracy, que, ao começo do filme, ainda se veste como uma menina. Mas vai percebendo as pessoas da escola que são mais populares com roupas e adereços totalmente diferentes dela.

Contudo, a primeira cena é a de Tracy no quarto com sua amiga Evie. Consumindo algum tipo de droga e trocando tapas. Após isso a história volta alguns meses no tempo em que Tracy ainda não conhecia Evie. Neste momento ela começa a notar a diferença que há entre ela e as garotas mais populares da escola (Evie é uma das populares). Tracy vai tentando parecer cada vez mais com as populares e finalmente consegue se tornar amiga de Evie. A vida dela então vai mudar de verdade, vai usar drogas, se envolver com rapaz, roubar, se tatuar, usar piercings.

Alguns momentos do filme me pareceram marcantes, como quando Tracy diz para sua mãe que não é mais um bebê, isto é, ela passa a reivindicar autonomia. Outro momento é quando ela é trazida pelo seu irmão de uma noite de farra com os

novos amigos. A mãe vai ao quarto dela para conversar e quando entra a filha estava trocando de roupa, que não gosta da atitude da mãe que responde: “não posso mais ver seu corpo”? Ao que ela contesta pedindo que se respeite o seu espaço. Aqui a autonomia não é mais reivindicada pelo fato de ter uma certa idade como ela já tinha feito, mas a autonomia é falada como algo que está ligado à geografia da casa (o quarto) e ao corpo.

O corpo é um elemento importante nesse filme. A transição da infância à adolescência se nota por meio do corpo e das suas apropriações nas tatuagens, nos piercings (Tracy coloca dois, um na língua e outro no umbigo) postos sem o consentimento da mãe, no fato de passar a se cortar, algo que acontece pelo menos duas vezes no filme, sendo isto o que mais chamou a atenção da mãe. O filme termina com a filha e a mãe no chão da cozinha. A filha com os pulsos cortados e a mãe os beijando.

4.5 PAINFUL SECRETS

Outro filme tão fiel à trajetória de muitas pessoas que se cortam é “Painful Secrets”. O filme relata a história de Dawn, uma adolescente que está responsável por criar o cenário de uma festa que ocorrerá na sua escola. Ela sofre bullying por parte de suas colegas populares da escola. Sempre que a tensão é grande, Dawn corre para algum lugar e procura se cortar. Ela é flagrada por uma colega que se tornará sua amiga. Essa não será a primeira vez que alguém notará que ela se corta. Logo será o professor que, ao ver a mancha de sangue na manga de sua camisa e comunicará aos seus pais. A partir daí a vida se torna mais sofrida para Dawn. Objetos perfuro-cortantes serão afastados dela, inclusive a faca na hora das refeições, a mãe passa a inspecionar o corpo da filha para ver se não tem nenhum corte. Os colegas descobrem que ela se corta e ela sofre mais bullying, o namorado percebe e decide acabar o namoro. A mãe dela é uma mistura de cuidados e ao mesmo tempo pressão, ao passo que o pai é uma figura ausente. No decorrer do filme as coisas mudam, a mãe sai de casa e o pai se importará mais com a filha. Um destaque especial no filme, está no papel da doutora Parrela, uma psiquiatra que já

atendia a amiga da protagonista. Após uma tentativa de suicídio, finalmente a vida de Dawn parece que começa a mudar.

4.6 BORDERLINE

O transtorno de personalidade borderline (e aqui estou diante de representações do processo de medicalização, mais precisamente de psiquiatrização) acerca dos quais falam Casadó (2011) e Perrusi (2015) é conceituado como um transtorno que fica entre a psicose e a neurose. O borderline é representado como uma pessoa que está na fronteira das emoções, que pode ir do ódio ao amor em pouco tempo. Tensões referentes a relacionamentos são as mais frequentes nesse tipo de transtorno. Durante a pesquisa participei de alguns grupos de WhatsApp e do Facebook para borderlines. A razão disso se deve a que os borderlines tendem a praticar algum tipo de automutilação. Entretanto, a maior parte dos borderlines que conheci nos grupos deles ou nos das pessoas que se cortam já tinha mais que 18 anos. Sendo assim, a automutilação deles era mais relacionada a um tipo de transtorno do que a um fenômeno exclusivamente juvenil. Entre os borderlines a conversa é mais “adulta” e psicologizada. Eles perguntam entre si como lidam com determinados sintomas, falam sobre os efeitos da medicação, sobre os relacionamentos deles e como seus namorados ou maridos, esposas convivem com eles ou os deixam devido ao transtorno.

O borderline que desenvolve algum tipo de automutilação, na maioria das vezes não alega as mesmas razões dos adolescentes com os quais convivi. Eles também associam a sua prática a um discurso especializado das ciências psi (não que as pessoas que se cortam não façam o mesmo, mas no caso dos borderlines isso é muito mais evidente, mesmo no caso em que eles não gostam dos profissionais da saúde). Além disso, enquanto não é estranho ver pessoas com esse transtorno continuarem a praticar a automutilação depois de se tornarem adultas, na maior parte dos automutiladores que praticam a automutilação e não são diagnosticados como borderlines, a prática tende a acabar quando os indivíduos deixam de ser adolescentes.

Nos grupos para pessoas que se cortam que eu participei, vez por outra havia alguém diagnosticado ou que suspeitava ser borderline. A seguir transcrevo uma conversa entre uma garota que se cortava e outra que, além disso é borderline.

> R: Vc é diagnosticada com algum transtorno??
> Little Liar: não, você é?
> R: eu sou. Transtorno de personalidade borderline.
> Little Liar: como é esse transtorno?
> R: é um inferno. Vc conhece uma pessoa e se ela te faz algo bom você já ama ela profundamente, mas se ela te faz algo ruim vc odeia ela com todas as suas forças. Meu humor muda em questão de minutos. Eu tenho crises violentas.
> Little Liar: nossa, e isso tem cura?
> R: não, tem só controle. Tratamento. Tomo medicamentos.
> Mas parece que eles não estão fazendo muito efeito mais.
> Little Liar: nossa, deve ser um inferno. E eu aqui reclamando da minha vida (emoji de carinha triste).
> R: é um inferno. Eu não aguento mais.
> Little Liar: Olha, você aguenta sim! Tem que ser forte! Você consegue!
> Eu acredito em você!
> R: tem uma semana que eu tentei suicídio. Já quase morri algumas vezes. Já tive parada cardíaca.
> Little Liar: por favor, não se mata! (emoji de carinha triste) Olha, você consegue! A sua vida vai melhorar, tenha fé, Deus tá olhando por você! E eu também to do seu lado! Pode me procurar pro que precisar! Eu sei que a gente não se conhece! Mas se você quiser me fazer de diário, estou à disposição! Pra te dar conselho e tudo mais! Sou boa nisso!
> R: obrigada, mas normalmente as pessoas não aguentam as minhas crises e desistem.
> Little Liar: eu não vou desistir! Eu prometo! Eu juro que nunca desistirei de você! Porque eu te entendo, é ruim não ter ninguém pra compartilhar oq sinto! E como eu não tenho isso, eu procuro ajudar as pessoas, isso me alivia, é uma forma que encontrei pra não me cortar mais! Você estaria me ajudando também!
> R: eu agradeço, mas eu estou muito magoada com uma pessoa agora e quero sofrer sozinha, quero mostrar pra mim mesma que eu sou capaz de viver bem sem ele.
> Little Liar: okay! Seja como quiser! Só quero que saiba que se um dia quiser desabafar, eu estou aqui pra te ouvir (emoji de carinha mandando beijo em forma de coração).
> R: obrigada. Serei eternamente grata por isso.
> Little Liar: (emoji de carinha contente)
> (Trecho de conversa no WhatsApp)

O contexto da conversa é: Litlle Liar havia dito que fez um teste para estudar para ser atriz e estava muito ansiosa, foi aí que “R” perguntou se ela tinha algum transtorno. Perceba que esta maneira de falar talvez possa revelar que R já é iniciada nos discursos psicologizantes. A sequência da conversa é: R pergunta se Little Liar tem transtorno, após receber a resposta, tem a pergunta feita devolvida ela diz que é

borderline, dá uma conceituação sobre o que acha do transtorno (“um inferno”) e fala sobre suas consequências, que dizem respeito a dificuldades com relacionamentos.

Sobre a produção que vem sendo feita sobre os borderlines há alguns filmes e livros. Citarei um filme e um livro[42].

A Secretária- A personagem principal deste filme já é uma jovem. Ela acabou de sair de um período num hospital psiquiátrico. Pelo que o filme sugere isso ocorreu após ela ter um surto no qual se cortou profundamente num dos pulsos. Ela faz um curso de datilografia, se candidata a uma vaga de emprego de secretária e é aceita.

O patrão se revela uma pessoa um tanto excêntrica. Ele nota que sua funcionária se corta, fala sobre isso com ela e diz para ela parar. A partir daí ele vai ser sádico com ela, e o curioso é que ela não vai reagir. Se apaixona por ele, deixa o namorado, joga fora seus estojos com lâminas e outros objetos perfurocortantes e depois de algumas dificuldades acaba ficando num relacionamento com o seu patrão. O filme é surreal, mas tem um aspecto especial nele que me chama a atenção. A personagem principal para de se cortar quando se torna adepta das BDSM, inclusive numa das cenas do filme, ela começa a ouvir fitas falando sobre sadomasoquismo. Se ainda não ficou claro o que quero dizer é que, a automutilação é um tipo de pratica com a intenção de causar dor, mas é reprovável socialmente. Quando a personagem começou a conhecer a BDSM, ela notou que ela poderia continuar sentindo dor, só que dessa vez mais aliada ao prazer e de uma forma que não lhe causaria problemas pois era praticada com outra pessoa que partilha destes mesmos princípios.

Num dos primeiros grupos que participei, e no qual ainda permaneço, logo no início da minha observação, uma menina começou a falar que a situação de pessoas como elas que se cortam não é nada boa. Algumas meninas concordaram, mas uma discordou. Disse que gostava de se cortar, e que sentia prazer na dor, inclusive nas relações que mantinha. Esta garota destoava das demais deste grupo (e, de fato, da maior parte das que conheci em qualquer outro grupo de automutiladores).

Abzurdah é um livro autobiográfico da jornalista argentina Cielo Latini. O livro começa no final da adolescência. O marcador da diferença é o seu corpo, em outras palavras, o seu peso. Ela reflete que os pais se importavam com algo que, para ela,

[42] Recomendo ainda os livros Garota interrompida (KAYSEN, 2013), que tem caráter autobiográfico e foi transformado em filme, e Corações Descontrolados: ciúmes, raiva, impulsividade: o jeito borderline de ser (SILVA, 2013), escrito por uma psiquiatra e direcionado para o público em geral.

não tinha nenhum problema e não entendia o fato de ter que se consultar com a nutricionista. Creio que não seja surpreendente que o fato de ela ser uma criança e adolescente obesa foi motivo de dificuldades com seus colegas na escola. Aliás, devo dizer escolas, pois, ela mudou três vezes de colégio, o que não foi feito sem certo sofrimento. Dadas as pressões sofridas e, apesar do talento que possuía para tocar piano, a obesidade de Cielo pesava e ela decidiu parar de comer e a desenvolver estratégias de omitir isso de seus pais e amigos. Com o tempo ela se tornou anoréxica, cada vez mais magra e sempre insatisfeita com sua aparência e peso (que ao ser ver nunca estava magra o suficiente). É ainda na adolescência que vai conhecer, por meio do MSN (e não é um elemento qualquer a descoberta da internet pelos adolescentes) a Hogweed, ou Alejandro, adulto, ao qual vai conhecer pessoalmente e ter um relacionamento com ele durante anos (a maior parte sem o conhecimento dos pais). A anorexia vai se tornando mais grave, ela começa a se automutilar, tenta o suicídio, começa a se cuidar, é diagnosticada como portadora do Transtorno de Personalidade Borderline e deixa Alejandro. Cielo é intensa e não mede as consequências dos seus atos. Ela deixa de ser a pequena e sofrida Cielo para se tornar Abzurdah, uma personagem que ela mesma criou e que dizia respeito à nova identidade que assumiu no momento que tomou o controle do corpo e começou a fazer dele o que bem entendia. Já não “contaminava” ele com comidas e o puniu quando assim achou conveniente, chegando inclusive, a quase dar um fim nele quando seu relacionamento não ia bem.

4.7 QUAL A ESTÉTICA DA AUTOMUTILAÇÃO?

A estética da automutilação pode ser encontrada em três aspectos: 1- quando a prática é associada a uma sensação de prazer (não é o discurso mais falado pelos nativos), 2- numa das motivações mais apresentadas pelas pessoas que se cortam, a saber, no inconformismo com a própria aparência, 3- no conjunto de imagens, vídeos, discursos e indumentária (uso de certos acessórios que visam despistar as marcas de cortes) que compartilham. Pretendo falar de cada um destes aspectos com exemplos de casos que conheci ao longo da pesquisa.

O primeiro aspecto é o relacionado a automutilação associada a sensações de prazer. Embora, geralmente o contexto onde a automutilação ocorre (sua motivação por assim dizer), é geralmente associado a uma situação insustentável na vida, alguns dos indivíduos que se cortam não acham que a dor que eles infligem a si por meio da automutilação é de todo apenas dor. Fala-se em prazer, há uma sensação de fuga e esquecimento.

Durante o período da pesquisa em que as coisas não me pareciam muito interessantes, pois os grupos do WhatsApp ou do Face não estavam com muitas conversas, decidi que era preciso fazer alguma coisa. Então, num grupo do WhatsApp sobre eventos universitários, eu disse que estava numa pesquisa sobre automutilação e que se alguém ali conhecesse quem se cortava ou se sabia qualquer coisa sobre o assunto e quisesse conversar comigo que me procurasse no privado. Obtive uma resposta. A resposta veio de uma jovem que se preocupava com o sigilo de tudo aquilo que me contava. Ela se cortava desde a adolescência. Sempre conseguiu manter isso sem o conhecimento dos seus pais. Quando ela começou a trabalhar iniciou as consultas com o terapeuta, também sem o conhecimento dos pais. Apenas algumas pessoas sabiam que ela se cortava. Se cortar era um ato que gerava uma boa sensação. Falou que era bonito ver a cor do sangue. Decidiu parar de se cortar, mas há algo de interessante na forma como ela superou a automutilação: ela se perguntou qual seria a forma de deixar de se cortar, mantendo o prazer por meio da dor, sem que para isso precisasse se ferir. Foi aí que encontrou uma resposta na BDSM. Por meio disso ela manteve e controlou a sensação positiva que diz sentir por meio da dor, sem estar se ferindo. É nesse aspecto que eu assemelho esta moça universitária à protagonista do filme “A Secretaria”.

O segundo aspecto estético da automutilação diz respeito àquilo que foi o conteúdo deste capítulo. A produção e troca de músicas, vídeos, imagens que formam o contexto das pessoas que se cortam com as quais convivi nos grupos. Até certo ponto, a estética que me foi apresentada nestes grupos pode ser semelhante àquela que Luís Fernando Dias Duarte usou para falar dos emos de Bispo (2012).

> E é efetivamente esta instabilidade, redobrada com a suposta instabilidade da adolescência, que esses personagens encenam seu delicado teatro das sombras – literalmente, já que a estética pessoal é sombria e os cenários bruxuleantes. O autor lembra minha própria caracterização de um

> “romantismo das sombras”, aquele que carrega o mal-de-vivre, o spleen, a agonia e a noite, a hiperestesia concertada pelos estetas do final do século 18 e regente da estética do mal ainda hoje prevalecente em nossas artes. Um cenário gótico; tal como se celebrou àquela época e hoje se retoma na explícita adjetivação de uma cena comportamental e musical. (DUARTE, In: BISPO, 2012)

A estética, no trabalho de Bispo está voltada tanto para a música (que é o que faz de um emo, emo), que fala de relacionamentos frustrados, e para a indumentária, com as características franjas (coloridas ou não). Não há de se deixar de falar que há, no senso comum, um discurso sobre os emos que fala de sentimentalismo que, boa parte das vezes tende para a tristeza. Mas, os informantes de Bispo bem mostram que “a realeza”[43] é bem divergente da ideia de emos como gente triste.

Falar da minha experiência de pesquisa entre pessoas que se cortam como se a estética deles fosse apenas de um “teatro das sombras”[44] seria ignorar que, apesar dos grupos terem muitas vezes nomes sombrios como “suicidas”, ainda assim as conversas variavam, se falava os mais diversos tipos de assuntos, se paquerava e até brincavam. Mas, não falar que sim, há um forte conteúdo voltado para morte, depressão e assuntos relacionados seria fugir ao que vi.

4.8 AUTOMUTILAÇÃO COMO RESISTÊNCIA OU DENÚNCIA NA PELE

A automutilação também está no Youtube. São muitos os vídeos depoimentos onde as pessoas falam sobre suas experiências acerca da automutilação (superada ou não) e outros assuntos. As vezes elas podem falar ou simplesmente contar suas histórias por meio de cartões escritos como fez Amanda Todd.

O caso de Amanda Todd, ou o de Hanna Baker (personagem do seriado “Os Treze Porquês”), ao deixarem suas mensagens antes de chegarem ao suicídio, relataram que não estavam chegando aquela decisão sós, com elas estaria uma série de motivos associados às pessoas que as trataram como não deviam, o que lhes

[43] Grupo de amigos que foram os principais informantes de Bispo (2012).

[44] Entretanto, a ideia de “teatro das sombras”, serve tanto para o caso da pesquisa de Bispo, que fez parte de sua observação participante nas reuniões de emos chamados de “Orkontros”. E, no caso da minha pesquisa, o termo também é válido se pensar na ideia de que os grupos que participei são ciberbastidores onde os indivíduos fazem representações de si, que não fariam para as outras pessoas que não fazem parte dos grupos e não praticam a automutilação.

teria tornado a vida insustentável e, portanto, a única saída que viram foi o de acabar com ela.

Ao se tornar vítima de bullying após ter imagens íntimas suas expostas na internet, Amanda primeiramente desenvolveu, conforme ela mesma disse, ansiedade, ataques de pânico e depressão. Começou a se cortar. Enfim, a partir do momento que sua imagem em fotos que não deviam ir ao público foi vazada, ela perdeu o respeito que tinha das pessoas, os amigos e suas ligações com este mundo. Apesar de ter mudado de escola e de cidade, a má fama que lhe foi atribuída a perseguiu. Simbolicamente falando, a sociedade abandonou ela e mostrou toda a sua rigorosidade por Amanda, mesmo sem querer, ter infringido algumas de suas normas. Sem mais nenhum vínculo social, como ser social que era, Amanda perde o gosto pela vida e se suicida. Pode parecer uma forma simplificada de apresentar este evento, mas, o que fica claro na fala de Amanda é que havia uma pressão maior e exterior a ela com a qual ela não soube lidar de forma satisfatória, a não ser optando pela própria morte.

Agora, pensando nos momentos que Amanda se expôs, sendo depois coagida e chantageada a se exibir (antes de ter suas fotos íntimas divulgadas ela foi chantageada a se exibir para alguém que tinha a posse dessas fotos), ficou com um rapaz que tinha namorada e tentou o suicídio. Em todos esses eventos temos atos que passam pelo corpo, mas que na realidade ficaram para trás (a garota mesma quis esquecer tudo isso até no fato de não denunciar a agressão que sofreu), ficaram no passado. Não exatamente. A história em destaque mostra que é difícil dissociar o corpo da biografia da qual ele faz parte.

As mudanças de residência e escola pelas quais Amanda passou não conseguiram apagar as páginas amargas de sua biografia. É nessa intersecção que as dimensões tempo e corpo se cruzam. Cada corpo leva consigo uma biografia, que pode ser por diversas táticas de manipulação encoberta (GOFFMAN, 1980). Amanda tentou isso ao se mudar por mais de uma vez de residência e de escola. Mas a forma que ela tentou reorientar a sua biografia chocou-se com os seus “biógrafos”, isto é, aqueles que a conheciam e formaram uma visão, cristalizaram em suas mentes um conjunto de fatos da vida pregressa da garota e a perseguiram onde quer que ela fosse seja pessoalmente, (como quando foram até a escola e pediram para que

saísse da sala e aí o espancamento ao qual ela foi submetida), seja virtualmente através dos comentários em forma de xingamentos e ofensas que lhe foram dirigidos em seu perfil no Facebook. O suicídio parece ter sido o único recurso que encontrou ao perceber que já não conseguia ser senhora de sua biografia, a sua identidade social já não dependia mais dos sinais que ela emitia, mas daquilo que diziam dela.

Agora, há que se perceber que a vida de Amanda teve os momentos mais dramáticos de sua vida na tela. Seja nas fotos íntimas, seja quando foi chantageada a se exibir, seja no vídeo depoimento que antecedeu o seu suicídio. O registro de aspectos fundamentais da vida na tela de um aparelho eletrônico quando ligado, tem a sua importância. Ali a identidade, ou melhor, a biografia de cada um é lida e interpretada ou reinterpretada dependendo do conteúdo que se posta. Assim, Amanda primeiramente teve sua imagem destorcida quando outros se utilizaram dela e a dispuseram na internet. Mas, com o seu vídeo depoimento, quem sabe, ela esperava encontrar amparo e uma forma de redenção diante dos internautas. As últimas palavras dela no vídeo depoimento mostravam que ela estava incerta quanto a seu futuro (“O que será de mim agora?...”), ao mesmo tempo que já tinha um plano (“nada pode me deter”). Mas a constatação que ela faz mais clara é “me sinto só... preciso de alguém =(Meu nome é Amanda Todd”. A resposta que seu apelo esperava não veio, e dias depois ela cometeu suicídio. Ela perdeu o controle da impressão que outros internautas podiam ter dela, na tentativa de resgatar-se não obteve sucesso, e como a vida juvenil, e por que não a de quase todos, está online, ela achou que era hora de desconectar-se. Essa desconexão nem é tão programada, nem desejada. Mas, vai acontecendo pouco a pouco, nas tentativas de suicídio e na automutilação.

Agora, será que essa automutilação terá sido algo espontâneo que responda a uma situação de desespero? Em parte o é, mais do que isso, o que parece importar, tanto para Csordas (1998), quanto para mim, nesta pesquisa, é o fato de que, as pessoas a partir de experiências, que a princípio, são espontâneas, logo, em interação com os outros passam a se tornar também culturais ou sociais.

Para mim, pensar diferente disso, é nada mais, nada menos que procurar desvendar uma suposta inverdade que o informante esteja dizendo, ou pior, entender que toda a sua prática esconde uma falácia. Outra preocupação do autor se refere a

inteligibilidade e semântica da glossolalia. Eu diria que a automutilação, assim como a glossolalia é uma linguagem que foge dos padrões linguísticos apreendidos pelo pesquisador. Entretanto, toda linguagem é carregada de sentido. O problema da inteligibilidade existe. No caso da automutilação ele exprime o incomunicável à fala, embora a consciência não esteja posta à parte. Em dado momento Csordas parece flertar com a psicanálise e adota a ideia de que há um componente irracional presente nas manifestações que analisou, eu não ousaria dizer isso quanto as experiências que tive com meus informantes por mais que a prática de se cortar possa ser algo totalmente alheio a minha biografia.

4.9 AUTOMUTILAÇÃO E INVENÇÃO

O que foi falado neste capítulo são elementos que contribuem para uma suposta cultura da automutilação. É certo que tal coisa não existe, mas o estudo em grupos do Facebook e WhatsApp sobre pessoas que praticam automutilação leva o indivíduo (seja ele o pesquisador, o nativo, ou o leitor) a supor que isso seja algo dado. Não é. Ainda que não tenha encontrado uma genealogia da automutilação moderna entre indivíduos adolescentes, a descrição da pesquisa, sugere que este suposto mundo da automutilação nada mais é que, em certo sentido aquilo que eu vi e como vi as pessoas que se cortam nas suas redes sociais, a partir de meus próprios valores, idade e gênero (diferente deles), e também é aquilo que as pessoas que se cortam pensam e como organizam suas experiências. Em outras palavras, o que aqui há é a invenção de um tipo de interação ou socialidade que os automutiladores desenvolveram e que foi inventada por mim no sentido de que eu falo sobre isso a partir da fala de um estranho a esse público (como quem não é um automutilador). É como se eu criasse uma cultura para as pessoas que se cortam dos grupos que eu participei, e elas, de igual maneira, criassem uma para mim.

> Se a cultura fosse uma "coisa" absoluta, objetiva, "aprender" uma cultura se daria da mesma forma para todas as pessoas, tanto nativos como forasteiros, tanto adultos como crianças. Mas as pessoas têm todo tipo de predisposições e inclinações, e a noção de cultura como uma entidade objetiva, inflexível, só pode ser útil como uma espécie de "muleta" para auxiliar o antropólogo em sua invenção e entendimento. Para isso, e para muitos outros propósitos em antropologia, é necessário proceder *como se* a cultura existisse na qualidade de uma "coisa" monolítica, mas para o

> propósito de demonstrar de que modo um antropólogo obtém sua compreensão de um outro povo, é necessário perceber que a cultura é uma "muleta". (WAGNER, 2010, p. 36)

Ao falar sobre o nativo, nos termos da sua cultura e não nos deles o antropólogo está criando uma cultura.

> “O que o pesquisador de campo inventa, portanto, é seu próprio entendimento: as analogias que ele cria são extensões das suas próprias noções e daquelas de sua cultura, transformadas por suas experiências da situação de campo” (WAGNER, 2010, p. 40).

5 CONCLUSÃO

5.1 THATCHER, STRATHERN, AS CRIANÇAS E A AUTOMUTILAÇÃO

Um aspecto deste trabalho que não pode ser desconsiderado é o que aponta para tipos de organizações criadas pelos indivíduos que respondem às suas necessidades de interação sem que com isso estejam criando algo parecido com uma sociedade, tribo urbana ou seja lá o que for. As interações entre indivíduos que se cortam nas redes sociais, caracterizadas por sua trilha sonora, vídeos, imagens, conversas e determinados tipos de ritos específicos (como as ameaças de se cortar ou de suicídio), apontam para aquilo que Wagner (2010) chama de socialidade, isto é, a forma de interação que valoriza a capacidade que o indivíduo tem de agência, capacidade de fazer, refazer e sobretudo de complexificar os modos como escolhe para interagir com os seus iguais. A horizontalidade como ocorre a interação nestes grupos por mim pesquisados talvez seja a causa da riqueza de informações que possui este universo feito por eles e para eles[45].

Que tipo de vínculo é este que há entre os automutiladores com os quais tenho convivido? É uma socialidade que não ignora processos sociais já estabelecidos, os quais por vezes são sintetizados pelas pessoas que se cortam de forma mais enfática. Uma das fotos logo do início da pesquisa em grupos do
WhatsApp foi a da coxa de uma garota onde ela “escreveu” com a sua lâmina a palavra “society”. Posso recordar ainda que na conversa que tive, ainda na graduação e que me levou à pesquisa que resultou na minha monografia, com uma moça que se cortava. Quando eu perguntei a ela o que motivava as pessoas a se automutilarem, a resposta dela foi “porque a sociedade faz bullying com as pessoas”. Ou seja, nos casos que acabo de relatar como em outros que acompanhei no decorrer da pesquisa, a sociedade é o termo utilizado para representar o mundo e as relações sociais que, de alguma forma, é negativo. Essa desvalorização da

[45] Existiram grupos na pesquisa que não eram tão horizontais: o grupo que mais tempo fiquei foi exatamente um que só tem uma adm. Nos últimos meses de pesquisa, nos grupos feitos por pessoas da FJU, a horizontalidade não é tão garantida como se pode perceber pela descrição que fiz quando falei sobre estes grupos.

sociedade por parte das pessoas que se cortam parece-me que é respondido pelas experiências como bullying e rejeição. Como boa parte do bullying está relacionado com o fato de não se atender a determinados padrões estéticos ou comportamentais, logo, as pessoas que se cortam veem na maioria àquilo que chamam de sociedade.

5.2 NEM TANTO AO CÉU, NEM TANTO AO MAR

Ao perguntar se o conceito de sociedade está teoricamente obsoleto Marilyn Strathern (2014) fala que durante a maior parte do século XX o pêndulo variou entre os conceitos de indivíduo e sociedade. Entretanto o conceito de sociedade reificado e coisificado inflacionou (como também inflacionou o de cultura conforme percebeu Wagner), tornou-se uma espécie de abre-te sésamo que a tudo deveria responder. Essa dicotomia permeou tanto a antropologia (e demais ciências sociais), como também a política.

Strathern em determinado momento de seu texto retoma a fala da ex-primeira-ministra da Inglaterra, Margareth Thatcher, segundo a qual “não existe a sociedade, e sim os indivíduos e as famílias”. Strathern em sua argumentação investe forte contra Thatcher, e a autora não vê problema necessariamente na parte da frase onde a existência da sociedade é negada, mas no restante da frase e na motivação política que motivava tal ideia. Em termos claros: a antropóloga social está mostrando o desgaste sofrido pelo conceito de sociedade. Mas, para que não fosse confundida como uma neoliberal, preocupou-se em mostrar que sua crítica ao conceito de sociedade ou a constatação de sua obsolescência não estava atrelada a ideologia da qual Reagan e Thatcher foram os expoentes. Assim, Strathern deixa claro que a frase da ex-primeira-ministra inglesa em que recusa a sociedade, acaba por simplesmente manter a dicotomia anterior, ou seja, se se rejeita a sociedade, de imediato abraça-se a ideia de indivíduo, igualmente reificada e coisificada como fora o conceito de sociedade. A consequência supostamente desejada da escolha pelo indivíduo é a recusa dos governos neoliberais em reconhecer a legitimidade dos grupos sociais que reivindicam direitos frente aos governos. Num mundo onde o poder de escolha e de ação dos indivíduos é valorizado, qualquer possibilidade de instância que se interponha entre estes e o Estado é vista como danosa.

O que Strathern quer dizer é que não se deve estar nem tanto ao céu, nem tanto ao mar. Nem ênfase no individualismo, tampouco na sociedade. O que resta após a recusa de ambos: outras instâncias e formas de organizar a convivência. Apesar da obsolescência do conceito de sociedade, este mesmo conceito implica outros tipos de noções que devem ser mantidos e tem sua utilidade, como por exemplo a noção de socialidade.

Seguindo a lógica daqueles que tentam fugir do pêndulo que oscila da sociedade ao indivíduo em seu texto "O Que as Crianças Podem Fazer pela Antropologia", Pires (2010) se utiliza de conceitos de autores até certo ponto inconciliáveis (Christina Toren, Tim Ingold, Marilyn Strathern e Margareth Mead), para tratar de como a questão da agência se observa entre as crianças. A discussão de Pires ocorre na esteira do debate realizado entre alguns antropólogos, entre os quais Marilyn Strathern e Tim Ingold acerca da validade do conceito de sociedade. O que isso teria a ver com o estudo das crianças? Simples: o problema reside na ideia de socialização. Esta noção nos leva ao conceito de tábula rasa de Locke. Resumidamente, como se sabe, a ideia da tabula rasa consiste no pressuposto de que as crianças vêm ao mundo com a mente limpa como um quadro branco, cabendo aos adultos o dever de ensinar a cultura e as regras do mundo. Segundo esta teoria a criança é apenas um receptáculo da cultura. Articulando os autores já mencionados, Pires aponta que nem há uma sociedade pronta para receber a criança e tampouco a cultura que a criança irá receber é um conteúdo que lhe será repassado tal qual o desejam os adultos.

Para Pires, as crianças são tanto agentes passivos da cultura quanto ativos. Nas palavras da autora, as crianças são tanto "produtoras quanto receptoras da cultura"[46]. As crianças tanto assimilam quanto interferem a cultura na qual são inseridas. Além de aprenderem sobre o mundo com os adultos, as crianças interferem nos conceitos desse mundo e consequentemente dos adultos, mas também aprendem com outras crianças. Apesar de todos estudos que apontam o papel de

[46] Pires, portanto, concorda com a ideia de Wagner de que todos somos antropólogos. Essa ideia não é menos que um avanço em relação ao pensamento de Geertz de que todos somos nativos. Se todos são nativos, isso pode até significar uma horizontalização, mas por baixo. Quando se diz que todos somos antropólogos e na possibilidade de uma antropologia reversa, todos também são horizontalizados, mas por cima, isto é, todos tem agência.

destaque das crianças em algumas culturas, Pires alerta que a agência das crianças não é absoluta pois as mesmas dependem dos adultos.

> Uma das possíveis contribuições dos estudos sobre crianças para a antropologia é que eles podem evidenciar a natureza dual do ser social, produtor e reprodutor de cultura. Seria inocência acreditar que a agência infantil é absoluta, e autores como Alan Prout (2005), um dos pais dos *New social studies of childhood*, já o reconheceram. As crianças dependem dos adultos. (PIRES, 2010).

Outra questão importante abordada por Pires, embora que seja rapidamente é a noção de socialidade (que fique claro que ela usa o termo no original inglês, “sociality”), segundo a autora “Embora também estejamos frente a uma abstração, a ‘sociality’ denota processos sociais dinâmicos nos quais as pessoas estão inseridas” (PIRES, 2010). Esses processos podem se referir as trocas que ocorrem entre crianças e adultos naquilo que se convenciona chamar de educação, que aparenta ser o ato dos adultos inculcarem a cultura e as regras sociais nas crianças, mas que na verdade tem a margem de atuação das crianças, para além de reprodutoras, elas também são produtoras de cultura, conforme já falado. Socialidade parece um bom conceito para dar conta do processo de se fazer, ao qual Pires chama de “fazimento”, tomando o termo a empréstimo de Darcy Ribeiro.

5.3 CHIFRE NA CABEÇA DE CAVALO?

Voltando à ideia de reificação da sociedade da qual Strathern fala, convém assinalar que ela é devida em boa parte aos esforços de Durkheim que proporcionou uma antropologia social que considerava a sociedade ou precisamente os fatos sociais como coisas. Foi nesse instante que se criou aquilo que Wagner (2010) chamou de “ciência da integração social”. Aqueles que formaram as duas principais linhagens de seguidores de Durkheim, os funcionalistas britânicos e os estruturalistas franceses (e Wagner em seu texto “Existem Grupos Sociais nas Terras Altas da Nova Guiné?”, dá maior destaque para os primeiros) fizeram um grande esforço teórico para adequar as sociedades ditas tribais e seus arranjos sociais às formas sociais do Ocidente, com um “como si implícito”. É desnecessário dizer que nisso está presente

uma clara prova de etnocentrismo. As formas coletivas de organização entre sociedades tribais não foram e não estão sendo feitas e refeitas, via de regra, tendo como paradigma as formas ocidentais. Tanto funcionalistas quanto estruturalistas esquematizaram a vida social de tribos tão distintas das nossas numa sistemática que de certa forma nos fazia pensar que aqueles nativos de sociedades longínquas apenas davam nomes diferentes a certos tipos de instituições similares às nossas. Acerca disso Wagner faz algumas interrogações bastante lúcidas.

> Assim, se escolhermos desafiar esse modo sistêmico de explicação, podemos perguntar se os grupos de descendência e a parafernália da ordem social a eles associada existem de fato independentemente da necessidade do antropólogo de explicar as coisas nesses termos. Existe algo sobre a sociedade tribal que requer sua decomposição em grupos? Ou a noção de "grupos" é uma descrição vaga e inadequada de algo que poderia ser mais bem representado de outra forma? (WAGNER, 2010).

Em outras palavras há um reducionismo no ato do antropólogo querer enxergar uma lógica de sistemas em sociedades distintas da sua, que não operam com os mesmos dispositivos e conformações coletivas que a sua. É o mesmo que "ver chifre na cabeça de cavalo". De acordo com o pensamento de Wagner, o maior trunfo de um antropólogo não está na sua capacidade de desvendar estruturas inconscientes que o nativo vive sem se aperceber delas. Em outras palavras: o trabalho do antropólogo não é análogo ao do psicanalista como nos fez crer Lévi-Strauss. Ao antropólogo cabe o ofício de perceber como os nativos "*fazem*" a sua sociedade, de notar sua capacidade inventiva para tanto ou de como eles obviam essa sua sociedade. Desse ponto de vista, ainda que se leve em consideração as limitações, o "Ensaio sobre a Dádiva" de Mauss merece um elogio naquilo que Merleau-Ponty (MERLEAU-PONTY, 1984) enxergou como motivo de crítica, ou seja, no fato de que Mauss reproduziu a teoria nativa (mesmo que não tenha sido ele quem foi às distantes ilhas do pacífico ou às tribos norte-americanas e outros povos citados em seu ensaio).

No caso dos povos Daribi estudados por Wagner, é curioso o fato de que tal era a dificuldade de compreender a forma de socialidade empreendida por aquele povo que a administração colonial fez alguns esforços (sem muito sucesso) na tentativa de conformar aquele povo a formas de convivência e de organização social

e de moradia similares a forma inglesa de se viver. Wagner entende que “qualquer tentativa de compor o todo como um ‘sistema’ ou ‘ordem’ estará invariavelmente comprometida” (WAGNER, 2010, p. 249). Isso vale tanto para colonizadores quanto para antropólogos. Assim, o autor em questão é contrário a quaisquer formas de determinismos. O que se deve fazer é respeitar o que dizem os nativos “como antropólogos que são” de sua própria cultura.

Quanto a automutilação, ou melhor dizendo, acerca dos grupos de WhatsApp para pessoas que praticam a automutilação, como ou o que poderá dizer o antropólogo? As críticas que recebi dizem respeito a que o estudo em grupos do WhatsApp não se constitui ou não permite o estudo etnográfico. Para estes que assim argumentam, etnografia parece existir apenas no plano geográfico e presencial. Outros declaram que ficando apenas com o que os “nativos” dizem nos grupos eu fico à mercê deles, fica o dito pelo não dito. Esse argumento soa como se o tipo de socialidade estabelecido pela interação nas redes sociais não fossem legítimas.

5.4 A PRÁTICA

Após fazer uma revisão das escolas antropológicas que predominaram nas décadas de 1960-70 em seu artigo “Teoria na Antropologia Desde os Anos 60” (ORTNER, 2011), Sherry Ortner constata que a maior parte das escolas que acabara de falar estavam se exaurindo, bem como a antropologia estava vivendo um período de “liminaridade” que daria origem a algo novo. O que a antropóloga estava a vislumbrar e a propagandear era nada mais, nada menos que uma nova abordagem que, aparentemente não era uma teoria, mas acabou por convencionar-se chamar de teoria da prática. Ela surgiu em fins da década de 1970 e teve como seus expoentes iniciais Bourdieu, Giddens e Sahlins. Ao começar a falar sobre a prática, Ortner vai de imediato mostrando para que direção seus estudos vão...

> Nos últimos anos, tem havido um crescente interesse em análises centradas em algum termo de um grupo de termos inter-relacionados, a saber: prática, práxis, ação, interação, atividade, experiência, performance. Um segundo grupo de termos, muito próximos àqueles, coloca o enfoque sobre quem realiza as ações: agente, ator, pessoa, *self*, indivíduo, sujeito. (ORTNER, 2011).

Para conceituar a teoria da prática por oposição, convém mencionar que ela surge também como forma de contestação ao estruturalismo. Ocorre que isso também era possível encontrar no interacionismo simbólico e no transacionalismo. Mas, diferente das duas últimas propostas que diminuíam o enfoque institucional ou o colocava “entre parênteses”, “a moderna teoria da prática busca explicar as ligações entre a ação humana e aquilo que chamamos de sistema”. Perceba que Ortner não fala em indivíduo, mas ação humana. Por simples que seja essa constatação, mas ela representa uma busca por sair do movimento pendular indivíduo-sociedade.

> O pressuposto fundamental da teoria da prática é que a cultura (em sentido muito amplo) constrói as pessoas como tipos particulares de atores sociais – mas atores sociais mesmo assim –, embora sua vivência concreta de práticas variáveis reproduza ou transforme – normalmente um pouco de cada – a cultura que os fez. Assim, reduzida a seu esqueleto, a idéia parece simples, mas não é. (ORTNER, 2007)

A teoria da prática, diferentemente do estruturalismo, da antropologia simbólica e de outras escolas que a antecederam (excetuando-se as de inspiração marxista), tem uma percepção de como as relações estão permeadas pelo poder, Ortner destaca “a assimetria social como a dimensão mais importante tanto da ação como da estrutura” (ORTNER, 2011). De acordo com essa teoria as diferentes formas de ação humana são vistas de um ponto de vista político, e além disso tanto a prática modela o sistema quanto o sistema é configurado pela prática. De uma forma resumida o que se pode dizer que a teoria da prática fez foi devolver “o ator ao processo social sem perder de vista a estrutura mais ampla que exerce coerção sobre a ação social (mas também a possibilita)” (ORTNER, 2007).

5.5 HÁ AGÊNCIA E INTENCIONALIDADE NA PRÁTICA DA AUTOMUTILAÇÃO?

Retornando ao termo “fazimento” que Pires toma a empréstimo de Darcy Ribeiro, diria que no caso dos indivíduos adeptos da prática da automutilação a agência, no sentido de fazimento ou de se fazer, está presente nessa percepção que a maior parte dos autores que acabo de falar estão tentando apontar: a de que toda

e qualquer relação social supõe que os agentes estão sendo influenciados e conformados pelas estruturas ao mesmo tempo que influenciam e alteram as estruturas. Em outras palavras: toda relação social (Ingold ampliaria para todo tipo de relação já que inclui além da relação com as pessoas, as relações com as coisas) é uma via de mão dupla: o indivíduo tanto é influenciado pela sua relação com os demais, como também é capaz de se fazer e influenciar seu mundo. A agência que se está a argumentar não implica na ideia do individualismo exacerbado. Nas palavras de Ortner:

> Antes de prosseguir, reafirmarei que “agência” nunca é uma coisa em si, mas sempre faz parte do processo do que Giddens chama de estruturação: o fazer e refazer de formações sociais e culturais mais amplas. (ORTNER, 2007).

Esse conceito parece interessante. Ele nem é estruturalista, nem interacionista. É um caminho alternativo. Supõe que há trocas entre as pessoas e o sistema. Mas isso não ocorre de forma harmônica e é aí que entra a noção de poder e assimetria da qual fala Sherry Ortner.

Especificamente no caso da automutilação, é perceptível que o indivíduo recém-iniciado nesta prática vai sendo adequado a um certo “modo de ser” automutilador. Mas, os mesmos iniciados estão conformando a sua (con) vivência com a automutilação e outros automutiladores com suas impressões, com a sua capacidade de agência. E é assim que uma prática segredada e realizada como rito privado vai ganhando diferentes contornos: vídeos de depoimentos no Youtube, criação de grupos no Facebook e WhatsApp, páginas no Tumblr, criação de campanhas de combate ou de conscientização como o Projeto Borboleta e o TWLOHA (To Write Love On Her Arms), etc. Seria exagero de minha parte falar numa cultura automutiladora, mas não vejo quaisquer problemas em falar de que está em curso a formação e desenvolvimento de um modo de ser provisório, um estilo próprio das pessoas que praticam a automutilação. Não é que apenas o fato de alguém se cortar crie um estilo de vida – até porque se trata de uma prática que geralmente é abandonada. Por agora é suficiente dizer que aquilo que era visto por alguns apenas como um rito privado está ficando mais complexo, do privado está caminhando para

inserções e formas de ser social cada vez mais ousadas e articuladas, mais ou menos acessíveis para o público que não se corta.

Entretanto, esse mundo relativamente fechado dos automutiladores, ou a teia de relações que eles desenvolvem por meio de sua capacidade de agência, não implica que esses agentes sejam autônomos no sentido pleno do termo. As teias de relações que eles acabam por desenvolver (e aqui estou retomando a ideia das teias como usadas por Geertz), são as mesmas que os enredam. Elas têm o poder de prender aos seus próprios criadores.

> Por outro lado, o agente está sempre enredado em relações de poder, de desigualdade, de competição e assim por diante. Sem ignorar as relações de solidariedade, a onipresença do poder e da desigualdade na vida social é central para a própria definição de jogos sérios. (ORTNER, 2007)

Quanto a noção de intencionalidade, ela não parece simples de se resolver. Sobretudo quando se fala no caso da automutilação. Mas, antes de prosseguir, o que é intencionalidade para Ortner?

> Em suma, intencionalidade como conceito quer incluir todos as maneiras como a ação aponta, cognitiva e emocionalmente, para algum propósito. (ORTNER, 2007)

Esse conceito parece não ajudar muito, é muito amplo. De toda forma, se eu fizer o exercício de entender como intencionalidade o mesmo que Ortner entende, mas onde ou há uma intencionalidade presente na automutilação? Minhas tentativas de resposta para essa pergunta ainda me parecem muito frágeis para responder de modo satisfatório. Dizer que a intencionalidade tem a ver com fuga, autopunição e outras razões não ajuda muito por enquanto. Até agora essa intencionalidade ou é difusa (porque não fica clara) ou precisa ser mais aprofundada. Ainda que eu não responda sobre a questão da intencionalidade na automutilação, mas aqui vai uma dica: Ortner chega a falar que a agência tem “dois campos de significado”. Um destes tem a ver com a noção de intencionalidade e “perseguir projetos”, outro diz respeito ao poder.

5.6 MAN AGAINST HIMSELF?

> E é esse modo “nativo” de *fazer* a sociedade, e não suas curiosas semelhanças com nossas noções de grupos, economia ou coerência, que move nosso interesse aqui. (WAGNER, 2010).

A automutilação tem um aspecto de anti-estrutura, de anomia. A conduta de se cortar é representada até em música como uma “saída de emergência”. Um automutilador pode passar semanas sem se cortar e, por algum motivo voltar a se ferir numa sequência superior à anterior ou ainda pode ser coagido a deixar de se cortar, pode fazer terapia, substituir a automutilação por alguma outra conduta, etc. Tentar fazer um quadro estático sobre automutilação não parece uma atitude aconselhável, visto que quem se corta está frequentemente flertando com a instabilidade, fuga, desespero, apelo ao prazer etc. O que se pode esperar de um grupo de WhatsApp para pessoas que praticam automutilação? Há um grupo de pessoas que estão fugindo de uma série de socialidades outras que não os comportam. Acabo de falar que as pessoas com as quais convivi estão fugindo de várias socialidades, muito embora eles se refiram e vejam “a sociedade” como uma vilã. A garota que foi o ponto de partida para meus estudos sobre a automutilação me disse na nossa primeira conversa que uma das razões dela se cortar era porque “a sociedade fazia bullying” com ela.

Nos grupos de WhatsApp para pessoas que se cortam eu vejo um espaço de refúgio, onde o que garante a aceitação é a condição de igualdade frente a automutilação. Nesses espaços as pessoas se apresentam e se representam de uma forma diferente daquela quando estão fora do grupo. Nesses grupos os automutiladores estão inventando sua socialidade por meio de sua agência, uma agência que não sei se pode ser chamada de difusa ou negativa pelo próprio fato de, nas suas representações os automutiladores geralmente associarem sua prática ao suicídio, a sofrimento, etc.

Se toda ação de fato corresponde a uma reação, qual a ação que motiva a automutilação? Uma ação voltada apenas contra as próprias insuficiências de quem se corta? Transtorno? Autopunição? A automutilação parece indicar um sinal dos tempos em que as formas de ser e de se relacionar andam confusas, difusas, conflitivas, mas sempre restritivas. Os grupos feitos por pessoas que praticam

automutilação nas redes sociais respondem a necessidades daqueles que não conseguiram lidar com as formas de se relacionar, de interagir vigentes.

Estes grupos são ciberbastidores onde os indivíduos podem atualizar seus modos de interação e, ao mesmo tempo atuarem para seus semelhantes de uma forma onde possam se sentir mais à vontade, ainda que isso queira dizer vivenciar de maneira mais intensa o sofrimento.

BIBLIOGRAFIA

A história de Amanda Todd- Legendado em português. **Kenpachi**. 20 out. 2012. 8min50s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gikbgGOE5II>, Acessado em 09/09/2016.

Aos Treze. Direção: Catherine Hardwicke. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2003. Título Original: Thirteen.

BISPO, Raphael. Jovens Werthers, Amores e Sensibilidades no Mundo Emo. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O camponês e seu corpo.** Revista Socio. Polit., Curitiba, n. 26, pp. 83-92, 2006.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de lei nº. 664, de 2015 que inclui o artigo 244C na Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, para tipificar o crime de induzimento, instigação, ou auxílio à automutilação de criança ou adolescente. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/123447>. Acessado em: 20/04/2016.

BRITTO, Fabiana e JACQUES, Paola. **Cenografias e corpografias urbanas**. Cadernos PPG-AU/UFPBA. Vol. 7, edição especial 2008. Parte III.

BRANDÃO, Reis Elaine e HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil**. Cadernos de Saúde Pública. Vol. 22. N. 7. Rio de Janeiro, Julho de 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 Jul. de 2017.

CASADÓ, L. TRABAJO DE CAMPO EN COMUNIDADES VIRTUALES PRO SELF-HARM. In: ORIOL, Romaní. **Etnografía, Técnicas Cualitativas e Investigación en Salud:** un Debate Abierto. Publicacions URV, Tarragona, 2013.

_____. **Los Discursos del Cuerpo y la Experiéncia de Padecimento. Acciones Autolesivas Corporales em Jóvenes**. Tésis Doctoral. Barcelona, Universidad Rovira i Virgili, 2011.

CLASTRES, Pierre. **Da tortura nas sociedades primitivas.** In.: A sociedade contra o estado: pesquisas de antropologia política. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CSORDAS, Thomas. **A Corporeidade como um Paradigma para a Antropologia**. In: Corpo, significado, cura. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

DAS, Veena. **Fronteiras, violência e o trabalho do tempo:** alguns temas wittgensteinianos. RBCS Vol. 14 no 40 junho/99.

DINAMARCO, Adriana Vilano. **Análise Exploratória sobre o Sintoma de Automutilação Praticada com Objetos Cortantes e/ou Perfurantes, Através de Relatos Expostos na Internet por um Grupo Brasileiro que se Define como Praticante de Automutilação**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2011.

DUBET, Francis. **"A Formação dos Indivíduos: a desinstitucionalização".** Revista Contemporaneidade e Educação, ano 3, v.3, pp. 27-33, 1998. Disponível em<http://www.ltddemi.com.br/staystrong.htm>. Acesso em: 08 Set. 2013.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FLEISCHER, S. R. **Doutora, ajudante e antropóloga**: Os desafios de chegar, ser aceita e permanecer entre terapeutas populares. In: Kelly Emanuelly de Oliveira; Luciana Maria Ribeiro de Oliveira; Ednalva Maciel Neves. (Org.). Pesquisa e ética na antropologia contemporânea: Territorialidade, gênero, saúde e patrimônio. 1ed.João Pessoa: Editora Universitária (Universidade Federal da Paraíba), 2013, v. 1, p. 151-185.

FRANCH, Mónica. **Tardes ao léu**: uma etnografia sobre o tempo livre entre jovens de periferia do Recife / Mónica Franch.- João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

_____. **Gênero, Geração e Saúde**. Diálogos entre a Antropologia e a Psicologia. 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gêneros 11, Transformações, Conexões e Deslocamentos. Florianópolis, 31 de julho a 30 de agosto, 2017. (no prelo)

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving, **Estigma**- Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

_____. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Trad: Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

JATOBÁ, Maria Manoella Verde. **O ato de escarificar o corpo na adolescência**: uma abordagem psicanalítica. Dissertação de Mestrado. Salvador, 2010.

KAYSEN, Suzanna. **Garota, Interrompida**. Tradução: Márcia Serra. São Paulo: Editora Gente, 2013.

LATINI, Cielo. **Abzurdah.** Editora Planeta, 2007.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo.** 2. ed. tradução de Sônia M. S. Fuhrmann.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **O RISCO DELIBERADO:** sobre o sofrimento dos adolescentes. POLÍTICA & TRABALHO, Revista de Ciências Sociais, n. 37, Outubro de 2012 - pp. 33-44.

_____. **ESCARIFICAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA:** uma abordagem antropológica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné – Melanésia**. São Paulo, Abril Cultural.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, (2003).

MEINERZ, Nádia Elisa. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (orgs.). **Entre saias justas e jogos de cintura.** Rio Grande do Sul: Edunisc, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. “De Mauss a Claude Lévi-Strauss”. In: **Textos selecionados**. São Paulo, Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

MÜLLER, Elaine. **As patricinhas no mundo do shopping center**: um discurso e algumas práticas juvenis bem-comportadas. Dissertação de mestrado. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

NEVES, E. e JEOLÁS, l. **Para um Debate sobre Risco nas Ciências Sociais: aproximações e dificuldades**. Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais, n. 37, Outubro de 2012 – pp. 13-31.

OLIVEIRA, Luis Roberto Cardoso de. A antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas. In.: FLEISCHER, Soraya e SCHUCH, Patrice [Orgs.]. **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica.** Brasília: Letras Livres: Editora Universidade de Brasília, 2010. 248p.

ORTNER, Sherry B. “**Teoria na antropologia desde os anos 60**”. Mana, 17 [(2):419-466, 211.

_____. “Uma atualização da teoria da prática”. In: GROSSI, Miriam P; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter H. **Reunião Brasileira de Antropologia – conferências e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, 2007 (pp.1944).

_____. “PODER E PROJETOS: REFLEXÕES SOBRE A AGÊNCIA”. In: GROSSI, Miriam P; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter H. **Reunião Brasileira de Antropologia – conferências e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, 2007 (pp. 45-80).

Os Treze Porquês, Netflix, Abril, 2017. Dirigido por Carl Franklin, Gregg Araki Helen Shaver, Jessica YU, et all.

Os Jovens Perguntam, por que eu me corto?. JW.ORG. Disponivel: <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/familia/adolescentes/perguntam/po-que-eu-me-corto/>. Acessado em: 11/04/2017.

Painful secrets. Direção: Norma Bayley. Estados Unidos: Vanguard, 2000. 93min.

PAIS, José Machado. **A Juventude como Fase de Vida:** dos ritos de passagem aos ritos de impasse. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009.

PERRUSI, Artur. **Sofrimento psíquico, individualismo e uso de psicotrópicos, saúde mental e individualidade contemporânea**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 27, n. 1. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v27n1/0103-2070-ts-27-01-00139.pdf.> Acessado em: 10 de jul. de 2017.

PIRES, Flávia. **O que as crianças podem fazer pela antropologia**? *Horiz. antropol*. vol.16 no.34 Porto Alegre July/Dec.2010.

Secretária. Direção: Steven Shaingerg. Estados Unidos: Slough Pond, TwoPoundBagProdutions, Double A Films. 2002. 104min.

SEGATA, Jean. **Dos Cibernautas às Redes** (capítulo3), e RIFIOTIS, Theophilos. **Etnografia no Ciberespaço como Repovoamento e Explicação** (capítulo 5), In: SEGATA, Jean e RIFIOTIS, Theophilos (orgs.). Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura. ABA Publicações, Brasília, 2016.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra** – o corpo e a cidade na Civilização Ocidental. Record, Rio de Janeiro, 2003 [1994].

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Corações Descontrolados**: ciúmes, raiva, impulsividade: o jeito borderline de ser. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

SILVA, Antônio Luiz da. **Pelas beiradas**: duas décadas do ECA em Catingueira- PB. Dissertação de mestrado. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2013.

SILVA, Everton de Lima. **Saída pelo corte:** um estudo sócio-antropológico sobre cutting na adolescência. Monografia. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2014.

STRATHERN, Marilyn. "**O conceito de sociedade está teoricamente obsoleto**?" In: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Unbroken- much music (legendado) parte 1. Thiago Takeshi. **Youtube**. 23 abr. 2012. 9min35s.
Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=iFyePLi8X44>. Acesso em: 19 Mar. 2013.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. **Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?** Cadernos de Campo, São Paulo, n. 19, pp.237-257, 2010.